



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura

Vasco Cerqueira Vieira

Light Scopes: Uma cronoscopia arquitetónica do ecrã para as crises do espaço, tempo e identidade segundo 'A Velocidade de Libertação' de Paul Virilio

Vasco Cerqueira Vieira
Light Scopes: Uma cronoscopia arquitetónica do ecrã para as crises do espaço, tempo e identidade segundo 'A Velocidade de Libertação' de Paul Virilio

UMinho | 2018

junho de 2018



Universidade do Minho

Escola de Arquitetura

Vasco Cerqueira Vieira

**Light Scopes: Uma cronoscopia arquitetónica
do ecrã para as crises do espaço, tempo
e identidade segundo 'A Velocidade
de Libertação' de Paul Virilio**

Dissertação de Mestrado

Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre
em Arquitetura - Área de Especialização em Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor João Ricardo Rosmaninho Duarte Silva

junho de 2018

DECLARAÇÃO

Nome: Vasco Cerqueira Vieira

Endereço electrónico: vasco_v34@sapo.pt

Título dissertação: Light Scopes: Uma cronoscopia arquitetónica do ecrã para as crises do espaço, tempo e identidade segundo 'A Velocidade de Libertação' de Paul Virilio.

Orientador: João Ricardo Rosmaninho Duarte Silva

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura

Área de Especialização: Cultura Arquitetónica

Departamento: Escola de Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 01/06/2018

Assinatura: _____

Agradecimentos

Professor João Rosmaninho, João Luís, Gonçalo e Mafalda

Resumo

Vivemos numa época dominada por uma cultura com ênfase no visual e aparente. O nosso quotidiano é marcado pela presença de meios eletrónicos e pela comunicação vinculada aos dispositivos media (principalmente através de ecrãs e interfaces). Esta investigação procura perceber a influência das tele-tecnologias sobre o espaço e a sociedade e, em específico, na interação entre os novos dispositivos e os espaços, na relação dos Humanos. Assim, sugere-se uma discussão acerca de um novo conceito de realidade dependente da introdução da luz artificial como meio de transmissão de informação provocando uma descontinuidade entre o que é a velocidade e o espaço, ou 'espaço real' e 'tempo real' proposto por Paul Virilio.

As crises geradas por esta rutura espácio-temporal, causada pela assincronia das diferentes temporalidades associadas ao desenvolvimento tecnológico, alteram o sentido de presença e percepção associados à espacialização Euclidiana. Por um lado, o desenvolvimento dos dispositivos media permite que a velocidade e o tempo de comunicação (tempo real) transcendam a distância e aproximem virtualmente lugares deslocados; por outro, a presença Humana (espaço real), associada à metafísica e aos bio-organismos, entra em confronto ou paradoxo com a experiência do espaço e com a respectiva realidade, sendo que esta, através dos dispositivos, pode ser manipulada. Por fim, os efeitos gerados sobre a experiência e a sensorialização transformam a consciência (presença e memória) e a existência (forma e identidade).

Abstract

We live in a period dominated by a culture of visual and apparent emphasis. Our everyday lives are marked by the presence of electronic means and by the communication linked to the media devices (mainly through screens and interfaces). This investigation seeks to understand the influence of tele-technologies on space and society, in specific, on the interaction of spaces and new devices, in the Humans relationships. So, is suggested a discussion about a new concept of reality dependent on the introduction of artificial light as a means of transmitting information, causing a discontinuity between what is velocity and space, or 'real space' and 'real time' proposed by Paul Virilio.

The crises generated by this space-time rupture, caused by the asynchrony of the different temporalities associated with technological development, alter the sense of presence and perception associated with Euclidean spatialization. On the one hand, the development of the media devices allows the speed and the time of communication (real time) to transcend the distance and approach virtually displaced places; on the other hand, the Human presence (real space), associated with metaphysics and bio-organisms, confronts the experience of space and the respective reality, which can be manipulated through the devices. The effects generated on the experience and the sensorial process that transform the consciousness (presence and memory) and the existence (form and identity).

Índice	
Índice de imagens	XIII
Introdução	15
Crise 1. Assincronia – Da assistência e das simultaneidades temporais	21
1.0 A Luz Natural e a Velocidade Eletrónica	22
1.a Alteridade	36
1.b A Telepresença	44
1.c O Espaço negado	54
Crise 2. Reconfiguração – Da transfiguração do espaço	63
2.0 A Luz Artificial e a Variação Morfológica	64
2.a Multiplicidade	70
2.b A Nova Janela	78
2.c A Tele-acção	90
Crise 3. Oblívio - Da identidade e da existência	99
3.0 O Encandeamento de Informação e a Estagnação Histórica	100
3.a Bi-polaridade	108
3.b O Presente Contínuo	116
3.c O Holograma	124
Conclusão: Limbo	134
Glossário	141
Bibliografia	147
Anexos: Referências	151

Índice Detalhado

Introdução

Causas
conceitos
espaço tempo
velocidade

Crise 1. Assincronia - Da assistência e das simultaneidades temporais

1.0 A Luz Natural e a Velocidade Eletrónica

- i conceitos
- ii espaço-tempo
- iii velocidade

Efeito
o acidente
inconsciência temporal
variações
mais-além

1.a Alteridade

- i o acidente
- ii instante temporal
- iii alternância
- iv automato

Efeito
visão
representação de sensações
substituição
estado

1.b A Telepresença

- i visão dupla
- ii tele-representação
- iii assistência
- iv da repercusão

Efeito
dimensão outra
rede
outra realidade

1.c O Espaço Negado

- i tempo ausente
- ii endótico
- iii distante-próximo

Conclusão: Limbo

Glossário

Bibliografia

Anexos: Referências

Crise 2. Reconfiguração - Da transfiguração do espaço

2.0 A Luz Artificial e a Variação Morfológica

- i conceitos
- ii espaço-tempo
- iii velocidade

2.a Multiplicidade

- i o acidente
- ii possibilidade
- iii múltiplo
- iv sublime

2.b A Nova Janela

- i abertura
- ii horizonte
- iii experiência abstrata
- iv da repercusão

2.c A Tele-acção

- i portátil
- ii tele-actor
- iii inércia

Crise 3. Oblívio - Da identidade e da existência

3.0 O Encandeamento de Informação e a Estagnação Histórica

- i conceitos
- ii espaço-tempo
- iii velocidade

3.a Bi-polaridade

- i o acidente
- ii deslocalizado
- iii identidade múltipla
- iv inteligencia artificial

3.b O Presente Contínuo

- i sobreposição
- ii evento em excesso
- iii fragmentação temporal
- iv da repercusão

3.c O Holograma

- i hiper-real
- ii vertigem
- iii projeção-luz

Índice de imagens

imagem 1 – Nicolau Copérnico. 'Heliocentric Model'. 1543. em 'As revoluções das Orbes Celestes' de Nicolau Copérnico - <https://earthobservatory.nasa.gov/Features/OrbitsHistory/>

imagem 2 - 'Eadweard J. Muybridge's. 'The Horse in Motion'. 1878, em 'Suspensions of Perception' de Jonathan Crary. -http://www.hrc.utexas.edu/exhibitions/permanent/windows/southeast/eadweard_muybridge.html

imagem 3 – Gary Hill. 'Tall Ships'. 1992. Henry Art Gallery - <http://dig.henryart.org/northwest-artists/artist/gary-hill>

imagem 4 – Johannes Vermeer. 'The Astronomer'. 1668. em 'Técnicas do Observador' de Jonathan Crary - https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0e/Johannes_Vermeer_-_The_Astronomer_-_WGA24685.jpg

imagem 5 – James Turrell. 'Wide Out'. 1998. em 'Arts of Wonder' de Jeffrey L. Kosky - <http://jamesturrell.com/work/wide-out/>

imagem 6 – M.C.Escher. 'Another World II'. 1947. - <https://www.moma.org/collection/works/61544>

imagem 7 - Isaac Julien 'True North'. 2004. - <https://akronartmuseum.org/pastexhibitions/arctic-revisions-isaac-juliens-ittrue-northi/1497>

imagem 8 – Euros Lyn. 'Fifteen Million Merits'. 'Black Mirror'. 2011. -<https://euanslearningfilm.wordpress.com/2016/11/12/symbolism-hegemony-in-black-mirror-fifteen-million-merits/comment-page-1/>

imagem 9 - Giovanni Battista Piranesi. 'View of the Arch of Titus from Vedute di Roma'. 1770. de 'Piranesi, Catálogo completo das águas fortes' de Luigi Figacci 2016 - <http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/64533>

imagem 10 - Luc Courchesne. 'Portrait One'. 1990. - https://www.researchgate.net/figure/Luc-Courchesne-Portrait-One-1990-Photo-courtesy-the-artist_269984433

imagem 11 – 'Phenakistoscope'. em 'Techniques of the Observer'. 1990. de Jonathan Crary. -<http://www.thisiscolossal.com/2013/10/the-first-animated-gifs/>

imagem 12 – Tokujin Yoshioka. 'Space'. 2005-2006. Lexus - Tokujin Yoshioka x Lexus L-Finesse - <http://www.tokujin.com/exhibition/exhibition-exhibition>

imagem 13 – Gustave Doré. 'Plate 12: Canto IV'. Dante Alighieri. 'Inferno'. - https://commons.wikimedia.org/wiki/Commons:Valued_image_candidates/Gustave_Dor%C3%A9_-_Dante%27s_Inferno,_Cantos_III_and_IV

Introdução

Atualmente, vivemos uma realidade apoiada na cultura dos media, onde a informação que nos é apresentada (aos órgãos sensoriais) vem comunicada por dispositivos teletecnológicos que articulam o mundo natural e o digital-cibernético. Com efeito, a arquitetura não se revê apenas na forma contínua, linear do presente, mas numa multiplicação de aplicações que ocorrem em simultâneo e no mesmo espaço. Deste modo, a arquitectura não pode ser unicamente reconhecida a partir do olhar 'nu' (natural), mas necessita da influência de interfaces ou ecrãs que transformam as qualidades espaço-temporais dos lugares.

Com o desenvolvimento dos media surgiu também a comunicação eletrónica através da luz artificial. Esta última permite o surgimento de uma rede global que conecta os espaços no instante, no imediato; mas, para desenvolver a problemática de rede e luz, é necessário explicar dois conceitos base: o espaço-tempo e a velocidade.

O espaço-tempo baseia-se numa relação síncrona entre os dois termos que são rompidos pela velocidade dos circuitos eletrónicos que comunicam à distância, no imediato, e sem necessidade de se tornarem materiais. Para compreender melhor a problemática tratada, ao longo da história, o conceito espaço-tempo esteve sempre relacionado com as distâncias dos territórios. Os tempos de duração dos percursos entre as cidades, as estruturas sociais e relações geográficas desenvolveram, através da comunicação ou dos afastamentos, as identidades dos lugares e dos indivíduos. A comunicação directa, o transporte das mensagens ou a proximidade das sociedades determinavam as culturas. Agora não existe diferença nem afastamentos; a cultura é unificada por uma rede imediata que olha para qualquer parte do mundo simultaneamente. Assim, qual o significado de distância e duração, agora que espaço e tempo perderam a sua capacidade de definir afastamentos?

A velocidade existe enquanto vínculo da locomoção e da comunicação e faz parte da história da evolução tecnológica enquanto conceito associado à duração do espaço-tempo que, cada vez mais, é reduzida pelos meios energéticos, eletromagnéticos, e veículos criados.

A velocidade eletrónica é o meio último desta evolução, reduzindo a duração e representando a velocidade do instantâneo. A distância e a matéria são desintegradas por uma velocidade absoluta que nos transporta a qualquer momento para qualquer lugar. Consequentemente, nesta causalidade de perda espacial face a uma cultura de lugar e de referência geográfico-histórica, impõem-se a questão: Qual o sentido da velocidade se a teletecnologia nos identifica como presentes num lugar, em uma origem?

Para desenvolver esta problemática, esta Crise, seleccionámos o livro 'A Velocidade de Libertação' de Paul Virilio (1996) publicado pela Relógio de Água (versão do original, La vitesse de Libération,

éd. Galilée, 1995), em que se referêcia o conflito entre dois termos – ‘Tempo real e Espaço real’. Este paralelismo entre termos permitir-nos-á aprofundar esta problemática a ponto de a relacionar mais especificamente com a arquitetura, em consequências ou efeitos mais próximos da realização espacial.

Como objetivo, esta investigação questiona o conceito de realidade através da rutura espácio-temporal provocada pela velocidade eletrónica instituída pelos ecrãs nos dispositivos media. Assim, são analisados os conceitos de tempo, espaço e identidade com o intuito de repensar as novas dimensões da arquitetura na sua relação com as teletecnologias. Também se pretende olhar para a crise gerada pela introdução das tecnologias digitais na perceção e na comunicação sobre o espaço, estabelecendo uma descontinuidade sobre a existência da realidade enquanto conceito íntegro. Em consequência, analisam-se as propriedades associadas à velocidade instantânea digital no seu poder de desintegrar a materialidade e os elos espaciais que constroem a nossa perceção. O estudo reflete o entendimento dos conceitos de ‘Espaço real e Tempo real’ de Virilio, os mesmos que constroem a nossa memória-identidade enquanto indivíduos e a nossa referêcia de existência no lugar real.

A escolha do título, ‘Light Scopes’, refere-se ao confronto de velocidades sob o do domínio da luz que altera a perceção (a nossa visão do mundo) e a existência em consequência da experiência. A arquitetura e a matéria são fragmentadas pelas tecnologias eletrónicas, pelas variações instantâneas apresentadas nas superfícies dos ecrãs e, neste sentido, a cultura visual, a cultura da luz, apodera-se dos corpos, da identificação do ‘ser’. A arquitetura relaciona-nos com o lugar, com a identidade Humana no espaço e tempo, a passo que o real se perde na perceção acelerada da tecnologia digital. A essência da arquitetura e do indivíduo no espaço altera-se na rede (sem fios) e no espaço infinito da dimensão virtual.

A domesticidade (o espaço de conforto e privacidade assegurado pelas propriedades tectónicas da arquitetura) é rompida pela velocidade, pela ilusão da visão. De facto, o nosso sentido de maior integração e presença, a visão, vê-se separado dos outros sentidos pois é o único que consegue acompanhar a velocidade. Mas estando este separado dos outros, torna-se suscetível a enganos, a erros e a disrupções perceptivas. A qualidade da experiência, a essência Humana são afetadas pela multiplicação de imagens, que se refletem em superfícies, ecrãs e novos espaços de comunicação. A arquitetura, o continuum de espaço e tempo e a memória da matéria, são subpostos por uma hiper-realidade, alteridade efémera, que nos transporta através da luz para uma dimensão descorpórea. A arquitetura perde os limites perante uma crise de existência, numa realidade de representação renovada pela velocidade das imagens, pelas fragmentações da perceção.

A metodologia utilizada começa por analisar os efeitos gerados pelas Crises, pelas ruturas do espaço causadas pela velocidade eletrónica nos meios visuais e de como estes efeitos afetam a nossa

percepção à luz das superfícies, ecrãs e dispositivos. As consequências são então definidas por três áreas distintas: o tempo, o espaço e a memória. A estrutura convencional de realidade - velocidade = espaço : tempo - é rompida pela nova variação da velocidade (a velocidade da luz) que, devido às suas características de instantaneidade, põe em causa a relação de espaço e tempo na constituição do 'real'. Ao introduzir uma velocidade absoluta, simultânea (a da luz artificial), o espaço e o tempo Humanizados ficam dessincronizados.

Esta descontinuidade da experiência fica então subdividida por três Crises: a da presença; a da forma; e a da memória. Contudo é de revelar que estas são diminuídas para efeitos arquitetónico-espaciais como a assincronia (tempo da presença), a reconfiguração (essência a forma) e a identidade(memória). Estes efeitos, estas Crises, começam por ser analisadas sob um sentido perceptivo, o da presença. Mas, ao longo do desenvolvimento, pela imersão tecnológica, observa-se que as causas da velocidade (as quais, por princípio, são exteriores ao corpo, conceitos inerentes a definições abstratas da realidade), começam a afetar a nossa consciência e a nossa própria definição enquanto indivíduos. O que começa por ser uma crise de tempo, de duração, desenvolve-se numa crise de identidade e memória. Neste processo, a arquitetura revela-se afetada em toda a sua experiência pelas tecnologias media.

Estas problemáticas de confronto entre tempo, espaço e velocidade são levantadas no livro "A Velocidade de Libertação" de Paul Virilio, enunciando a crise da realidade atual, gerada pela introdução das tecnologias digitais e consequentemente da velocidade da luz. O autor entende esta problemática num encontro com a desconstrução e reorganização espacial mas, também, nos efeitos dos ecrãs na percepção e relação Humanas. Por estes motivos, este livro serve de mote e objeto de investigação para a estrutura da dissertação, elaborando conexões entre as temáticas do próprio livro e as crises espaciais enunciadas pelo autor, numa confrontação com a cultura arquitetónica. Para esse confronto, esta investigação apropria-se da obra 'A Velocidade de Libertação', através da incisão e apropriação de algumas citações originais de Paul Virilio que são colocadas em contraponto ao texto crítico. Assim, na estrutura da análise, as páginas pares apresentam as citações transcritas da obra de Virilio e as páginas ímpares contêm o texto que cruza uma crítica a essas expressões com recurso a outros autores, no sentido de reclamar a temática da velocidade frente à espacialidade mas com um olhar mais direcionado para as consequências na arquitetura.

A organização do trabalho projeta-se em três Crises que se focam em problemáticas arquitetónicas específicas. Em primeiro lugar a Crise do tempo – assincronia, aponta como percebemos as durações e as presenças nos espaços, a instantaneidade que nos transporta entre lugares. Em segundo, a Crise da forma-reconfiguração reflete os efeitos da luz nos os espaços e nos seus limites e aponta para a variabilidade e mutabilidade das formas com que a luz apropria os lugares. Por último, a crise da memória - identidade levanta a problemática do 'ser' (dasein), do indivíduo se

reconhecer num espaço e num tempo enquanto habitante. Esta última Crise foca-se na aceleração da produção e comunicação da informação onde, devido ao seu volume e velocidade, se apodera da nossa capacidade de memória, estagnada a nossa percepção de lugar e nos deixa imersos pela luz, pela dimensão ilimitada da tecnologia.

Em profundidade cada Crise se organiza em quatro subcapítulos: iniciando pela causa desestabilizadora e enunciando, de seguida, alguns efeitos da experiência perante o confronto entre espaço e a velocidade. As crises originam-se pelo estado 0 (zero), as causas, os elementos de cisão, as características da luz e da velocidade que, a cada Crise, se confrontam com a realidade. A imersão das Crises e dos subcapítulos 0's (ao longo da dissertação) estão na mesma condição, iniciam-se num estado de percepção, de duração, mas que, devido à aceleração, nos faz perder a capacidade de acompanhar a velocidade mecânica revelando-se uma estagnação orgânica, uma ilusão, um obívio que culminará num limbo (conclusão).

Os subcapítulos A's abordam os efeitos da instabilidade devido ao confronto da matéria e da velocidade. Estes demonstram a instabilidade real entre a experiência e as causas teletecnológicas. De seguida os subcapítulos B's representam efeitos de conexão de representação provenientes da digitalização, ou seja, o resultado dos interfaces, da comunicação teletecnológica e da extensão de funções, como adições à realidade, realidades aumentadas. Por final, os subcapítulos C's estão relacionados com a projeção dos efeitos para além do corpo-matéria: os últimos efeitos da luz como precursores de realidade ou ausência desta. Tais efeitos revelam projeções, o negativo real, a ausência do material do corpo de origem, são o resultado dos outros efeitos numa imersão percepto-tecnológica.

Como desfecho conclusivo, a dissertação tem o propósito de explorar a crise do tempo e do espaço gerada pela assincronia de velocidades, prosseguindo para a crise da constante variação de funções na instabilidade dos espaços e seus limites e, por último, de avaliar como essas fragmentações anteriores alteram o conceito de 'lugar' ou 'realidade outra' que afeta a existência do indivíduo. Esta narração de crises conclui-se num estado único intitulado de limbo.

Nota de Leitura

Todas as expressões retiradas de referências bibliográficas contidas no corpo de texto aparecem traduzidas livremente para Português pelo autor deste trabalho, porém as expressões originais são acrescentadas nos anexos.

Crise 1. Assincronia – Da assistência e das simultaneidades temporais

“O tempo cronológico e histórico, o tempo que passa, é substituído pelo tempo que se expõem instantaneamente.” Paul Virilio. ‘Lost Dimension’. 1991. p.14

1.0 A Luz Natural e a Velocidade Eletrónica

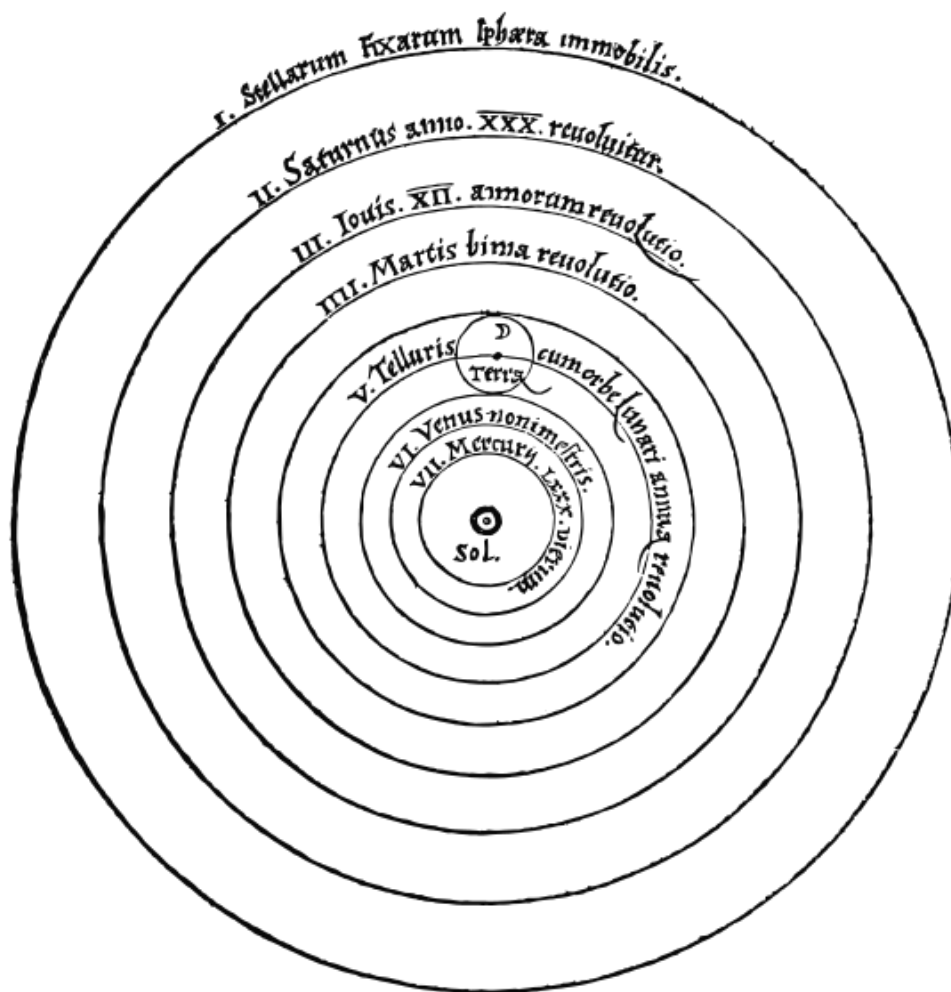


imagem 1 - 'Universo Heliocêntrico'. Nicolau Copérnico. 1543.
 Este mapa marca a alteração da visão sobre o universo onde, o Sol e a luz se encontram na origem do espaço.

“É essa a «revolução das transmissões», esse controlo do meio ambiente em tempo real que, a partir de agora, suplanta o tradicional ordenamento de um território real.

Com efeito, a velocidade não serve somente para mais facilmente nos deslocarmos, ela serve, antes de mais, para ver, para escutar, para divisar e, por conseguinte, para conceber mais intensamente o mundo presente.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.35

conceitos

A Assincronia procura relacionar a Crise da experiência do tempo ou tempos, aliando-os com a presença no espaço da arquitetura. Deste modo, o discurso foca-se entre espaço, distância e influência da velocidade na interação temporal na arquitetura e o objetivo é perceber como as diferenças temporais e os desencontros de velocidades de interação tecnológico-humana provocam assincronias de presença ou simultaneidades de interação entre tempo-espacos distantes.

No seguimento desta discussão, propõem-se analisar a problemática gerada pela diferença entre 'espaço real' e 'tempo real', os quais assumem a velocidade eletrónica como elemento capaz de substituir as realidades e os afastamentos espaciais por um presente assistido, ou seja, pela presença. Neste sentido, o 'presente corpóreo' é transportado à distância e no momento (presente-instante) pelos dispositivos, transformando esta 'presença' numa telepresença. Através dos interfaces, a velocidade gerada pela tecnologia transforma a velocidade instantânea (ou velocidade da luz) numa propriedade extensível até nós, ampliando assim o campo de visualização para um espectro do sistema sensível ocular e transportando-o para qualquer geografia do mundo a qualquer momento.

A velocidade desempenha então um papel de rutura entre as realidades - natural e digital, 'tempo real' e 'território real'; Não só por proporcionar uma extensão global imediata, presente, mas por ultrapassar os limites metafísicos orgânicos-síncronos, no sentido em que o espaço e a compreensão temporal que originam as distâncias são negadas ou nulas. Nesta causa, a velocidade representa um meio de ampliação da experiência, da presença e de controle do tempo real através do transporte de informação e do domínio do território face à realidade. Deste modo, é importante explicitar a sequência natural dos ciclos de espaço-tempo e relaciona-los com o conceito de velocidade enquanto reunião sensorial. Posteriormente, fraciona-se a sequência do espaço e tempo, de modo a perceber que estas noções podem ser independentes e, entender que a percepção resulta de uma experiência sensorial incompleta, podendo ser ultrapassada pelas tecnologias, gerando, assim, crises da percepção (mais especificamente da assincronia), ou seja, a crise das temporalidades.

Para compreender esta crise de presença, aprofunda-se o estudo a acerca do conceito 'luz' e da sua velocidade, sendo que esta é originada pela introdução electro-tecnológica na comunicação. Esta análise prevê não só um olhar específico sobre o espaço e a arquitetura mas também antevê como estes dois elementos se vão relacionar sob a forma de crises e fragmentos.

Este conceito composto por velocidade e luz ¹confronta a velocidade dos processos congénitos, naturais, diferenciando-se ou gerando camadas independentes de meios que se tornam assíncronos nas suas unidades temporais de transformação. Estas diferenças originam uma quebra na

1 Stephen Hawking. 'A Brief History Of Time'. 1988. p.12 "Desde que a velocidade da luz é apenas uma distância, esta viaja dividida pelo tempo de duração, levando a que diferentes observadores a medissem a diferentes velocidades."

“Quando os nossos astrofísicos falam da «matéria-espaço-tempo» e não apenas do «espaço-tempo», contribuem para que se encerre a extensão e a duração na rede de um outro tipo de materialidade cósmica que não tem relação com a nossa experiência da tripartição material, espacial e temporal.

Ao introduzirem um terceiro tipo de intervalo do género «luz» ao lado dos outros dois, género «espaço» e do género «tempo», eles provocam a emergência de uma última conceção do tempo, não já unicamente o tempo da sucessão cronológica clássica, mas a conceção de um tempo de exposição (cronoscópico) da duração dos acontecimentos velocidade da luz, (...) que apaga progressivamente os indícios e acaba por dissimular a verdade dos factos, então a velocidade da luz, a sua única «luz», já não se pode considerar a duração – toda a duração, como toda a extensão – sem auxílio da iluminação de uma rapidez absoluta que modifica o entendimento do tempo. Ao tempo que passa das mais longas durações acrescenta-se hoje, pois, um tempo que se expõe instantaneamente: o das mais curtas durações, do domínio do eletromagnetismo e da gravidade.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.24

linearidade temporal e, conseqüentemente, na alteridade desta. Todo este sistema se gera na rede de comunicação global e na telepresença, ou seja, na assistência e comunicação à distância, através do transporte virtual e instantâneo dos sentidos. A rede eletrônica e a extensão global acabam por se confrontar através da velocidade, visto que a espacialidade é ultrapassada pela instantaneidade no que se redefine por uma anulação do espaço (ou dos intervalos temporais) e por uma presença, uma assistência virtual através da representação por ecrãs.

espaço tempo

“A arquitetura é o nosso principal instrumento para nos relacionar com o espaço e o tempo e dar a essas dimensões uma medida humana. Esta domina espaço ilimitado e o tempo infinito para serem tolerados, habitados e compreendido pela humanidade.”²

A arquitetura integra-nos no mundo, define interiores, espaços de conforto e a existência do indivíduo no seu tempo. O tempo infinito, o do exterior, é controlado pelo domínio que mantemos sobre o ambiente (doméstico). No interior, a velocidade do tempo passa a ser o nosso ‘próprio tempo’ e, neste espaço, o elemento e a causa da velocidade, é o próprio indivíduo e os seus os ciclos. A arquitetura retoma o espaço para o nosso controle sobre velocidade.

A análise parte então da relação entre espaço e velocidade numa associação dos ciclos espaço-temporais na arquitetura definindo sincronias ou ruturas destas como consequência da instantaneidade eletrônica. Nesta comparação é necessário definir alguns conceitos como velocidade e tempo e relacioná-los com percepção e experiência sensorial da arquitetura. A presença em arquitetura confronta o corpo e a materialidade, o sentido háptico e o alcance à distância da visão. Aqui, a visão passa a ser o sentido dominante, no qual o tempo eletrônico apenas se demonstra como imagem para o olhar.

Iniciada esta discussão, torna-se não só indispensável introduzir o conceito de tempo, como alia-lo aos conceitos de ‘velocidade’ e aos efeitos visuais. O próprio dado numérico ou definição de ‘distância’ de tempo é a durabilidade determinada por uma noção espacial de intervalo, é o intervalo (ou distância) que fixa a duração entre pontos, ou seja, o que determina o conceito de tempo. A partir das distâncias surgem períodos ou intervalos diários num ritmo sequencial uniforme que resulta em horas. O certo é que, toda a estruturação temporal parte de uma conceção visual de distâncias e ritmos visíveis.

Mas este conceito de intervalos está também relacionado com a velocidade ou a duração com que são compreendidos. A captação do movimento da matéria pelos órgãos sensoriais apreende a velocidade, e a deslocação (o tempo entre distâncias).

O tempo, tal como o entendemos, encontra a sua origem na subdivisão da experiência Humana e

“Dado que a óptica é a parte da física que trata das propriedades da luz e, por isso, dos fenómenos de visualização, ao desdobramento da vista junta-se também o desdobramento da própria luz, não apenas como outrora, entre luz natural (o Sol) e artificial (a electricidade), mas ainda, entre luz directa (Sol e electricidade) e luz indirecta (vídeo-vigilância), que resulta da interacção do tempo real dos fenómenos ópticos e da electrónica, donde vem o termo opto-electrónica.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.62

na criação de uma imagem, de uma realidade numérica e cíclica dividida numa sequência de loops sincronizados. A pretensão de uma imagem singular ou linear que pudesse atribuir um entendimento empírico à noção de tempo, culmina com a invenção do relógio e do calendário. Este princípio subdividiu 'o dia' em segmentos que determinaram os períodos aos quais as atividades do nosso cotidiano e as necessidades orgânicas se devem submeter, construindo-se assim esquemas rítmicos que determinam as variações da experiência diária.

A percepção de tempo baseia-se, por um lado, no tempo empírico e abstrato do movimento de uma forma como um relógio, mas por outro, no tempo de deslocação do indivíduo, do nosso corpo enquanto matéria 'real', platônica, em movimento e em transformação.

Atualmente, devido aos variados dispositivos eletrônicos, parecem emergir duas categorias de movimento e duração- tempo. Por um lado, existe o tempo natural, cronológico e, por outro, o tempo instantâneo ou de curta duração, sendo este último de origem tecnológica. Com esta 'dualidade' de tempos instaura-se uma separação entre a realidade diretamente percebida e a realidade refletida pelos interfaces. No entanto, estas duas categorias de tempo e de experiência da realidade baseiam-se na velocidade como elemento de noção de movimento e transformação, o que provoca um acidente na constatação de tempo-espaço.

Os ciclos humanos, ou seja, a narração da sequência temporal dos acontecimentos históricos, cingiram-se a uma sequência linear baseada nos ciclos solares que, periodicamente têm vindo a organizar o tempo e, sobretudo, a velocidade.

Os ciclos solares definem a experiência e a divisão temporal de dia e noite, uma abstração em relação à presença de luz que define ritmos e as rotinas. Também a partir da percepção do sol são definidas durações, ou seja, o tempo-velocidade que difere a distância entre dois pontos. Por exemplo o que define o 'dia' é a distância entre cada 'nascer de sol'. Com esta medida de dia através da luz do sol, as unidades de velocidade dependiam de divisões do dia, ou seja, de partes da unidade de velocidade-tempo existente. Com o desenvolvimento da percepção e da eficiência de funções foi intencionalmente convencionada a criação de períodos do dia, métricas, que definem distâncias e fins de acontecimentos. Com este propósito emerge a noção das horas, que nada mais são do que abstrações métricas do dia; a partir daí conseguimos definir com maior precisão o tempo, ou durações e, por conseguinte, a velocidade.

velocidade

A velocidade estende-se como uma variável entre o que é a matéria, o espaço e a duração, originando um intervalo de tempo, que pode ser maior ou menor dependendo da deslocação. A velocidade é

“(...)uma perspectiva temporal que as nossas ciências, as nossas tecnologias da comunicação, não param de modificar, acelerando constantemente a passagem da imagem, mesmo com o risco de provocar, um dia destes, um acidente nessa circulação do real que, tudo indica, será um acidente sem precedentes” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.160

determinada pela duração de um percurso (uma distância entre dois pontos) e resulta do espaço sobre o tempo de deslocação.

A duração da matéria ou tempo tem uma velocidade de transformação e mutação, que em comum é chamada de 'tempo cronológico'. Consequentemente, a velocidade e o tempo são termos que derivam da espacialidade e da distância, como noções interdependentes.

A velocidade da luz é também um conceito de tempo, previamente associado à convivência com o sol e à temporalidade (o dia e a noite) que, com a descoberta da corrente elétrica, suplantou as anteriores energias e instaurou um meio de transporte de informação imediato.

Este meio energético, o da corrente elétrica, tornou-se ideal para as transmissões digitais, não só porque é a partir dela que os dispositivos se alimentam mas porque o código digital e o processamento se articulam com a mecânica assíncrona e instantânea, electro-magnética. Este tipo de comunicação através do transporte de luz, distancia-se da natural e transforma-se em artificial (sobre o tempo espaço sobre a imagem da visão).

Os meios eletrónicos originam a sua própria luz e o seu tempo. Em síntese, originam os seus ciclos mecânicos e imediatos. Estes dispositivos baseiam-se numa fonte de energia que também é uma fonte de comunicação, um meio eletrónico comunica com a luz, ou seja, projeta-se sobre a luz enquanto imagem e enquanto transporte. Esta capacidade associa os meios eletrónicos com a possibilidade de serem alimentados ou conectados a uma rede de comunicação e estarem instantaneamente conectados a um sistema de transporte de informação. A partir desta instantaneidade, a luz artificial não necessita da luz natural para ser percebida; não necessita dos ciclos dos sistemas métricos orgânico-humanos para definir as suas funções. A partir da sua introdução o mundo separa-se em duas velocidades: a de percepção humana e a de instantaneidade eletrónica.

Mas a corporeidade da eletricidade não reflete, de facto, a sua potencialidade visto não se estender entre dois objetos ou dois pontos. Não existindo uma ligação única, pode ecoar uma mensagem por uma rede infinita de ligações simultâneas. A transmissão não significa uma linha entre uma origem e uma chegada mas uma teia que parte de uma fonte e origina um processo de troca ilimitado, impercetível.

A eletricidade não 'ocupa espaço' mas gera espaço através da energia que transporta. A eletricidade não é perceptível mas nos ecrãs enquanto transmissores de informação transforma-se e projeta-se segundo a forma de luz. Aí, enquanto meio visual, inunda os espaços com a projeção de impulsos. Com efeito, a velocidade da luz é o meio mais evidente devido à sua característica de deslocação instantânea, por todo o globo.

“à iluminação directa do astro solar, que decompõe em jornadas distintas a actividade anual, junta-se a partir de agora, para nós, a iluminação indirecta, a «luz» de uma tecnologia que favorece uma espécie de desdobramento da personalidade do tempo entre: tempo real das nossas actividades imediatas, em que agimos ao mesmo tempo aqui e agora, e tempo real de uma interactividade mediática que privilegia o «agora» do alinhamento horário da emissão televisiva em detrimento do «aqui», quer dizer, do espaço do local de encontro, como numa teleconferência que se realiza, graças ao satélite, mas paradoxalmente em nenhuma parte do mundo (...)“ Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.63

A velocidade altera a percepção do mundo, ou seja, altera a nossa visão. Nos dispositivos media de representação, como os que surgem a partir da fotografia, do cinema, da televisão e dos dispositivos digitais, a alteração da visão, é dada pela transmissão eletromagnética. A velocidade altera a distância e, conseqüentemente, a espacialidade. Enquanto que a visão é afetada pela velocidade, a percepção não consegue fixar os pontos. A velocidade 'esmaga' o horizonte, não só na sua captação, mas também na representação através do plano do ecrã.

Sendo que a matéria e os seus processos de transformação, as suas variações de forma e os seus movimentos, são referência de tempo, hoje com a velocidade na forma de luz artificial, os corpos da matéria movem-se a velocidades diferentes, instantâneas ou impercíveis. Vivemos, então, perante uma crise da fricção e da transformação entre a nossa velocidade orgânica e a velocidade invisível da luz.

A captação da luz pelos órgãos sensíveis, os olhos, são por um lado o sentido de maior compreensão de realidade mas, por outro, também o sentido mais suscetível à ilusão. Desde há dois séculos que o estudo da visão e da produção de imagem (através das máquinas de ver), se explora os processos de ilusão e da consciência. Quando aplicada a velocidade à imagem, esta ilude a percepção de movimento e, conseqüentemente, o objeto aparenta ganhar vida afastando-se da realidade.

“A batida do zootrópio, acelerando, o bater das asas da gaivota dentro do espaço imaginário, o bater de todos aqueles dispositivos mecânicos dos quais, o real parece irromper em vida através dos fragmentos inorgânicos e ainda mortais e a forma particular do prazer ligado a esse ritmo ... Pareceu-lhes que, o que foi confirmado, foi uma ordem em que a separação ordenada dos sentidos - o espaço logicamente segmentado do tempo - havia sido dissolvido, desconstruído.”³

A evolução das transmissões e das tecnologias de comunicação à distância ganha o controlo do ambiente e do tempo real e, assim, rompe com o ordenamento físico do território real. Sobre este efeito, a velocidade não é só um meio de agilização da deslocação mas agora representa um meio de substituir em antecipação ou em distância os sentidos. A velocidade serve como ampliação da visão, da audição e por arrasto concebe um presente mais intenso, mais veloz nas suas comunicações e trocas sensoriais.

Desde a sua introdução que, a luz altera a velocidade-limite, numa constante que ilumina o espaço e o tempo em simultâneo. Essa exposição, tempo-luz, altera a determinação do presente e do instante real, ou seja, o limite da apreensão de fenómenos, da duração e extensão da superfície terrestre. Em boa verdade, a distância e temporalidade adquiridas pela conformação do Mundo foram, entretanto desvinculadas pela instantaneidade eletromagnética.

Chegamos a uma época em que a noção de grandeza da distância é substituída pela energia da

3 Rosalind Krauss. 'Optical Unconscious'. 1993. p.222

“(…) com o horizonte das aparências, o da acção, a própria realidade de um espaço em que toda a sucessão se esbate, em que é como se as horas, os dias, deixassem de passar e as suas superfícies se estender: o que ontem sucedia inesperadamente, aqui e ali, acontece a partir de agora por todo o lado ao mesmo tempo.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.186

emissão e da recepção. Se a concepção de tempo foi até aqui encarada como uma medida da distância entre dois pontos - o aqui e o ali -, hoje esta de lugar ao limite da inexistência no imediato elétrico. Assim se gera a Crise do tempo do acidente, do choque de percepções, de durações e distâncias diferentes, assíncronas. A partir da rutura do tempo cronológico abre-se uma realidade repartida por dois momentos; o 'tempo real' e o 'espaço real'.

Isaac Newton. 'Principios matemáticos de la filosofía natural'. 1997 p.8 " I. O tempo absoluto. * verdadeiro e matemático flui sempre igual por si mesmo e por sua natureza, sem relação com qualquer coisa externa, chamando-se com outro nome "duração": o tempo relativo, aparente e vulgar é certa medida sensível c externa de duração por meio do movimento (seja exata, seja desigual), a qual vulgarmente se usa em vez do tempo verdadeiro, como são a hora. o dia. o mês. o ano. (...)

II. O espaço absoluto, por sua natureza, sem nenhuma relação com algo externo, permanece sempre semelhante e imóvel: o relativo é certa medida ou dimensão móvel desse espaço, a qual nossos sentidos definem por sua situação relativamcnte aos corpos, e que a plebe emprega cm vez do espaço imóvel, como é a dimensão do espaço subterrâneo, aéreo ou celeste definida por sua situação relativamcnte à terra. Na figura c na grandeza, o tempo absoluto e o relativo são a mesma coisa, mas não permanecem sempre numericamente o mesmo.

1.a Alteridade



imagem 2 - 'The Horse in Motion'. Eadweard J. Muybridge's. 1878.
Existem duas velocidades a da representação e a do movimento.

“Depois do acidente original da imersão dos continentes nessa dinâmica de fluídos, (...), deveremos esperar o acidente geral da imersão do espaço-tempo local da dinâmica electromagnética e ondulatória do tempo luz, o desaparecimento da importância dos fusos horários(...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.166

“A transição crítica não é, pois, uma palavra vã: dissimula-se atrás deste vocábulo uma verdadeira crise da dimensão temporal da acção imediata. Depois da crise das dimensões espaciais «inteiras», em favor da acrescida importância das dimensões «fracionadas», vai assistir-se, finalmente, à crise da dimensão temporal do instante presente.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.37

o acidente

No momento que em que se instaura um tempo cronológico, linear, os espaços e as sociedades do mundo passam a reger-se por uma temporalidade única, sob a partilha de uma sincronia espacial que assenta na iluminação solar e no movimento da Terra. Mas, com a introdução de uma nova luz - a luz artificial - a energia e a capacidade de projeção instantânea no espaço alteram a noção de distância-tempo mundial. As máquinas já não estão dependentes dos Humanos; as máquinas já não necessitam do sol; são os meios digitais que desenvolvem os seus próprios ciclos de comunicação e estrutura temporal. Através da perda da consciência de velocidade desencadeia-se a alteridade do tempo e, em consequência, o desaparecimento do conceito tradicional de dia e noite, dos fusos horários, da importância da luz e do tempo-distância.

“As sociedades agrícolas de maneira menos similar, confiam nos movimentos naturais altamente reguladores desses corpos celestes, como os sete planetas principais - começando com o Sol e terminando com Saturno (...) Os sistemas humanos de controle do tempo são igualmente cíclicos (...) Ironicamente, o grande fracasso do calendário está na homogeneidade de sua forma básica: a segunda-feira é da mesma forma do sábado e junho parece dezembro. (...) Acrescente a essa hiper-eficiência de calendários eletrônicos e softwares de gerenciamento de tempo, e o tempo parece estar acelerando ainda mais rápido do que na última vez que você verificou.”⁴

instante temporal

O tempo e a sua divisão, baseados em sistemas artificiais de subdivisões descorpóreas e racionais, aceleram cada vez mais a sua fragmentação, em instantes (como resultado da sua passagem). A aceleração das medidas mecânicas torna-se cada vez mais afastada da percepção do real, enquanto meio natural, o que transforma a percepção temporal não numa referência de luz natural, solar, mas numa superfície de percepção de dígitos eletrônicos que aceleram inconsequentemente numa cadência que nem a consciência Humana suporta (por exemplo: como determinamos um nanossegundo?)

O presente e o instante são, então, fracionados e desagregados, como consequência do domínio eletromagnético em que o desenvolvimento tecnológico acelera constantemente a mecânica homóloga. Esta apodera-se do imediato e os seus sistemas utilizam o tempo através das inscrições digitais que, assim, se afastam da ligação ao Humano e desenvolvem transmissões hiperaceleradas e impercetíveis aos nossos olhos. Neste ponto, verifica-se uma substituição do imediato do presente próximo pelo imediato do instante.

“[Somos a] Primeira geração da história a assistir à conquista do espaço mas, sobretudo, à conquista da velocidade que permite a conquista do tempo real da instantaneidade, (...), da energia «em imagens», ou se preferirmos, «em informações»,[e] que vem juntar-se à energia potencial e cinética.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.72

autômato

“Quem quer que se ponha a examinar os padrões da automação logo descobre que o aperfeiçoamento de uma máquina, no sentido de torná-la automática, envolve o ‘feed-back’. Isto significa introduzir um ‘loop’ ou circuito informacional onde antes havia um fluxo unidirecional, ou sequência mecânica. O ‘feed-back’ significa o fim da linearidade introduzida no mundo ocidental pelo alfabeto e pelas formas contínuas do espaço euclidiano.”⁵

O aperfeiçoamento parte da repetição, e do ‘loop’ de funções que se reiniciam infinitamente. Esta possibilidade significa o fim da linearidade temporal e o início da multiplicidade de funções em simultâneo - a sincronia⁶. Agora, as máquinas agrupam-se para desempenharem funções diferentes que, por fim, representam partes de uma composição total. O ‘loop’ representa a energia elétrica na sua potência energética contínua, reproduz à distância e que permite a repetição programada sem que o ciclo se quebre. A potencialidade afeta o espaço-tempo e, já não sendo necessárias fases e linhas, tudo se produz num continuum. Os ciclos de tempos autônomos e assimétricos potenciam a aceleração de montagens fragmentadas e de quebras das linearidades circunscritas.

A mecanização e o movimento circular da roda vêm então fracionados pela invasão da instantaneidade elétrica. A informação ou a transmissão não só alcançam qualquer espaço mas, também, o presente imediato. A energia é a velocidade, a potência cinética que permite a repetição e independência da tecnologia sob o meio de autonomia. Na industrialização da multiplicidade, a velocidade de propagação dos comandos e a velocidade de funcionamento da aplicação das funções simultâneas, o conhecimento ou programação, são uma condicionante do resultado do que cada fragmento produz. Cada parte efetua uma fração mas, no total da simultaneidade, forma-se um intuito único que, tal como na orquestra de vários instrumentos, resulta em composições únicas. Neste sentido, porque existe uma automatização⁷, perde-se a consciência da velocidade que, por sua vez se torna simultânea, fragmentária e alternada

alternância

A introdução da comunicação elétrica e instantânea desintegra o ritmo temporal e a sucessão cronológica, substituindo-a por uma ativação das transmissões imediatas e rompendo com as unidades de medida e as distâncias espaciais da métrica de tempo, iniciando-se uma nova fase de resposta descorpórea, à distância, que desativa a sincronização mecânica. A percepção da distância e intervalo de tempo que já deram origem à convenção da divisão em horas (como o relógio), são agora postas em causa pela exposição instantânea da luz. Hoje, a comunicação é transmitida e assimilada tão rapidamente, que se sobrepõe ao regime horário do dia e do sol, e iniciando ciclos de

5 Marshall McLuhan. ‘Meios de Comunicação como Extensões do Homem’. 2000. p.397

6 Carl Jung. ‘Synchronicity’. 2010. p.115 “Os fenômenos sincrônicos provam a simultânea ocorrência de equivalências significativas em heterogêneos, causalmente não relacionados; em outras palavras, eles provam que um conteúdo percebido por um observador pode, ao mesmo tempo, ser representado por um evento externo, sem qualquer conexão causal. Daí resulta que a psique não pode ser localizada no espaço ou, que o espaço é relativo à psique. O mesmo se aplica à determinação temporal da psique e da relatividade psíquica do tempo.”

7 Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. 1998. p.42 “(...)sendo a automação da produção pós-industrial acompanhada pela automatização da percepção e da concepção assistida”

“Sob iluminação da luz indirecta dos ecrãs e outras régies da transmissão óptico-electrónica dos acontecimentos, o tempo da sucessão cronológica esbate-se em benefício de um tempo de exposição instantâneo e cronoscópico ...” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.181

“A partir daqui o tempo real das telecomunicações já não se refere apenas ao tempo diferido mas a um além-cronologia. Donde a minha proposição,(...) de completar o cronológico (antes, durante, depois) pelo Dromológico ou, se preferirem, pelo Cronoscópico (subexposto, exposto, sobreexposto). Com efeito, uma vez que o intervalo do género luz (o interface) suplanta a partir de agora o de espaço tempo, a noção de exposição, suplanta, por sua vez, a de sucessão pela duração presente, e a de extensão pela extensão imediata” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.37

[A obscuridade] “(...) cuja obscuridade já não é a da ausência de Sol mas a da noite de um tempo sem espaço e sem outra extensão mensurável do que desses «anos-luz» sem estações (...) uma alternância do espaço terrestre e da sua ausência extraterrestres.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.25

multiplicidade imediata.

A chegada da velocidade elétrica revela a unificação dos sistemas digitais e destrói a cronologia temporal que estruturava o presente e a espacialidade. Como consequência da globalização, o sentido temporal não provém de uma sincronização mas de uma alternância ou assincronia temporal fracionada pela rede eletrônica, como uma exposição disseminada instantânea.

Por outro lado, a cronoscopia desloca a presença para um contexto de velocidade espacial, inconsequente com a história e lugar, que desconecta as linearidades do reconhecimento do 'aqui' e 'ali' que demonstram a interação real Humana. Em questão surge uma subversão ou dependência do sistema de comunicação na condução ou controle temporal. Uma imposição sobre a distribuição espacial. A dromologia, significa que o tempo histórico é ofuscado por uma luz de extensão espacial contínua e imediata.

"Assim que admitimos essa continuidade do agora e do não-agora, percepção e não-percepção, na zona de primordialidade comum à impressão primordial e à retenção primordial, admitimos o outro na auto-identidade do Augenblick; a não-presença e a não-evidência são admitidas num piscar de olhos. Essa alteridade é, de fato, a condição da presença, apresentação e, portanto, de Vorstellung em geral; esta precede todas as dissociações que poderiam ser produzidas na presença, em Vorstellung."⁸

A assistência do instante, do intervalo de tempo-luz, anula o entendimento perante a consciência e a percepção do presente. O indivíduo encontra-se perante uma exposição imediata transmitida em e por qualquer lugar. As sequências de acontecimentos espaciais dos lugares são sobreexpostas pelo imediato na proximidade do interface, da superfície. Tudo ocorre na instantaneidade; não há possibilidade de sincronizar; não há tempo para um piscar de olho.

1.b A Telepresença



imagem 3 - 'Tall Ships'. Gary Hill. 1993.
A presença de 'espectros de luz', no ecrãs, aproxima-nos do outro.

”(...) há agora para cada um de nós um desdobramento da representação do Mundo e, por conseguinte, da sua realidade. [Há um] Desdobramento entre actividade e interactividade, presença e telepresença, existência e teleexistência.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.71

visão dupla

“Amigos a centenas de quilômetros de distância podem ser “revividos” para um jantar virtual. As crianças podem ser conectadas a escolas de todo o mundo sem sair de casa.”⁹

A telepresença é o sistema que enaltece a representação da alteridade, da velocidade, do tempo e do ecrã. Esta possibilidade destrona a consciência do presente em vínculo último de um meio de comunicação. Quanto mais evoluída for a telepresença, mais presente e real esta se torna, paradoxalmente.

A telepresença é a articulação gerada pelos dispositivos de captação e de representação em conformidade com a velocidade eletrónica. Esta representa a imagem dos indivíduos à distância e substitui os olhos intemporalmente. A sua funcionalidade deriva da montagem ou conexão da lente (a visão em qualquer parte) e, por outro lado, o ecrã reflete a distância a qualquer momento. A telepresença revive o sistema do telescópio, no sentido em que este transporta a imagem do que é distante mas, por sua vez, através da reciprocidade bidirecional comunicativa, a representação comutativa.

O desenvolvimento conceptual que se pode entender por telepresença leva a que se fragmente o conceito em diferentes sentidos. Por um lado, esta aproxima o que está afastado, transformando o longínquo em próximo; Por outro, esta representa as sensações, ou seja, transporta o que é ‘observado’, uma experiência ou assistência, para outro lugar. Por último, a telepresença desloca a visão do indivíduo.

tele-representação

“As partes constituintes da cultura visual não são, portanto, definidas pelo meio tanto quanto pela interação entre o espectador e o observado, o que pode ser chamado de um evento visual. (...) Por evento visual, quero dizer uma interação do signo visual, a tecnologia que capacita e situa aquele signo e observador”¹⁰

A cultura visual, ou a comunicação gerada pelas teletecnologia, é sempre vinculado a (tele) representações ou reflexões visuais, o que significa que existe um transporte de imagens, à priori, observadas por uma lente e, depois, transmitidas por um ecrã ou interface. O sistema na sua face instaura ou baseia-se no estímulo visual: é o ver e o ser visto.

Esta tipologia de transmissões inicia-se pelo impulso de mensagens sonoras mas, agora com a evolução tecnológica dos dispositivos, a mensagem assenta na comunicação ou transmissão visual complementada com a sonora, ou seja, uma teledifusão. A evolução digital transforma os sinais em impulsos elétricos, não na representação de uma realidade sensível mas na apresentação da realidade

9 Dolores Hayden. 'Building Suburbia'. 2004. p. 220

10 Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'. 1999. p13

“(…) [Existe] um acidente geral que põe globalmente em causa toda a «presença» em proveito de uma «telepresença» sem consciência e, sobretudo sem posição espacial verdadeira, dado que a interacção-à-distância de um ser ao mesmo tempo ausente e actualmente (tele-ausente) renova a própria noção de estar lá.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.172

“Diante desta «perturbação da percepção»(…), conviria talvez reconsiderar a ética da percepção comum: iremos perder o estatuto de testemunhas oculares da realidade sensível em benefício de substitutos técnicos, de próteses de todo o género que farão de nós pessoas assistidas (…) [Haverá] uma espécie de cegueira paradoxal devida à sobreexposição do visível e ao desenvolvimento dessas máquinas de visão sem olhar, ligadas a essa «luz indirecta» do electro-óptico que, a partir de agora, completa «a óptica directa» do Sol ou da electricidade?” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.125

percecionada por sensores e detetores tecnológicos de sinais reais que, através da representação catódico-auditiva, representam uma realidade reconstruída. Os captadores transformam a realidade distante em impulsos (que entram no circuito eletromagnético e que se tornam instantâneos) originando a telerepresentação, ou seja: a telepresença.

A distância e a condição visual da realidade instituem o afastamento natural como um limite de comunicação. Mas os fenómenos de mediação apropriam-se dos sentidos artificiais produzindo uma ilusão realista. A comunicação telepresente duplica as imagens e a existência originando uma nova face tecnológica.

A rede serve como um objeto de descorporeidade dos sentidos e, conseqüentemente, uma subjetivação do indivíduo, transportando-o através de códigos de software. O ecrã serve de superfície ou objeto de (tele)representação corpórea que tenta materializar o sujeito e a mensagem e tornar mais presente a essência do indivíduo.

Os dispositivos são intervenientes na conexão analógica e digital, no sentido em que estes não sendo só matéria também (artificializam o significado) estabelecendo relações com a sua representação e, assim, uma indefinição identitária e sensorial.

O que é definido por acidente geral é a noção global de tempo que acaba por se unificar e equalizar mas, opostamente, perde-se em detrimento de um tempo-ação associado à transmissão instantânea, a telepresença. O tempo Humano empírico é subjugado e confinado à resposta dos intervalos mecânicos. A compreensão da ação e comunicação Humanas, que é anteriormente regida por uma distância e lugar, é agora transportada para uma proximidade constante. Já não existem indivíduos afastados, apenas indivíduos sem contacto. As mensagens são agora produzidas em qualquer parte, em qualquer instante; já não há razão de presença recíproca, associação de lugar ou até de consciência pela duração da mensagem. O instante domina a comunicação e os sentidos são expressos no momento. Assim a presença é trocada pela “tele-presença inconsciente”, e “sem lugar real”, de seres que estão ausentes e perdem a noção de ‘estar lá’, ‘o aqui e agora’.

assistência

“(…) Os antigos gregos usavam mensageiros para comunicação assíncrona. A carta e o sistema postal, o aparelho de fax, o humilde atendedor de chamadas em casa e o sofisticado sistema de correio de voz corporativo são todos dispositivos mais atualizados para comunicação assíncrona e assim - os mais significantes neste contexto - são os e-mails e os sistemas de aviso electrónico. De um modo assíncrono, as palavras não são ouvidas enquanto são ditas, mas são repetidas em algum momento posterior. As respostas não vêm imediatamente. A unidade da conversa cara-a-cara é fraturada espacial e temporalmente.”¹¹

A assistência virtual também desempenha um importante papel na assincronia e na telepresença,

¹¹ William Mitchell. 'City of Bits'. 1998. p.15

“Reunir-se à distância ou, ainda, estar telepresente, ao mesmo tempo aqui e ali, (...) mais não é do que um espaço-tempo real, dado que os diferentes acontecimentos ocorrem de facto, têm lugar, mesmo se, no fim de contas, esse lugar é o não-lugar das tecnologias tele-ópticas.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.32

sendo esta uma substituição da presença na recepção da mensagem. A assistência associada aos dispositivos transporta as temporalidades da transmissão para o instante da presença da recepção, numa rede de espectadores sobreexpostos mas ausentes. A fratura da comunicação acontece agora em dois momentos: um passado sem lugar, onde surge a mensagem, e uma chegada (sem tempo) onde a informação é consultada. A existência da especificidade de um lugar de recepção, como o posto-correio, é anulada por uma virtualização de um espaço eletrônico (e-mail), seguindo a desintegração do 'aqui ou ali'.

Estes espaços eletrônicos podem, na verdade, representar um indivíduo, ou um espaço de conversas online, como um 'chat room'. A privacidade e o público estão tão próximos quanto distantes. O 'estar com' já não impõe uma necessidade de reunião espacial. O privado e o público fundem-se, alternam-se, levando a que a rede se unifique e aproxime, junte e separe.

Os espaços virtuais são as novas praças, tão diversos como os lugares materiais, locais de encontro das populações, como interfaces públicos. Tal como no real, estes espaços representam as intenções individuais reconhecidas num grupo de interesse comum, as pessoas 'encontram-se' através de redes de associação que as justapõem pela mesma sedução.

A telepresença é a nova sala de espetáculos e o novo palco. A sucessão e relação de palco e auditório é alterada, a organização unidirecional em espaço e tempo, de ator-espectador é facilmente subvertida e redirecionada ao passo que a função, ação, se torna alterna. A variação entre espectador-actor, converte-se apenas com o funcionamento da câmara e do ecrã. Por consequência não existe uma ordem actor- espectador mas a sua simultaneidade e metamorfose. O espectador pode ser filmado enquanto assiste, representando uma assistência e, assim, gera-se uma comunicação de recepção e resposta imediata tal como numa conversa cara-a-cara, 'in real life'/ 'alive'.

Assim, a audiência que estava limitada pelo espaço real, pela arquitetura, estende-se e multiplica-se através da rede. Os espectadores tornam-se duplos e, sem a necessidade de 'estar' em sincronia, emerge a supressão do espaço e do tempo. A apresentação ou atuação, através da gravação, vence a presença. Podemos assistir ao mesmo 'momento' uma e outra vez, forçando uma repetição e criando assim um 'loop' temporal de representação sem que tenha um fim em concreto.

O indivíduo desdobra a sua personalidade através da telepresença e da sua interação com o ecrã e a lente, entre o atual e o virtual. É essa a diferença entre o agir e o ver; entre actor e espectador. O actor tele-operativo tem uma dualidade, por um lado a do actor que age na presença, o ator físico e "verdadeiro", por outro, o actor à distância, que representa perante um dispositivo, que representa através de um afastamento com o espectador. Este fato, de distância, assegura ao ator a possibilidade de se multiplicar e repetir a personalidade ou de a intensificar segundo a intenção de se tornar

“Analisemos ainda que a telepresença em perspectiva e, portanto, a tele-existência em comum para-além dos limites da proximidade habitual, não eliminam apenas a «linha» do horizonte aparente em proveito da ausência de linha de um horizonte profundo e imaginário, mas põem em causa a própria noção de relevo, vindo do tacto, [como uma] a taticidade à distância. [Apesar de] perturbar gravemente, não apenas a distinção entre «atual» e «virtual»,(...), mas a própria realidade do próximo e do longínquo, coloca em causa a nossa presença aqui e agora e, por via disso, desagrega as condições de necessidade da experiência sensível.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.73

diferente. Esta possibilidade de multiplicação de identidade ou de alteração da mesma transforma o mundo virtual num mundo de representação, de alteração ou mutação de identidades e de ilusões formais.

da repercussão

A telepresença aumenta a essência da presença e, por vezes, até substitui a sua materialidade. O nosso corpo converte-se em sinais, estendendo-se na rede. Hoje, os corpos traduzem-se em informação e facilmente se transportam ou multiplicam para outros lugares. Não há movimento, não existe um 'aqui ou agora presencial' mas virtual. Existe uma replicação do presente/material para o digital, para que este possa ser partilhado e replicado em vários elementos. A telepresença pode alcançar qualquer lugar no mundo sem que, de facto, a presença física seja necessária, como fosse o envio de um clone que representa – a multi-representação ou construção da 'identidade autómata substituta'.¹²

Os paradoxos de aceleração e de velocidade são o novo acidente. Com efeito, a aproximação do longínquo, afasta ou converte a relação com o próximo. A comunicação à distância apresenta-se acessível e o imediato reduz-se ao dispositivo rompendo com a 'proximidade' espacial. Por meio da telepresença desenvolve-se a tele-existência, os limites da proximidade eliminam o 'aqui e agora' em proveito do afastamento da profundidade. O horizonte é transformado no imediato virtual, sem duração. Em consequência, a noção de 'atual' e 'virtual' é perturbada através das realidades de próximo e de longínquo, que se traduzem na causa de desagregação do 'aqui' e 'agora', espaço e tempo. Com a telepresença implicamos a presença, na inexistência do aqui e agora, na realização da distância como movimento instantâneo que decompõem o real e o virtual, convivendo esses lado a lado no ecrã como experiência e presença próximas da telepresença distante.

12 Dolores Hayden. 'Building Suburbia'. 2004. p.222 "Em combinação com sensores que detectam nossos movimentos os dispositivos cujos programas podem gerar rapidamente imagens de computador provocam reações que nos dão a experiência de estar noutra "realidade virtual". Talvez a família nem sequer esteja a comer. Eles podem ter uma experiência de jantar virtual, e a casa não terá nem pratos sujos, panelas ou frigideiras"

1.c O Espaço negado



Imagem 4 – 'The Astronomer'. Johannes Vermeer. 1668.
O espaço reduzido do globo quando ao alcance da mão.

“(...) existe um fenómeno de poluição despercebido, o da poluição da extensão, ao qual proponho chamar dromosférico - de dromos: corrida.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.47

“[É] Poluição não apenas das «substâncias» atmosféricas, hidrosféricas ou outras, mas ainda a poluição despercebida, das «distâncias». [É uma] essa poluição dromosférica das distâncias de tempo, que reduz a nada, ou quase, a extensão de um apertado planeta suspenso no vazio sideral.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.67

“Notar-se-á, de resto, que a grande óptica ondulatória não se relaciona somente com a dimensão visual mas engloba a integralidade da percepção das aparências sensíveis, mesmo o sentido do tacto, e isto porque o tempo, o tempo real do terceiro intervalo de género luz das ondas eletromagnéticas, supera definitivamente o espaço real da matéria, a extensão, a duração das substâncias que compõem o limitado meio ambiente humano” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.66

tempo ausente

O espaço atual perde-se na crise da velocidade e na perda de profundidade, isto é, da relação com o ambiente envolvente. Assim, a poluição dromosférica representa a Crise da 'espessura ótica' do espetáculo visível e das paisagens. A tecnologia, na percepção e interação espacial, redefine a condição Humana cingida a existir dependente de equipamentos que interrompem o espaço e contraem a duração temporal, os lugares e as distâncias.

Os media, por intermédio da telepresença e instantaneidade anulam não só a duração da mensagem mas toda a dimensão espacial de distância. Este acidente, provocado pela transmissão eletromagnética, rompe com a consciência telúrica, com o tempo do 'live', do 'direto' e do simultâneo que transporta o tempo cronológico da matéria para uma apreensão de através de um interface. O dia e a noite transformam-se numa temporalidade única no ecrã, no espaço digital.

"A pluralidade de tempos sucede à uniformidade de tempo. Hoje até é fácil jantar em Nova York e ter uma indigestão em Paris."¹³

Encontramo-nos sobre a desmesura do acidente deslocado. A organização física da matéria no espaço-tempo deslocaliza-se por consequência da emergência do género luz. A duração, a realização da verdade, é destruída e destituída pelo contínuo de exposição da luz artificial, enquanto que a duração da extensão das distâncias se afasta do sol e do dia adquirindo outro tempo-espaço.

A teleconferência aplica uma transparência direta da luz no ecrã que reflete o que a lente observa e transmite. A partir da distância são transmitidas as nossas imagens e a nossa presença.

O espaço desta transparência é nulo, como se a luz eliminasse a sombra entre as distâncias. A teleconferência, o transporte eletrónico, impõe um movimento imediato levando a que a distância seja ultrapassada pelo instantâneo. Impõe-se uma velocidade que anula a duração do tempo do percurso. O espaço, a real grandeza da superfície terrestre, é ultrapassada pela velocidade da luz; as mensagens circulam de dispositivo para dispositivo sem se materializar nem tocar na superfície telúrica. O espaço nulo representa, acima de tudo, a ausência temporal, a assincronia entre o tempo real e o tempo cronológico, entre o espaço real e o espaço nulo. A crise que se realiza na luz já não se materializa.

endótico

"Em breve poderemos casualmente abrir buracos no espaço onde e quando os quisermos. Todos os lugares com conexão à rede vão, potencialmente, ter todos os outros lugares do lado de fora da janela."¹⁴

O espaço, o lugar de encontro e de presença, é eliminado pela ramificação da rede, da espacialidade

¹³ Marshall McLuhan. 'Meios de Comunicação como Extensões do Homem'. 2000. p.176

¹⁴ William Mitchell. 'City of Bits'. 1998. p.34

“Notar-se-á, por conseguinte, que, se a emergência do tempo profundo da matéria (geológico) é extremamente endógeno, o tempo universal da luz (cosmológico) é, por sua vez, exótico, inscrito num fenómeno de dilatação que substitui continuamente as referências espaço-temporais ...” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.164

“(...) no «acidente da espessura ótica», (...) «o acidente da transferência» (...), «existe pois uma dimensão escondida na revolução das comunicações que afetam a duração, o tempo vivido das nossas sociedades». É que a questão do acidente deslocou-se do espaço- matéria para tempo-luz (...) com a emergência do tempo mundial (o tempo direto, do instantâneo, do “live” (...)) [Levando a qua | A deslocalização da ação e da reação (a interação) impliquem necessariamente a deslocalização do acidente” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.13

“Ao passo que a deslocação física de um ponto a outro supunha, outrora, uma partida, uma viagem e uma chegada, a revolução dos transportes efetuada já, no século passado, uma liquidação progressiva da demora e da própria natureza da viagem, permanecendo, contudo, a chegada ao destino uma «chegada limitada» pela própria duração da deslocação. Atualmente, com a revolução das transmissões instantâneas, assistimos às primícias de uma « chegada generalizada» onde tudo chega sem que seja necessário partir; [Há uma] liquidação da viagem (quer dizer, do intervalo de espaço e de tempo) (...) uma eliminação da partida,(...) em benefício, unicamente, da chegada.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.38

metafísica. Um único lugar pode conectar diferentes grupos e indivíduos, sem que estes se desloquem. A electromagnética, o endotismo temporal, representa assim a revolução dos espaços e dos transportes. Meios ou veículos como o cavalo, o comboio, o automóvel, ou o avião, que revelavam o movimento do espaço real, são vencidos pelo tempo real.

A revolução do tempo real sobrepõe-se à cidade e à organização da deslocação electromagnética, anulando a temporalidade do espaço entre indivíduos. A constituição física da rede já não tem significado. Os grupos comunicam por linhas descorpóreas e desmaterializadas e por dispositivos transmissores de impulsos. Os impulsos são a representação da ação, da teleação do 'não lugar'.¹⁵

Mas a assincronia de comunicação e telepresença evoluem também para o espaço sideral. Neste processo, o Humano conquistou outro território que não a Terra, descobrindo um espaço outro não-real, através da conquista plena da física.

"A conquista do espaço, que veio depois da do planeta, equivale a desrealizar o espaço humano, ou a revertê-lo para um híper-real de simulação. Testemunha disto são esses dois quartos/cozinha/duche erguido sobre órbita, à potência espacial, poder-se-ia dizer, com o último módulo lunar. (...) – a satelização do real na transcendência do espaço – é o fim da metafísica, é o fim da fantasia, é o fim da ficção científica, é a era da híper-realidade que começa."¹⁶

Aceitando a conquista do espaço como a conquista da simulação total do espaço sem passado ou futuro, partida ou chegada, há apenas um outro mundo. O espaço sideral significa o desvanecimento do lugar, dos pontos de deslocação, do sentido do 'aqui e agora', do 'foi' e do 'será'. Quanto mais este meio for conhecido, menor será a extensão da superfície terrestre e menor será o carácter exótico face ao endótico. A temporalidade e a grandeza da terra desaparecem ou estarão próximas do nada, encerradas pela infinidade da dimensão virtual e pela proximidade global do ecrã.

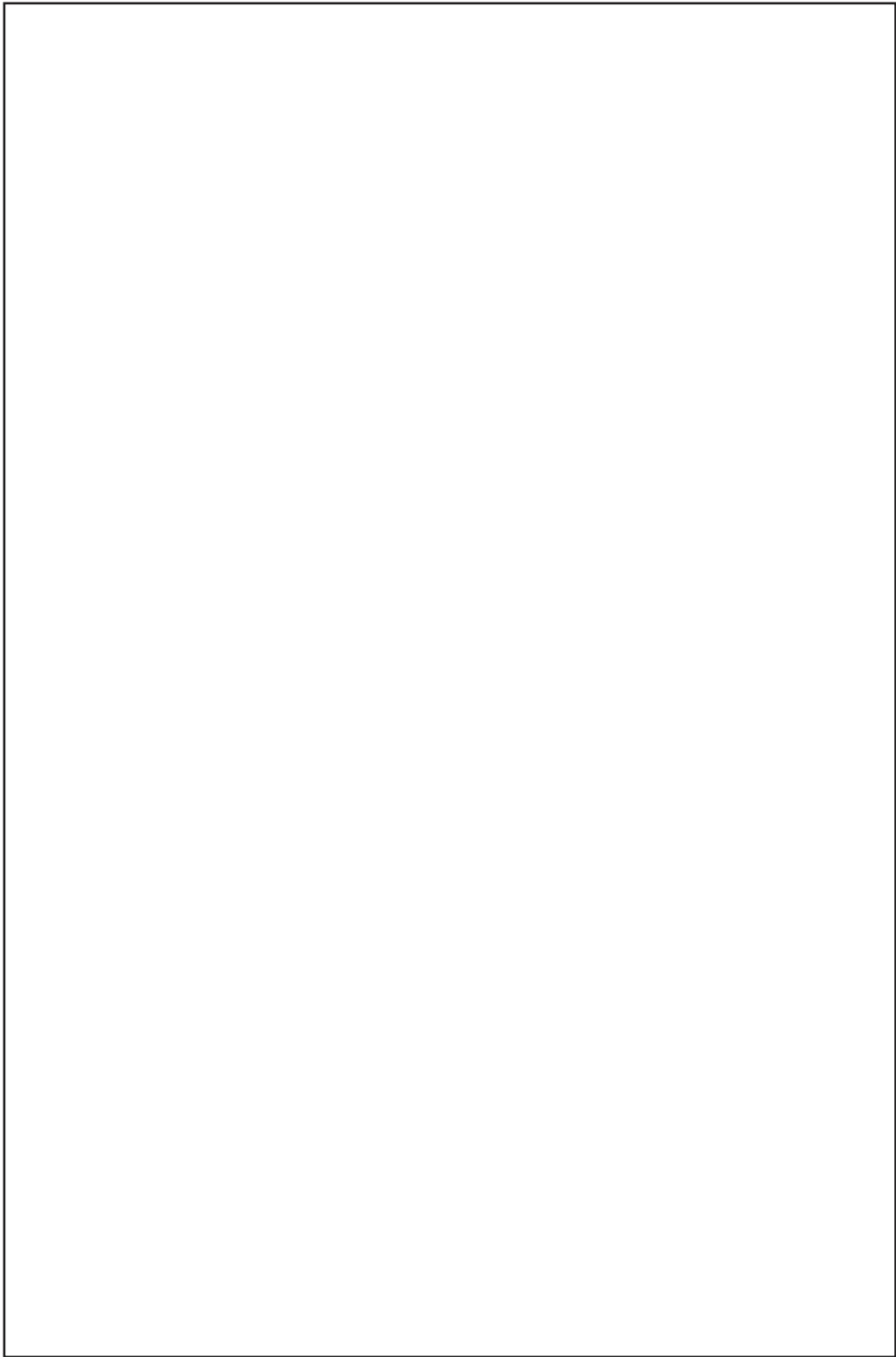
distante-próximo

Quanto mais evoluir o telescópio, maior será o poder de observação e de afastamento em relação à origem, maior será a distância de observação da luz mas, cada vez mais, a superfície telúrica é apagada ou anulada pela relação de imensidão do universo. As durações e distâncias são reduzidas pela proximidade constante da instantaneidade enquanto o ecrã realiza o distante próximo, o desaparecimento do tempo da duração da deslocação para o ambiente próximo.

Este acidente revela a Crise da assincronia, como o desaparecimento dos ciclos e respetiva cronológica. A sobre-exposição das superfícies luz, através da proximidade constante, destrói a duração e a profundidade do espaço. O dia já não é uma medida de tempo nem a luz a definição de um período (já que a sua marca é aquela de um estado constante). A assincronia fragmenta os

¹⁵ Marc Augé. 'Não-Lugares'. 1994. p.83 " Se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não possa definir-se como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar."

¹⁶ Jean Baudrillard. 'Simulacros e Simulação'. 2007. p.154



tempos. O dia deixa de existir enquanto concepção que define tempo, agora este é anulado, onde o vazio perdura num presente intemporal. A distância temporal (dia) é aproximada pelo instantâneo global. Descobrimos que existir agora não significa existir só no presente. Nem sempre estar presente significa estar num lugar, a nossa presença, agora, pode ser transportada pelo ecrã.

Crise 2. Reconfiguração – Da transfiguração do espaço

“Hoje o ecrã da televigilância tende a substituir a janela. Um ecrã de videovigilância pode substituir a janela e furar a parede.” Paul Virilio. ‘Cibermundo’. 2000. p.70

2.0 A Luz Artificial e a Variação Morfológica



imagem 5 - 'Wide Out'. James Turrell. 1998.
A luz como elemento que inunda o espaço e o
transforma na sua aparência.

“(...) [Adivinha-se] o facto de a definição do tempo fotográfico não ser já a do tempo que passa, mas essencialmente a de um tempo que se expõe, um tempo «de superfície», um tempo de exposição que sucede ao tempo da sucessão clássica. O tempo da repentina tomada de vistas é, pois, desde a origem, o tempo-luz. (...) Desta forma, aquilo de que o escultor não se dá conta é que só a superfície do cliché pára o tempo da representação do movimento. “ Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.53

“[Esta] forma energética permite não só a geometrização da visão do mundo,(...) mas a sua numerização , em que o artesanato das aparências elaborado pelos detentores da óptica «passiva» do espaço da matéria cedem o lugar à indústria da óptica «activa» (electro-óptica) do tempo luz.

Com efeito, quando o relativismo contemporâneo da era einsteiniana substitui a noção de «distância» física pela de «potência» de emissão e recepção microfísica instantânea (...) - acrescentando mesmo um terceiro intervalo do género «luz» aos intervalos clássicos do género «espaço» e do género «tempo» - isso provoca uma mutação do princípio de realidade, em que o carácter automático das representações equivale a uma normalização da percepção, permitida pela energia síntese das imagens electrónicas, e isto tanto no domínio das representações «analógicas» como no das «numéricas».” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.72

“A velocidade de exposição do tempo-luz poderia assim permitir um reinterpretação do «presente», desse «instante real», que é o espaço-tempo de uma ação bem facilitada pelos resultados da electrónica e amanhã [no futuro] da fotónica, quer dizer, pelas capacidades-limite das ondas eletromagnéticas e desse quantum de luz, limite-fronteira do acesso à realidade do mundo perceptível (veja-se o cone de luz dos astrofísicos)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.38

conceitos

‘E nós, sempre espectadores, em todos os lugares olhamos, nunca fora, de tudo!’¹⁷

A era moderna somos¹⁸ dominados pelo sentido da visão, considerada um centrismo ocular ou ‘Scopic Regime’¹⁹. A presença tornou-se sinónimo de realidade digital, do tempo real. Nesta realidade²⁰, a luz define-se como a propriedade mecânica da reflexão lumínica dos objetos e dos transmissores media que a reproduzem. Mas o reconhecimento²¹ do espaço e da experiência temporal, surge através do movimento presente nos objetos imóveis, da luz que se manifesta e comunica a diferença entre estático e dinâmico.

Na atualidade, os ecrãs são envolventes, cercam-nos, limitam-nos, são a fonte de cultura em crescente e acumulam os sistemas de informação²². A eletromagnética, como fonte de energia, reconstrói não só a geometrização do mundo, na sua forma, mas também a tradução numérica em dígitos eletrónicos. A indústria óptica apodera-se dos detetores para figurar uma realidade aparente, uma ‘óptica ativa’, a representação funde-se com a máquina numa massificação da perceção e da comunicação visual.

espaço-tempo

A desarticulação espaço-temporal provocada pela velocidade da luz, não só está determinada pela velocidade, mas também pela própria presença da luz enquanto matéria que transforma o espaço mais escuro, mais sombrio, num lugar iluminado. Reverte-se o ciclo de períodos solares por uma exposição contínua de luz; o tempo é apagado e o espaço, como limite de funções de consequência e sequência temporal-solar, recebe uma energia contínua. O espaço transforma-se num lugar neutro e intemporal. O espaço vazio, dominado pela presença Humana, pode agora ser um espaço de um outro tempo, este já não está dependente do exterior nem das suas condições. O espaço interior torna-se uma entidade ou conceito individual e único²³. A luz artificializa o espaço e desconecta-o da realidade natural. A luz artificial ou ‘terceiro intervalo’ apoderam-se do tempo-espaço para obter novas formas e constituir outro lugar, provocando uma transfiguração morfológica, criando um espaço-forma

17 Joseph Koerner. ‘Caspar David Friedrich and the Subject of Landscape’. 1990. p.210

18 Neil Leach. ‘Rethinking Architecture’. 1996. p.101. “(...) - ou seja, quem existe - então, pelo nome “Humano”, nomeia-se a permanência dentro ou circunscrito entre as coisas. ”

19 Jay Martin. ‘Vision and Visuality’. 1998. p3. “Mas o que precisamente constitui a cultura visual desta época não é tão rapidamente aparente. (...) Existe um “scopic regime” unificado...”

20 Nicolas Mirzoeff. ‘An Introduction to Visual Culture’. 1999. p.43 “(...) O julgamento é então o aspecto essencial do sistema de percepção de Descartes, no qual a informação sensorial percebida é nada mais do que uma série de representações para a mente categorizar.”

21 Adrian Forty. ‘Words and Buildings’. 2000.p.92. “(...) nossa capacidade de ampliar a imaginação, o poder do movimento do corpo está na origem de todo o conhecimento.”

22 Jessica Helfand. ‘Screen’. 2001.p.xiii. “Os ecrãs cercam-nos; eles envolvem-nos; e cada vez mais, eles servem como os nossos principais condutores e entrega de informação. A sua presença nas nossas vidas é onipresente, perfeita, sem fim.”

23 Rem Koolhaas. ‘S.M.L.XL’. 1995. p.500. “Em Bigness, a distância entre o núcleo e a envolvente aumenta até o ponto em que a fachada não revelaro que acontece dentro dela. A expectativa humanista de “honestidade” está condenada: a arquitetura de interiores e exteriores tornam-se projetos separados (...)”

“(…), [através das] teletecnologias: a velocidade, a velocidade-luz quer dizer, uma forma estranha de «iluminação» que cria espaço e o tempo; não uma forma que dá a ver, mas que cria o espaço-tempo daquilo que se vê – «a velocidade não é um fenómeno mas uma relação entre fenómenos»” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.14

“(…) [A] corrida é sempre eliminatória, (...) [e decidida num] lugar artifício, de uma «cena», para praticar a exploração da extrema velocidade: estádio, hipódromo ou autódromo. Uma tal instrumentalização do espaço assinala a modificação... a superar os seus limites, (...), da geometria do meio onde se dão os seus desempenhos motrizes, prefigurando a disposição (...) o fecho definitivo de um mundo tornado orbital.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.90

de identidades múltiplas (uma forma sem forma, um espaço virtual sem vínculo).

As análises históricas do espaço questionam o problema dos limites, das divisões e das morfologias. A evolução da técnica projeta a crise das fronteiras, as tecnologias mutam as distâncias e espacialidades. O ecrã como superfície electrónica, estabelece, a partir da mesma justificação, um espaço histórico e um espaço do presente, transcendendo a estrutura ao tempo, um elo ou uma abstração de diversos tempos históricos. O ecrã e a história confrontam-se num sentido paradoxal entre o presente e o elemento inactual, sendo que o tempo e os limites das formas variam podendo adquirir um duplo significado²⁴. O ecrã funde o duplo sentido de espaço encerrado com limite, mas também uma estrutura e percurso infinito.

“A luz não é tanto um elemento que revela mas antes uma revelação por si só”.²⁵

A potencialidade da luz artificial ao inundar os espaços altera os seus limites, bem como a sua materialidade e circulação entre matérias-informação que se mutam para o universo digital, transformando assim a percepção e a definição dos espaços dos edifícios. Consequentemente, com a variação da extensão corpórea, os espaços acabam por se mutar e redefinir na sua singularidade material para um desdobramento multi- real.

velocidade

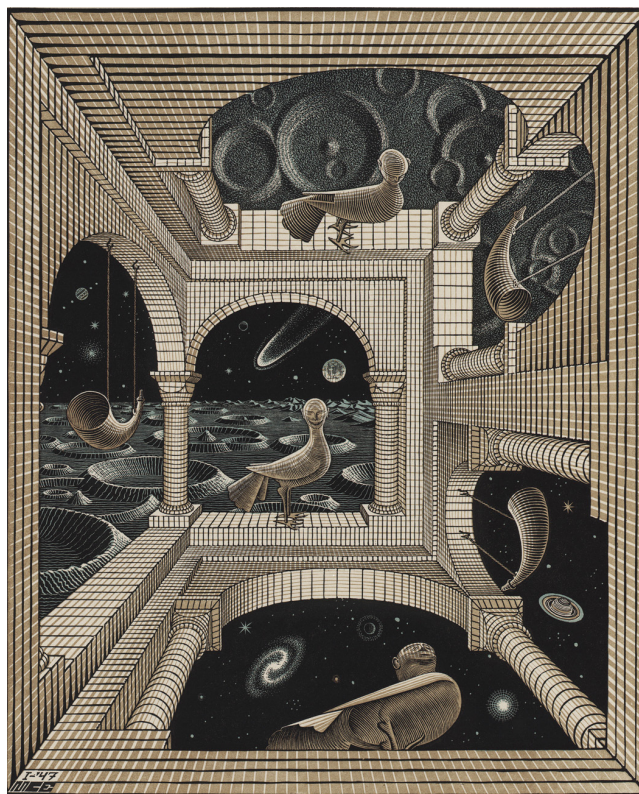
O esforço da velocidade origina, nas estruturas, uma necessidade de reinvenção do lugar como hipódromos ou velódromos. Estes esforços motrizes provocam a necessidade de estruturas orbitais para que a velocidade não se propague na distância, mas antes, fique encerrada num circuito de controle e comunicável. A velocidade da luz, vê a sua potencialidade em maior utilidade através da integração rede e da virtualização dos espaços. Estes novos espaços podem tornar-se infinitos, múltiplos e a formalização que lhe podemos oferecer deriva da prefiguração num circuito, numa rede aberta a múltiplas funções e configurações²⁶ conectadas com os dispositivos que ampliam o seu espectro de interação.

24 Manfredo Tafuri. 'The Sphere and the Labrynth'. 1987.p.10. "O significado histórico, portanto, põe em questão o problema do "limite": confronta a divisão do trabalho em geral; tende a sair de seus próprios limites; projeta a crise das técnicas já existentes."

25 Jeffrey L. Kosky. 'The Arts of Wonder' 2012. p.91

26 Giuliana Bruno 'Surfaces'.2014. p.3 "A superfície é aqui configurada como uma arquitetura: uma partição que pode ser compartilhada, é explorada como uma forma primária de habitação para o mundo material. Entendida como a configuração material da relação entre sujeitos e objetos, a superfície também é vista como um local de mediação e projecção."

2.a Multiplicidade



'imagem 6 - 'Another World II'.
M.C.Escher. 1947
A possibilidade de perspectivas
múltiplas na outra dimensão..

“(...) essa realidade virtual da cibernética cujo realismo se prepara para substituir o realismo da massa e da extensão do espaço real do nosso meio ambiente imediato, é, contudo, o lugar privilegiado de toda a ação digna desse nome. Compreende-se melhor agora a impiedosa necessidade da designação de um terceiro intervalo do género luz, ao lado dos intervalos clássicos do género espaço e do género tempo.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.173

“Conduzindo a miniaturização em curso a uma desmaterialização conjunta do engenho, é bom que se pergunte se existe um limite - quântico ou outro - ao processo de redução e de virtualização do objecto técnico contemporâneo.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.82

o acidente

O acidente de substituição do nosso ambiente imediato, de alteração da extensão do espaço real numa outra dimensão (a virtual), abre uma realidade para novos espaços tornando-os infinitos e múltiplos. A rede, na sua capacidade de extensão e variação de funções, possibilita a conexão do 'espaço real' a qualquer lugar, a qualquer momento e a transfiguração presente de qualquer função. Sob essa virtualização programática, o espaço dilui-se sobre a variabilidade morfológica e os edifícios tornam-se em espaços multiformes. A luz, o terceiro intervalo, desempenha o papel não só de extensão da ação mas também de destruição da morfologia temporal e linear dos programas dos edifícios.

possibilidade

"Quão maior o novo programa da era moderna, o seu efeito único é a desprogramação."²⁷

A desprogramação explora os edifícios como espaços genéricos, abertos e desocupados, sem relação limite ou função específica. A esta tipologia morfológica é chamada de 'Typical Plan' devido ao seu intuito de receção funcional alargada, mas também à sua configuração universal e desconecta de lugar, uma consequência do estigma global. Esta desmaterialização ou depuração eleva o espaço para a conexão virtual. O espaço agora pode desempenhar qualquer função a qualquer tempo.

"Ícones são dispostos no ecrã como portas ao longo de uma rua, para tornar visíveis os pontos de acesso disponíveis. Clicar num ícone (é como bater numa porta) coloca o utilizador num espaço - neste caso, uma "janela" retangular no ecrã (...)"²⁸

Não só a planta do edifício representa a multiplicidade funcional mas a estrutura da circulação também altera a sua morfologia. Com a inovação das redes e implementação das mesmas no ambiente construído, a deslocação trona-se diminuta e a forma fragmenta-se na sua organização recombinante. Devido aos 'atalhos' proporcionados pelos interfaces, a espacialidade é reduzida para ícons, elementos digitais, atalhos espaciais, voids não materiais que nos conectam diretamente com o que procuramos. O conteúdo do edifício pode ser consultado antes da 'visita' presencial e o espaço de entrada apresenta-se como interface espaço-mecânico que relaciona todo o edifício, não na necessidade de circulação, mas na apresentação da sua organização, matéria e informação. Um destes exemplos são as bibliotecas onde a digitalização se sobrepõe ao conteúdo material, esta transforma-se numa extensão de software reconfigurável, suscetível de ser consultada através da solicitação por interface. A memória material dos edifícios migra para a memória digital, que integra o sistema de telecomunicação do mesmo através dos seus dispositivos, onde o objecto, a matéria se virtualizam numa desmaterialização digital.

Através dos ecrãs, os espaços expositivos também são desintegrados; estes coexistem, agora,

27 Rem Koolhaas. 'S.M.L.XL'. 1995. p.345

28 William Mitchell. 'City of Bits'. 1998. p.55

“[o] «Mar da Tranquilidade» (...) ilustra o paradoxo dessa súbita perda das «superfícies», em benefício do «ponto», que contém todo o trajeto extramundano.”

Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.167

“Aqui, a informação não é, pois, somente com a massa e a energia, a terceira dimensão da matéria, (como explicavam outrora os pioneiros da «informática»); ela tornou-se o último relevo da realidade, uma realidade calculável como era para os primeiros perspectivistas, a superfície do quadro (...) [trata-se pois de] uma realidade virtual que oferece a cada um a extrema vantagem de ser ao mesmo tempo mais «real» que a imaginação e mais controlável que a realidade concreta.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.96

“É o fim do mundo exterior, o mundo inteiro torna-se de repente endótipo, um fim que implica tanto o esquecimento da exterioridade espacial quanto o da exterioridade temporal, em proveito unicamente do instante «presente», esse instante real das telecomunicações instantâneas.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.50

com a realidade virtual. Através desta desmaterialização podem ser realizados espaços 3D, com simulações de esculturas, arquiteturas não realizáveis ou espaços digitais que aparentam ser reais. No espaço real, a sequência temporal apresenta a 'exposição' como uma sequência de circulação mas, através da representação virtual, as superfícies reais são substituídas por atalhos, ícones num interface, pontos de acesso à extensão digital. A partir de qualquer lugar, a qualquer altura, existe a possibilidade da exposição poder ser consultada e revivida através de um dispositivo, num ecrã. A partir deles podemos potencializar a arquitetura e os espaços, segundo uma leitura multiplicada e assíncrona de extensão ilimitada.

múltiplo

"Muitas de nossas tarefas diárias e passatempos vão deixar de se designar a pontos e espaços específicos reservados para o seu desempenho (...) será, a partir de então, multiplexados e sobrepostos; nós vamos ser encontrar capazes de mudar rapidamente de uma atividade para outra enquanto permanecemos no mesmo lugar, (...)"²⁹

Os Humanos passam a relacionar-se com a rede meta-digital no momento em que interagem com os dispositivos e interfaces. O limite corporal desvanece em detrimento de maior multiplicidade de funções do 'último relevo real' que recai sobre o ecrã sobre a sua múltipla representação. Na convivência real-virtual, os espaços articulam-se com os dispositivos e interfaces criando a possibilidade de existirem vários em simultâneo, de realizarem a imaginação e ampliando o alcance e o controlo corpóreo originando, assim, uma crise da transfiguração formal dos espaços.

sublime

"(...) essa hibridação representa uma verdadeira modernidade – a criação de "situações" que nunca existiram, mas que foram montadas como se tivessem ocorrido"³⁰

A hibridação ou a criação de outras 'situações' irrompe a potencialidade da representação do sublime. O conceito de sublime, aqui abordado, assenta na ideia de acerca da separação entre forma e objeto num acontecimento inexistente irreal³¹, mas também na possibilidade de apresentar o inapresentável³². Quanto ao ecrã, este tem a capacidade de nos aproximar do que para nós é exterior, desde a distância corporal, até às situações mais difíceis de observar.

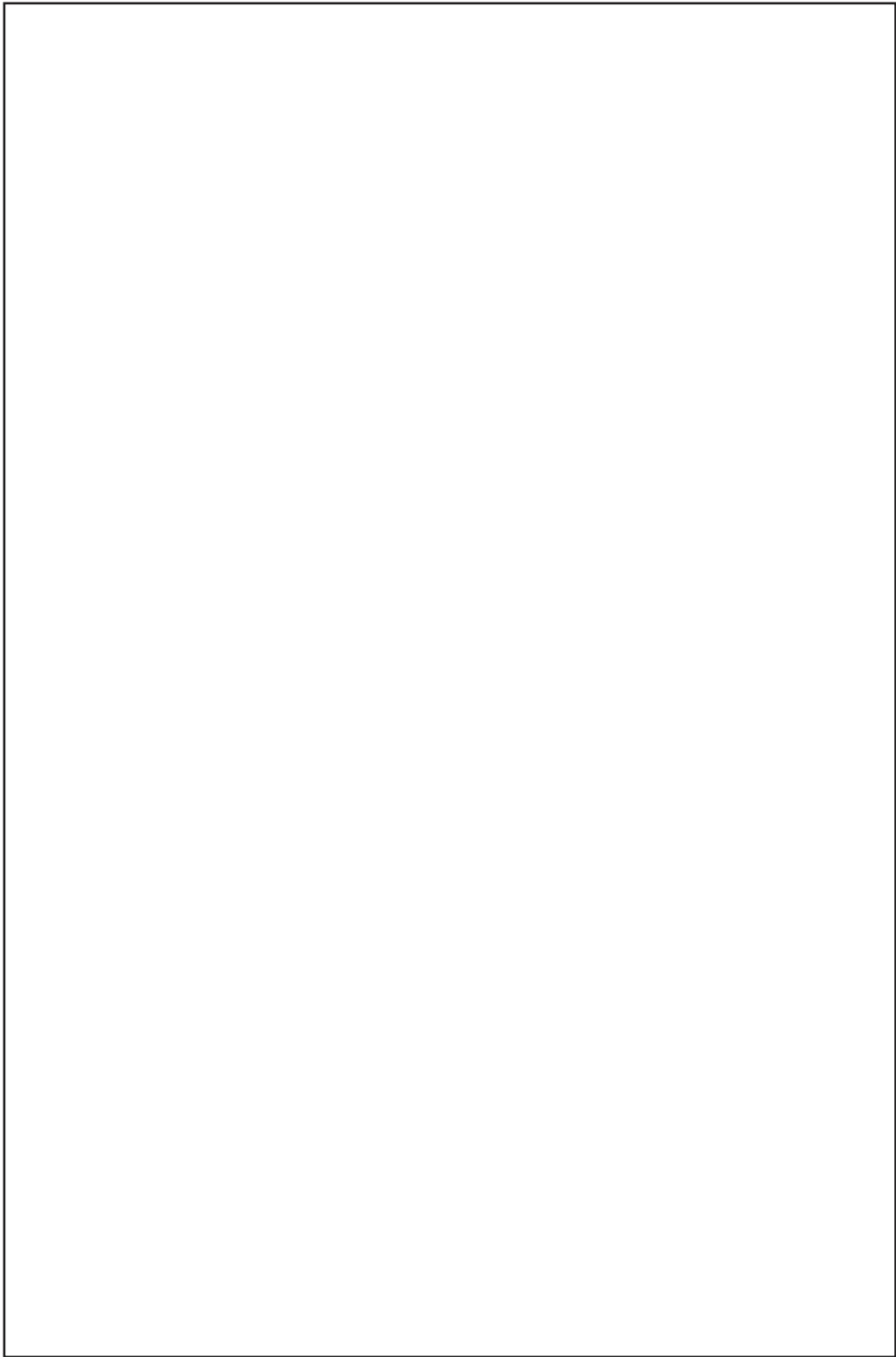
Este endotismo do ecrã tem o potencial de misturar a tranquilidade da vida doméstica com os

29 William Mitchell. 'City of Bits'. 1998. p.55

30 Rem Koolhaas. 'Delirious New York'. p. 129

31 Leonidas Cheliotis. 'The Arts of Imprisonment: Control, Resistance and Empowerment'. 2012. p.55. "Para Kant, o sublime é uma experiência mais profunda, que ele descreve como "uma satisfação misturada ao horror", encorajando o observador do sublime a "detestar todas as correntes, desde a variedade dourada usada pela corte aos ferros que pesam sobre os escravos da galé" (...)"

32 Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture' 1999. p.16. "(...) o sublime (...) como" uma combinação de prazer e dor: prazer na razão que excede toda apresentação, dor na imaginação ou sensibilidade que se mostra inadequada ao conceito (Lyotard 1993: 71). A tarefa do sublime é a de "apresentar o não representável", um papel apropriado para a visualização implacável da era pós-moderna."



acontecimentos mais distantes e transformar a experiência na fonte do espetáculo. As quatro paredes de uma sala podem 'entrar' no meio de uma guerra. O fantástico e o horror, fundem-se na sala de estar enquanto estamos no sofá.

A rede permite a aproximação mas; no entanto existindo um transporte de um mundo de experiências corpóreas deixa de ser necessário viajar no território, deslocarmo-nos ou movermo-nos geograficamente. Os mais espetaculares acontecimentos estão ao alcance do ecrã; o nosso espaço doméstico pode transportar-se para qualquer lugar.

2.b A Nova Janela



imagem 7 - 'True North'. Isaac Julien. 2004.
Agora a partir de qualquer ecrã podemos observar
o Polo Norte.

“A velocidade do novo meio electro-óptico e acústico torna-se o último vazio (o vazio da rapidez), um vazio que não depende já de um intervalo entre lugares, as coisas, entre a própria extensão do mundo, mas do interface de uma transmissão instantânea das aparências longínquas, de uma retenção geográfica e geométrica onde desaparece todo o volume, todo o relevo. É a crise, ou mais exactamente, o acidente da espessura óptica do espectáculo visível e das paisagens,(...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.60

“Se a perda das lonjuras inacessíveis é acompanhada por uma proximidade mediática que tudo deve à velocidade da luz, muito em breve devemos também acostumar-nos aos efeitos das distorções das aparências provocadas pela perspectiva do tempo real das telecomunicações, perspectiva onde a antiga linha de horizonte se encolhe no quadro do ecrã, suplantando a eletro-óptica a óptica dos nossos óculos! (...) já não há espaço digno, só tempo, um tempo que assume sozinho a realidade cósmica.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.23

abertura

A aceleração da óptica, ou a produção da electro-imagem nos ecrãs, cria vazios. Esta é a Crise do 'visível' da percepção de profundidade, da abertura das distâncias longínquas. Agora a extensão do mundo é reduzida a um interface de transmissão instantânea, de conexão com o distante, subtraindo a profundidade, as geometrias e as geografias, todo o relevo é redimensionado, redefinido. A nova janela explora a qualidade da imagem e do ecrã enquanto elemento representativo em superfície. Esta substitui a janela convencional pela sua diversidade, portabilidade e interação, perante à abertura na parede para o exterior. Os ecrãs suprimem a anterior janela pelo facto de poderem representar o exterior, mas servirem a intenção de representação do utilizador na forma que lhe for mais conveniente no momento. Os ecrãs alcançam, portanto, o interesse e a facilidade de aproximação do distante da profundidade; eles são o elemento de maior eficiência na comunicação da informação digital.

“(...) O próprio ecrã pode ser um filtro; um quadro; uma lente; um palco; um espelho ou uma tela; uma janela ou uma máscara; um ponto de partida ou um destino inescapável; uma civilização em si. (...) A oportunidade de explorar esse polimórfico novo território, de experimentar novas maneiras de ver, através e além do ecrã (...)”³³

“Hoje o ecrã da televigilância tende a substituir a janela. Um ecrã de videovigilância pode substituir a janela e furar a parede.”³⁴

O ecrã representa a superfície na sua pluri-formalidade e multifuncionalidade, através da imagem mutável, mas também, da reprodução da informação proporcionada pela rede. O ecrã representa o estado último da superfície, a redução da tecnologia de comunicação e a simplificação mais abstrata, o reduto formal dos meios de comunicação. O ecrã abre uma nova representação de realidade, possível através de efeitos digitais que reduzem a profundidade dos territórios, da geografia e das paisagens, para uma proximidade imediata. A superfície electrónica transforma a perspectiva profunda para um plano de uma moldura. Para além de ver para lá da parede do edifício, o ecrã pode assistir ao distante em qualquer dimensão. A sua transmissão estende-se, olha, vigia todo o planeta. A arquitetura permuta-se no paradoxo da transparência-matéria, no interior-exterior, no próximo-distante. A forma e aparência deixam de ser razões materiais para se prefigurarem na temporalidade.

A cidade da telecomunicação apropria-se da nova janela para relatar em direto os acontecimentos, desde notícias até à atualização dos horários dos meios de transportes. A nova superfície não apresenta duração, relevo ou volume, as figuras reduzem a sua materialidade no achatamento da grandeza, na redução da dimensão do ecrã.

O processo da visão foi repartido entre o ver e o olhar. O 'ver' foi transposto para a câmara enquanto que o 'olhar' foi reduzido ao ecrã. Neste novo processo que multiplica a visão ou o foco e, em

33 Jessica Helfand. 'Screen'. 2001 p.xv

34 Paul Virilio. 'Cibermundo'. 2000. p.70

“Deste modo, depois da linha de horizonte aparente, primeiro horizonte da paisagem do mundo, o horizonte ao quadrado e no quadrado do ecrã (terceiro horizonte de visibilidade) vir parasitar a recordação do segundo horizonte, esse horizonte profundo da nossa memória dos lugares e, por conseguinte, da nossa orientação no mundo, [gera-se uma] confusão do próximo e do longínquo, do interior e do exterior, perturbação da percepção comum que afecta gravemente as mentalidades.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.51

“Depois da janela, desde há muito substituída pelo ecrã da televigilância, é a porta, a porta-janela que encontra o seu fim no limiar do espaço da navegação virtual. Depois da linha de horizonte e da superfície do ecrã trans-horizonte, é agora o volume do espaço cibernético que domina. A informação telemática torna-se assim a terceira dimensão, o relevo da realidade sensível, mas de uma «realidade» que escapa ao espaço real da nossa geografia habitual, para ressurgir no tempo real da emissão/recepção de sinais interactivos.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.95

contrapartida, estagna o olhar. Este fica limitado à mesma moldura, a uma superfície plana, que pode alterar consoante a conexão do olhar. Assim, a visão passa a fazer parte de uma rede de conexões nervosas que se estendem por todo o planeta, e que agora não necessitam da presença ou da proximidade para ver. Os volumes já não têm de ser percorridos para ser percecionados; Basta olhar pelo ecrã e os dispositivos de “representação” substituem a corporalidade e a temporalidade do percorrer, da distância e do espaço, tudo isto fica reduzido a um horizonte planificado onde a profundidade passa a uma proximidade.

horizonte

O desenvolvimento dos processos de representação e a sua associação aos ecrãs (como horizontes aparentes), irrompe na conceção de paisagens sem profundidade. Esta apresentação de realidade interfere com o processo de perceção do território, ao qual podemos atribuir três diferentes alusões: o primeiro o horizonte natural, a pura representação da luz solar; a segunda acepção, o horizonte da memória que remete ao indivíduo e à leitura abstrata do espaço através da memória de lugares; por último, o horizonte artificial, fruto da virtualidade da cibernética no ecrã digital.

“Um quadrado é o fechamento de um espaço visual; ou seja, ele consiste de propriedades especiais abstraídas de tensões manifestas (...)”³⁵

O ‘quadrado’ (o ecrã) pode considerar-se um limite que inclui em si a representação, formando uma moldura. O ecrã apresenta um limite à realidade que, para poder ser transmitida tem de reduzir a forma à proporção do ecrã e redimensionar os horizontes reais. Através desta deslocação de significado ou de reconfiguração da realidade, os horizontes artificiais, de representação, enunciam um outro estado de visibilidade. Mas, os três tipos de horizontes entram em conflito; com a proximidade dos horizontes artificiais nos ecrãs e com a sua constante presença dos mesmos, perdemos a noção da dimensão dos horizontes reais e por conseguinte, dos horizontes de memória. A memória espacial fica afetada pela imagem ‘interior’, imediata, que o horizonte abstrato alcança.

“A noção existencial da experiência baseia-se na experiência real, corpórea mas como processo de representação de uma segunda versão espacial, sendo apenas uma imitação de substituição”³⁶

A televigilância tende a perpetuar o significado do horizonte, onde anteriormente a volumetria háptica e sensível convivia com tempo real, agora, no ecrã e no seu espaço irreal é representado um horizonte que substitui o relevo de uma perspetiva real. O horizonte cibernético apropria-se dos ecrãs ou janelas para se tornar na ‘realidade’ e no horizonte aparente mais próximo. Sobre esta possibilidade, a tecnologia media torna-nos ‘cegos’ para o mundo real. Apenas a máquina visual comunica connosco através da proximidade da luz da informação. Com a evolução tecnológica, através da miniaturização, o ambiente doméstico passa a fazer parte do corpo Humano através das tecnologias portáteis que

35 Marshall McLuhan. ‘Meios de Comunicação como Extensões do Homem’. 2000..p.146

36 Sola Morales. ‘Territórios’. 2003. p.110

“(...) a apresentação da informação (...) já não [é] in situ, como ontem, mas in vivo (...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.135

nos acompanham como dos dispositivos móveis, reconfigura a proximidade. A informação ganha a portabilidade 'in vivo', em qualquer lugar, substituindo o palco do acontecimento 'in situ'. Devido a esta mobilidade as infraestruturas vão abandonar os equipamentos territoriais e passam, antes, a ser circuitos que acompanham o nosso corpo.

experiência abstrata

“Se a janela é a matriz da ambivalência ou da multivalência, e as barras da janela - a malha - é o que nos ajuda a ver, a focar nessa matriz, ela mesma é o símbolo da obra de arte simbolista. Ela funciona como a representação multinível através da qual a obra de arte pode aludir e até reconstituir as formas do Ser.”³⁷

A informação é energia que reproduz a realidade numa superfície do plano. Este ponto de fuga da informação, de representação catódica, não só é útil no sentido da representação da perspectiva óptica natural, mas também como base de uma superfície onde o controle racional pode ser articulado. O ecrã funde a representação das formas enquanto elementos naturais ou abstrações racionais, permitindo-nos 'viver' um horizonte desde as paisagens genuínas até às composições mais abstratas.

No ecrã, a forma e o limite são a janela, o próprio paradoxo temporal-espacial da 'forma' de platónica e aristotélica³⁸, no sentido em que este não é a forma última por si só, mas representa uma abstração, uma racionalização ideológica, um objeto completo em si mesmo. Representa-se um objeto, uma forma múltipla de um potencial futuro no limite do ecrã, mas que se torna inconstante, imprevisível um conflito real-irrealizável.

O paradigma da forma revive-se no ecrã, o paradoxo da 'carruagem'³⁹, em que a ideia de 'forma da carruagem' é o que dá origem a cada réplica produzida demonstrando a reconfiguração sequencial, fragmentária e infinita do mesmo objecto. O ecrã é o encontro ou a redefinição da forma em si mesma.

A experiência Humana já ficou tão próxima do ecrã que a nossa identidade se completa com esta janela- horizonte imaginário. Agora, a sala de espetáculo já não é um grande espaço com a sua enorme tela, esta, agora, passa para o nosso espaço doméstico, para a sala de estar. O horizonte artificial integra o nosso espaço íntimo.

da repercussão

37 Rosalind Krauss. 'Grids'. 'October' vol.9 1979. p.59

38 Adrian Forty. 'Words and Buildings'.2000. p.150. "A partir disto, fica evidente que, no que dizia respeito a Platão, as formas eram sempre superiores às coisas feitas em sua semelhança. (...) Aristotele vê essa 'forma' como uma transmissão genérica entre objetos orgânicos, não como um irrealizado, indestrutível. objetos puros de pensamento".

39 Adrian Forty. 'Words and Buildings'.2000. p.150. "Ao fazer qualquer coisa, (...) um criador segue a "forma", não coisas já existentes. (...) ele dá como exemplo um carpinteiro produzindo uma carruagem: "mas suponha-se que a carruagem se parta, ele fará outra, semelhante à inicial?" Ou ele vai olhar para a forma de acordo com a qual ele fez o outra? A resposta, claro, é a última; e Platão continua: "Não poderia ser chamado justamente carruagem verdadeiro ou ideal?"

“(...) o longínquo superioriza-se ao próximo e as figuras sem espessura às coisas que estão à mão. A árvore frondosa já não é a árvore de referência do domínio vegetal mas, unicamente, aquela que desfila no embacio de uma percepção estroboscópica.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.52

”O olho e o cérebro estendem cada vez mais os âmbitos dos que podem aceder mediante próteses que aperfeiçoam e especializam diversos tipos de acessos à realidade. Os simples óculos e o microscópio são um exemplo claro de como acedemos a mundos visualmente inacessíveis aos nossos olhos, graças à mediação da tecnologia óptica dos nossos dispositivos. Mas no mundo moderno, a tecnologia e o acesso visual encontram-se em permanente processo de diversificação e expansão. Acumulamos, reduzimos, ampliamos e modificamos com as técnicas que são apenas um processo natural do olho que, sem dificuldade, nos proporcionam acesso a mundos visuais que formam parte da realidade e sobre os quais operamos permanentemente.”⁴⁰

Devido à evolução dos dispositivos tecnológicos, a ótica e a representação da profundidade fundem várias escalas numa só superfície. Esta evolução, da nova janela, reduziu o poder do olho perante o espectro focal da câmara e do ecrã. Estes podem observar o universo e um átomo em simultâneo, as profundidades são ausentes perante a focagem dos dispositivos, a expansão e diversificação do olhar ultrapassam a potencialidade do olho natural. A câmara, a extensão ou focagem ótica estão multiplicados por todos os lugares, qualquer lugar pode ser observável e qualquer espaço pode ser um palco.

”Psicologicamente, o livro impresso, como extensão da faculdade visual, intensificou a perspectiva e o ponto de vista fixo. Associada à ênfase visual do ponto de vista e do ponto de fuga que produzem a ilusão da perspectiva veio uma outra ilusão: a de que o espaço é visual, uniforme e contínuo.”⁴¹

O livro intensificou o ponto de vista fixo, a imagem parada num único lugar e a focagem da informação num limite constante e imóvel. Este ênfase visual do plano próximo produz a ilusão de um espaço visual contínuo e uniforme. Esta perspectiva visual, da página do livro, surge como meio de comunicação em superfícies imóveis sob o mesmo limite. Mas a nova janela tem a capacidade de simular o espaço visual como o espaço real. Devido à temporalidade e à ideia de movimento esta pode representar um percurso ao longo do espaço.

Com a representação do longínquo numa superfície, o que ambiente ‘próximo’ é substituído pela maior proximidade do ecrã. O espaço é anulado nos seus intervalos, a distância entre o acontecimento e o espectador fica reduzida à espacialidade entre ecrã e o olho. A câmara foca a acção, a paisagem, e limita a imagem tornando-a numa representação de proximidade. No ecrã, a ‘árvore’ de superfície já não existe enquanto elemento de tamanho natural. A sua profundidade e temporalidade dos objectos podem variar consoante as focagens e alterações da percepção. A forma e a espessura ótica das paisagens são realizadas num imaginário de amplificação transparente, onde o horizonte fica reduzido a uma fina reflexão de luz. A matéria do horizonte pode ser percorrida e aprofundada com o movimento do foco do que se pretende observar.

A aceleração da ótica ou produção da electro-imagem cria um vazio, um achatamento em planos. É a crise do visível da percepção da profundidade. Agora, a extensão do mundo é reduzida a um interface de transmissão instantânea, de conexão com o distante, subtraindo a profundidade, as geometrias

40 Sola Morales. ‘Territórios’. 2003. p.116

41 Marshall McLuhan. ‘Meios de Comunicação como Extensões do Homem’. p.197

“Como o espaço do ecrã não é grande, o tempo de emissão não deve ser muito longo. (...) Ali, onde o espaço da representação se retrai, é preciso acelerar a cadência, para poder voltar a dar, na duração, uma extensão ausente! (...) junta-se agora a estética do desaparecimento de personagens longínquas que surgem sobre a ausência de horizonte de um ecrã catódico(...)“ Paul Virilio. 'A Velocidade de Libertação'. p.62

e as geografias. Todo o relevo é redimensionado – redefinido – reconfigurado. Será por isso que a imagem dos interfaces são sempre horizontes, paisagens?

Com a instantaneidade do espaço do ecrã e com a imposição da grande ótica que anula a perspetiva, a ação (na superfície), tem de se tornar veloz para cativar o observador. Esta imposição ou limitação de perspetiva encerra, em si própria, a realidade física e transpõem um tempo real de uma realidade presa na ótica próxima e num tempo de representação constante, sem que a profundidade do mundo cause relação de distância ou duração.

A imagem ou aparência do tempo real foca em primazia o primeiro plano - a que chamamos de grande ótica. A grande ótica foca o objeto ou as personagens graças à grande abertura perspética; o lugar ou horizonte quase se tornam inexistentes, desfocados. Esta técnica representa a aparência da acção de personagens e elimina a identidade dos lugares. Através da apresentação do próximo, do presente, o tempo do lugar e a profundidade dos mesmos deixam de existir e assim, os lugares passam todos a ser espaços de representação, de mutação da acção.

Através da grande ótica, do sentido de transmissão e de comunicação e assistência, a propagação das tecnologias acaba por influenciar globalmente o desenvolvimento do território. A ausência de profundidade leva-nos a qualquer lugar, numa cultura global sem profundidade e sem lugar específico. Este efeito acaba por provocar uma contração do território gerando uma cultura generalizada, uma cultura imediata.

O telespectador é constantemente manipulado com montagens de paisagens e horizontes onde os conceitos de profundidade e distâncias, tanto como de ambientes, são artificializados e a ideia de domesticidade arquitetónica perde os seus limites e definições. A velocidade incutida como cultura e a ideia de uma nova paisagem tecnológica acaba por se expandir e apoderar do interesse comum. Agora, devido aos dispositivos e veículos de aceleração aumenta o interesse não só pela adrenalina causada, mas também pela 'paisagem da velocidade'. O interesse pela representação acelerada em que a nossa velocidade suprime perspectiva e a transforma num plano próximo de linhas e manchas desfocadas. Os meios orgânicos tornam-se abstratos, apenas resta o horizonte electrónico aparente.

O horizonte transparente, sem profundidade, onde os planos prespeticos se fundem numa paisagem plana, representa um espaço reduzido na sua proximidade de duração de percurso; mas por outro lado, representa também a realização da paisagem da velocidade que, tal como uma planta sem programa definido, estas superfícies alcançam a ausência de acesso e mutação continua a transformação e ampliação funcional. Esta nova paisagem representa a reconfiguração e ampliação através da velocidade na transparência-aparente.

2.c A Tele-acção



imagem 8 – 'Fifteen Million Merits'. 'Black Mirror'. Euros Lyn. 2011.
O 'click' aumenta a extensibilidade do nosso movimento.

“(...) graças aos novos procedimentos da teledifusão ou da teletransmissão, o agir, o famoso tele-agir à distancia do telecomando, é aqui facilitado pelos resultados limite do eletromagnetismo e pela visão radioelétrica daquilo a que se chama já a eletro-óptica; as faculdades preceptivas do corpo do individuo são transferidas, uma apos outras, para maquinas, mas sobretudo, desde há pouco tempo, para captosres, sensores e outros detetores, com a capacidade de suplantar a ausência de tactilidade à distancia, apresentando-se o telecomando generalizado a completar a televigilância permanente.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.32

“Votado à inercia, o ser interactivo transfere as suas capacidades naturais de movimento e de deslocamento por sondas, por detetores que o informam instantaneamente de uma realidade longínqua, em detrimento das suas próprias faculdades de apreensão do real... Desta forma, o homem móvel, depois auto-móvel, torna-se-á mótil, limitando voluntariamente a área de influencia do seu corpo a alguns gestos, algumas impulsões, como as do zapping. (...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.39

“Com a revolução das transmissões instantâneas, é a «partida» que é agora abolida em proveito da «chegada», a chegada generalizada dos dados, e isto desde a televisão ao teletrabalho, à teleacção, que permite o telecomando das funções domésticas da casa inteligente. Equipado para controlar o seu meio ambiente sem se mover fisicamente, tele-actor no meio ambiente onde vive, desprovido dessas próteses exóticas que dantes equipavam o bairro da Cidade, o habitante da metacidade tele-óptica já não distingue claramente o aqui e agora, o privado e o público. A insegurança da sua territorialização prolonga-se do espaço do mundo próprio ao espaço do próprio corpo (...) Desde logo, a sedentarização tende a tornar-se definitiva, absoluta, pois as funções tradicionais distribuídas no espaço real da cidade ocupam agora apenas o tempo real do equipamento do corpo humano.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.84

portátil

A proximidade dos dispositivos e dos Humanos, a portabilidade cibernética e da conexão da rede com o organismo, estende a potencialidade do sistema nervoso para além-corpo. A tactibilidade da distância já se reduziu para os ecrãs portáteis (touch screens) que agora nos permitem interagir diretamente com a tecnologia. Podemos visitar ou observar qualquer lugar através da extensão da vigilância (olhos cibernético-eletrónicos) que definem uma multi-observação instantânea.

A extensão da nossa visão é, atualmente, acompanhada por uma simbiose de sensores e captadores que tentam traduzir, transmitir e teledifundir o máximo de realidade de outros lugares para a nossa percepção. Esta experiência aumenta a nossa capacidade perceptiva na medida em que esta se torna numa extensão corpóreo-eletrónica. Mas não só a percepção é aumentada; também é ampliado o alcance de ação, ou tele-acção. A conexão com a rede torna a mobilidade integrada com membros eletrónicos, acionados por impulsos controlados por dispositivos distantes. A tele-acção não só é responsável pela extensão do poder de comunicação, mas também do poder de agir em qualquer lugar, no imediato.

tele-actor

A velocidade e o tempo quando aliados aos detectores e sensores mecânicos, têm um importante papel na ampliação da locomoção; o presente corpóreo torna-se numa medida de maior distância. A realidade da nossa presença perante os dispositivos fica suscetível ao seu campo de extensão e de comunicação, a sua velocidade afeta a maneira como experienciamos a realidade e a percepção do mundo. Com os sensores eletrónicos, os nossos sentidos cobrem toda a superfície terrestre num abraço cibernético-nervoso, numa assincronia reconfigurante da amplitude global.

Esta amplitude de movimentos electrónicos aumenta também a nossa capacidade de controle. Os dispositivos tecnológicos trabalham com comandos específicos que respondem a ordens-movimentos-ações específicos. O acto de 'premir de um botão' corresponde unicamente à precisão de uma ação, à extensão de um lugar para o outro - do tempo real sobre o espaço real.

A rede artificializa os movimentos através da anulação do uso muscular perante o software universal, o que provoca uma sedentarização de movimentos e da deslocação ao longo do espaço. A extensibilidade anula a sensibilidade corpóreo-real, a distinção do 'aqui' corpóreo e da assistência do 'agora' no ecrã. A presença será ultrapassada pela telepresença sensorial e a nossa interação ou tele-acção transforma-se em fragmentos digitais transportados, em tempo real, na transmissão de um sistema preceptivo.

“À urbanização do espaço real sucede então essa urbanização do tempo real, que é, finalmente, a do corpo próprio do homem da cidade, cidadão terminal, em breve sobreequipado de próteses interactivas, cujo modelo patológico é esse «invalido motor» equipado para controlar o seu meio ambiente doméstico sem se deslocar fisicamente, figura catastrófica de uma individualidade que perdeu com a sua motricidade natural (...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.43

“Se a possibilidade de agir instantaneamente sem ter que se deslocar fisicamente, para abrir as persianas, acender a luz ou regular o aquecimento, tinha em parte suprimido o valor prático dos intervalos de espaço e de tempo em proveito unicamente do intervalo de velocidade do telecomando distância (...) graças às próteses da revolução das transmissões ao vivo (...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.83

A dimensão do território e dos espaços perdem o seu significado perante a instantaneidade e o transporte da acção. As ligações eletrónicas substituem a mecânica corporal e os impulsos à distância desmembrando a mecânica material por um zapping, um comportamento de inércia individual. Esta extravagância Humana provoca um sedentarismo muscular, perante a simplificação da movimentação ou acção do comando electrónico.

inércia

O prolongamento biomecânico substitui a circulação de energia orgânica pela automatização da eletromagnética do click nervoso. O individuo, enquanto ser livre e usuário do mundo, alia-se à crescente difusão das próteses mecânicas. O corpo passa a estender-se através dos prolongamentos cibernéticos mas, ao mesmo tempo, estes são como raízes que o aprisionam no espaço, na relação com o próximo. Apesar de alimentar o corpo com mais informação, a rede acaba por criar uma dependência da sua multiplicidade, o que, por sua vez, provoca um acidente de locomoção, da individualidade motora e da energia biológica perante a aceleração da energia eletromagnética.

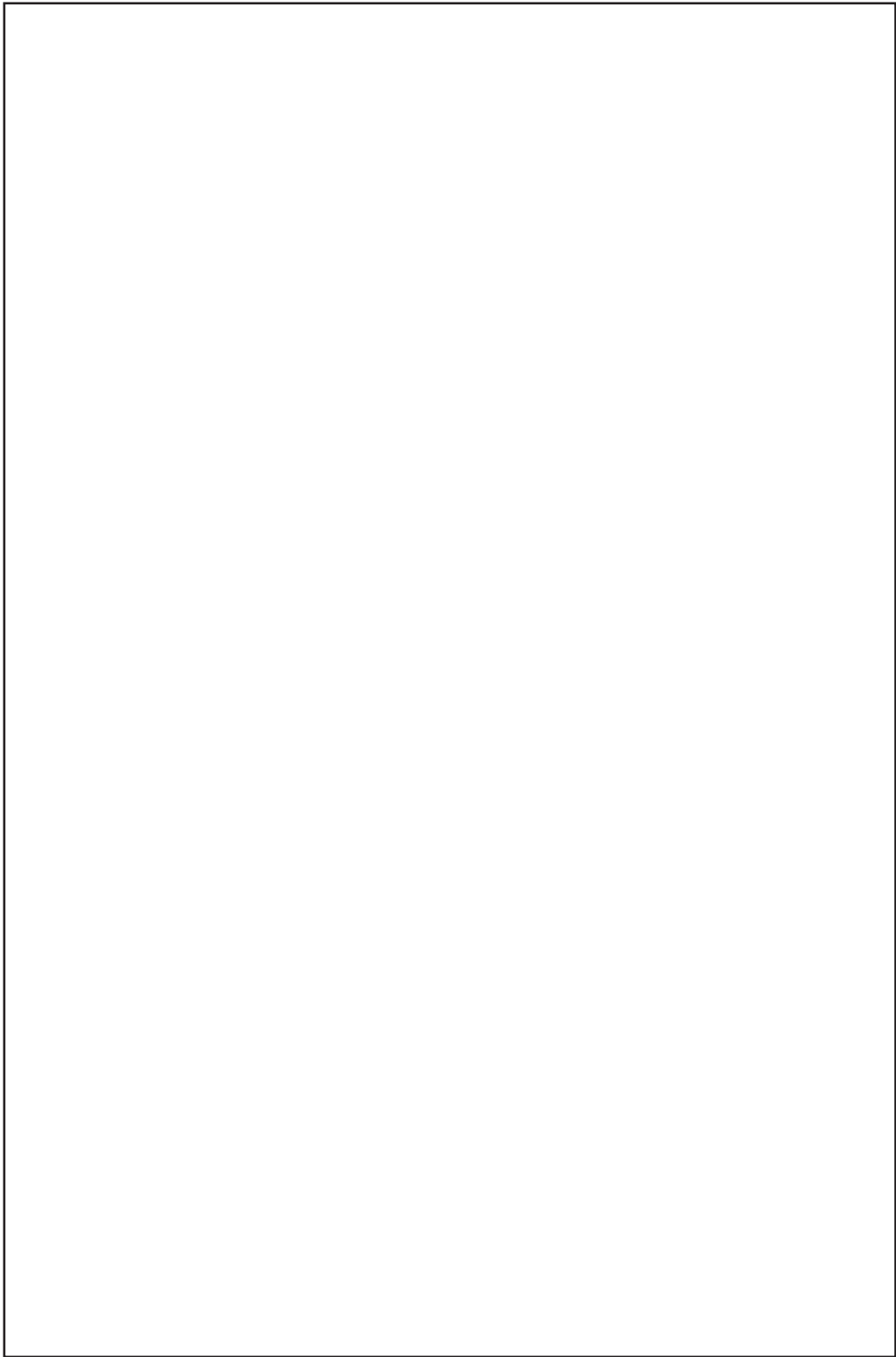
“Assim que se perder os limites da pele, também vamos começar a misturarmo-nos com a arquitetura. Em outras palavras, alguns dos órgãos eletrónicos podem ser adicionados à nossa envolvente. (...) É apenas uma questão de como o órgão está fisicamente ligado, e isso é de pouca importância num mundo sem fios, onde cada dispositivo eletrónico tem a capacidade telecomunicativa. Assim, “habitar” terá um novo significado - um que onde menos a ver com parar os movimentos no espaço arquitetónico e de conectar o sistema nervoso a órgãos eletrónicos próximos.”⁴²

O Humano é agora um ‘cyborg’⁴³, sem exterior ou interior, a distinção perde-se na reconstituição corpóreo-electrónica da extensão cibernética. A imobilidade apodera-se do corpo, a extensão geofísica é ilusória face à tele-acção absoluta e instantânea. A possibilidade de agir sem necessidade de locomoção física torna o corpo num organismo sedentário que se revela entorpecido para a arquitetura e imóvel perante a espacialidade próxima. Os lugares ficam cada vez mais estáticos perante os indivíduos, a sua mobilidade à distância permite a fluidez entre temporalidades instantâneas. O espaço do mundo exterior desaparece face ao alcance imediato, o cyborg percepção todo o território, o espaço exterior reflete apenas um corpo maior, uma exterioridade ‘endótica’.

O tempo empírico e a distância mundial já não são extensos, são apenas um instante espacial. O movimento do zapping torna-nos assistentes, observadores. Os nossos olhos são substituídos por sensores mediáticos e cabe apenas à nossa consciência a capacidade de seleccionar a informação assistida, de fazer o zapping (a opção de racional de escolha de imagem que nos definirá enquanto indivíduos).

42 William Mitchel. ‘City of Bits’. 1995. p.31

43 idem. “No mundo em habitamos, nós, cyborgs, através das retinas eletrónicas das nossas câmeras de vídeo produzem-se alterações e fragmentos. As salas e edifícios têm agora novos tipos de aberturas; as cenas que vemos através do vidro são distantes, o lugar do outro lado pode mudar de momento a momento, e a acção pode ser uma repetição.”



A arquitetura torna-se assim numa prática que automatiza o espaço⁴⁴ e reconfigura-o sem necessidade de locomoção. A arquitetura já não necessita do Humano para se alterar mecanicamente, nem do ambiente exterior, agora, esta é um meio autónomo que responde à informação-inteligência artificial e a sensores para criar um ambiente mecânico. Esta Crise significa que a arquitetura se afasta do mundo natural e se encerra para o instante interior, sem profundidade. O meio natural é afastado, o interior já não vê a luz solar, a janela é uma representação mecânica, eletrónicas. O corpo Humano apenas usa o espaço através de interfaces, de pequenos comandos, botões que se acionam nas redes, por todos os espaços. O Humano perante a arquitetura torna-se um individuo de intensões, os impulsos desempenham as tele-ações. A reconfiguração que a início era uma capacidade de representação da luz na sua potencialidade de alterar a aparência dos espaços, desenvolve-se agora para uma extensão das capacidades motoras sobre o espaço. O espaço real, que anteriormente alcançava o horizonte a partir da janela, transfigura-se no interface que estende a capacidade de interação em tempo real com o mundo. Os limites espaciais definidos pela física são revalidados por uma ação além-corpo, além-proximidade. O interface estende o sistema nervoso Humano por uma rede de acção global.

44 Kisho Kurokawa. 'Metabolism in Architecture'. 1977. p.75 "De agora em diante, a arquitetura assumirá cada vez mais o carácter de equipamento. Este novo dispositivo elaborado não é uma "facilidade", como uma ferramenta, mas é uma parte a ser integrada a um padrão de vida e tem, em si, uma existência objetiva.."

Crise 3. Oblívio - Da identidade e da existência

“Mas essa constante pressão depois de “mais luz” já estava levando a uma espécie de deficiência precoce, uma cegueira;(...)”. Paul Virilio. ‘La Machine de Vision’.1994. p.9

3.0 O Encandeamento de Informação e a Estagnação Histórica



imagem 9 - 'View of the Arch of Titus from Vedute di Roma'. Giovanni Battista Piranesi. 1770. A arquitetura estagnada na imagem e a ruína arrastada do seu tempo.

“Servindo o tempo luz a partir de agora (ou se preferirmos, o tempo da velocidade da luz) de padrão absoluto à actividade imediata, à televisão instantânea, a duração intensiva do «instante real» domina desde logo sobre a duração, o tempo extensivo e relativamente controlável da história, quer dizer, (...) o passado, presente e futuro. É finalmente aquilo a que se poderia chamar uma comutação temporal, comutação que se aparenta também a uma espécie de comoção da duração presente, acidente de um pretense instante «real» mas que, de súbito, se desprende do seu lugar de descrição, do seu aqui e agora, em benefício de uma ofuscação eletrónica (ou mesmo eletro-óptica), electro-acústica e electro-tátil), onde o telecomando, o suposto «tacto à distância», viria culminar com a antiga televigilância do que se mantém à distância, para além do nosso alcance.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.37

“Mas antes de nos interrogarmos qual é, e sobretudo qual será, amanhã, a ausência de profundidade do presente, é necessário, na era de uma comunicação universal, voltar a essa consciência progressiva de uma espessura geológica sem memória, e à ruptura, ao desabamento telúrico do conhecimento da profundidade do passado.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.163

conceitos

A cultura visual transmitida pelo ecrã está presa à informação digital. Este é o meio que domina a comunicação, não só pela velocidade apresentada mas também, pelo poder inerente à imagem de rápida e massificada disseminação. Na sua génese questionando-se a produção de veracidade em detrimento da liberdade de produção e transmissão de informação. É sobre este momento que se debruça a análise sobre as capacidades da imagem de interferirem com a assimilação, com a constatação Humana acerca de realidade e identidade própria.

A intenção do ecrã não se aplica só ao efeito da superfície, de instantaneidade e comutação temporal através dos efeitos instantâneos da luz. O poder da imagem, da projeção, da mensagem que se transmite tem também consequências sobre a consciência dos observadores. O que fora uma exploração presa à relação entre câmara e ecrã, procura agora relacionar-se com os efeitos aderentes à luz artificial e à mensagem projetada pelo ecrã. Esta luz destabiliza a perceção do mundo, a conceção deste enquanto meio físico da duração do presente do lugar, real e verdadeiro. A imagem instantânea ofusca-nos com a representação do tempo extensivo sobre a nossa apreensão do mundo e de como, posteriormente, o pensamos e envolvemos.

tempo-espaço

O reconhecimento das projeções e de como estas influenciam a perceção e a assimilação do reconhecimento da realidade constroem a consciência de presente e o aprofundamento da memória. Neste sentido, a qualidade da imagem e da mensagem que é projetada pelo ecrã e comunica o conhecimento, gerado pela experiência, pela recepção e transferência de informação pela interação social. Neste momento, a instantaneidade ultrapassa as geografias e a história, levando a uma rutura do contexto do lugar em contrapartida do presente próximo inerente ao domínio dos ecrãs e meios media. Como consequência, são estes dispositivos, os geradores de uma nova memória, não baseada no reconhecimento real do lugar⁴⁵, mas na representação da 'verdade' que é assimilada e difundida pelos interfaces.

Devido à velocidade de transformação não existe uma regra que consiga estruturar os novos limites, estes passam a ser virtuais, inexistentes. As estruturas abstratas fluem sem ordem, sem futuro, onde, devido à flexibilidade, perdem linearidade. O futuro passa a ser instável e ramificado como um rizoma tempo-espaço.⁴⁶

45 Neil Leach. 'Rethinking Architecture'. 1996. p.330 "A localização, de verdade já não passa de um ponto num movimento, esta já não pára, apenas abranda indefinidamente. Por outras palavras, desde Galileu, a partir do século dezassete, que a localização foi substituída pela expansão.

46 Gilles Deleuze. 'Thousand Plateaus'. 1995. p.5 "[no sistema rizomático] (...)na natureza, as raízes são raízes centrais com um sistema de ramificação múltiplo, lateral e circular, em vez de um sistema dicotômico. O pensamento fica atrás da natureza. Até o livro tem uma realidade natural e uma raiz principal, como uma linha central e folhas circundantes. Mas o livro é como uma realidade espiritual, a Árvore ou Raiz são uma imagem, desenvolvida indefinidamente a lei do 'um' que se torna 'dois', depois dos 'dois' que se tornam 'quatro'. . . A lógica binária é a realidade espiritual da raiz da árvore. (...) Isto é tanto quanto dizer que este sistema de pensamento nunca chegou a um entendimento de multiplicidade.

“[O] Movimento que hoje se amplifica pelas tecnologias do telecomando e da telepresença à distância, em breve culminará num estado de sedentarismo extremo onde o controlo do meio em tempo real suplantarà a ordenação do espaço real do território. [Esta] Sedentarização terminal e definitiva, consequência prática do advento de um terceiro e último horizonte de visibilidade indirecta (depois do horizonte aparente e profundo), horizonte trans-aparente, fruto das telecomunicações, que abrem a possibilidade inaudita de uma «civilização do esquecimento», sociedade de um directo (live coverage) sem futuro e sem passado, sociedade intensamente presente aqui e ali, dito de outro modo, [está] telepresente no mundo inteiro.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.51

“Se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não possa definir-se como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a sobremodernidade produz não-lugares, ou seja, espaços que em si mesmos não constituem lugares antropológicos e que, ao contrário da modernidade baudeliana, não integram os lugares antigos: inventariados, classificados e promovidos a «lugares de memória» (...) um mundo votado à individualidade solitária, à paisagem, ao provisório e ao efêmero”⁴⁷

A relação entre a tecnologia e a virtualização transforma a produção de espaço e lugares numa realidade outra que rompe a relação com o natural. Devido aos processos de velocidade, assíncronos e às transformações constantes formais ou limítrofes, a não memória manifesta-se num processo ou efeito que rejeita os lugares e os objetos. Os objetos apresentam-se enquanto ausentes de passado ou formas estáveis, enquanto nulos de uma linearidade ou sequência causal. O carisma e a derivação eletromagnética incorrem numa presença desconecta dos tempos, dos espaços e dos lugares.

Quando olhamos para a janela acreditamos na verdade do que vemos, na realidade que se constrói na grandeza do mundo. O poder dos media, sobre o conteúdo, cria uma realidade de crença à sua palavra e à sua veracidade. Todo o foco é dado então ao conteúdo, renegando que este conteúdo possa ser manipulado pelos media.

É neste momento, que a imagem pública prevalece sobre o espaço-lugar público. A imagem media ganha influência, por estar em todo o lado, por ser a mensagem do tempo real. O espaço público - espaço real desenvolve-se através dos meios singulares, que são vencidos pela deslocação imediata e massiva do instante real da informação media.

velocidade

A perda da sucessão espacial, da deslocação, da duração do trajeto(velocidade) resulta numa perda de memória ligada à imagem instantânea. As imagens do tempo real não definem a informação no sentido profundo da mensagem mas surgem como uma iluminação acerca do acontecimento.

A entrada do horizonte digital sobrepõe-se ao horizonte natural na sua proximidade. Ao ser mais imediato e de rápida manipulação, o horizonte cibernético rompe com o reconhecimento do horizonte de memória, o imaginário realizável vence sobre a memória distante e intermitente. A partir do momento em que a percepção e memória são afetadas instaura-se uma profundidade cognitiva, uma cultura paradoxal sobre a imagem presente do ecrã.

O avanço das tecnologias interfere na aceitação da realidade natural, é cada vez mais realizável em si próprio, a sua evolução conduz a uma ilusão que ganha maior definição com o passar do tempo. Esta evolução acaba por anular a visão e a percepção, no sentido em que os nossos nervos óticos são negligenciados por uma velocidade e mutabilidade imediata.

“De facto, o interface em tempo real suplanta definitivamente o intervalo (...) numa verdadeira cultura do paradoxo, onde tudo chega sem que seja necessário não apenas deslocar-se fisicamente mas igualmente [sem que seja necessário] partir (...)”
(Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.42)

“(...) Num sentido ideal, então, a percepção (impressão) seria a fase da consciência que constitui o puro agora, e a memória de todas as outras fases de continuidade.”⁴⁸

A percepção é a fase da consciência que se gera a partir do presente, do aqui e agora. A memória representa a fase de continuidade. Então através da percepção geramos a nossa existência no tempo e a memória introduz-nos à criação de passado em recordações de continuidades. Mas se o agora não é uma presença, mas uma recriação do que fica retido pela nossa percepção e que origina a memória, é uma continuidade falaciosa.

“Neste estado suspenso de presente perceptual, a única perspectiva histórica que permanece é a ameaça de um desastre final, um tal aquecimento global. Provocando precisamente o fim da história, (...)”⁴⁹

O interface e a velocidade instantânea anulam o intervalo, o espaço-tempo é sobreposto por uma nova consciência de duração, a anterior organização linear, geográfico-histórica é fragmentada pela cultura visual imóvel do instante real. O tempo constrói-se numa sucessão paradoxal, anti-histórica, baseada na reconfiguração mediática constante, numa cultura do imprevisível, do acidente da profundidade das distâncias e da duração que se renova sempre que um evento se desgasta na sua periodicidade.

48 Jacques Derrida. 'Speech and Phenomena'. 1973. p.65

49 Antoine Picon. 'The City and the digital Sprawl'. p.204

3.a Bi-polaridade



imagem 10 - 'Portrait One'. Luc Courchesne. 1990.
Quando olhamos para o ecrã nem sempre a nossa imagem nos representa.

“Se já não há fotografia, (...), mas somente uma paragem de imagem, e se, portanto, as imagens fixas são apenas «estações» no caminho das sequências do desfile visual, (...) o olhar amador vai em breve sucumbir e ceder o lugar a uma indústria da visão que deverá tudo ao motor, ao emissor/receptor dessa «desordem de ondas» que veicula agora o sinal vídeo e o sinal rádio. Depois da automatização da produção e com essa revolução das transmissões que completa os efeitos mobilizadores da revolução dos transportes do século [XIX], encontramos-nos, por conseguinte, em presença de um esboço da automatização da percepção do mundo.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.124

“(…) com a emergência do tempo mundial vamos ficar todos expostos (ou mais exactamente sobexpostos) ao acidente geral (...) A deslocalização da acção e da reacção (a interacção) implicam necessariamente a deslocalização de todo o acidente. (...) [ou seja] a circulação do acidente generalizado.” (Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.102

“(…), então sim, a Terra, o espaço-mundo, estaria «doente» (...) pela altura, pela largura e pela profundidade de um espaço desrealizado pelo artifício de uma aceleração-limite que liquidaria efectivamente a história e a sua memória, dado que a desertificação conhecida da extensão geográfica seria ela própria ultrapassada pela desertificação da duração (cronogeográfica), [como um] deserto do tempo mundial, de um tempo global (...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.166

o acidente

Através da reinvenção da comunicação pelos meios eletrônicos, pelos ecrãs, a velocidade e as sequências originam uma automatização da percepção. Agora, os espectadores dispõem-se em frente às superfícies eletrônicas e estas projetam as imagens, a informação sem qualquer controlo do observador. A presença ou assistência torna-se uma consequência da automatização, os programas inundam-nos de imagens e sequências a uma velocidade aparentemente desordenada⁵⁰

Esta bi-polaridade na relação com a visão torna-se num dos aspetos ou acidentes mais marcantes da atualidade. A visão desdobra-se entre a automatização e a verdade, entre a capacidade de ver ou de ser meramente um espectador sem lugar, que flutua na desordem de ondas numa sequência de espaços sem origem.

A mundialização instaura um estado de partilha/exposição contínua, simultânea e imediata. Num momento podemos olhar para dois pontos diferentes do planeta sem deslocação. O acidente transforma a nossa presença num momento sem origem, o ecrã expõe qualquer lugar, transporta qualquer acção para o quadro eletrónico e, esquecendo o tempo, a história, e a geografia, o ecrã reúne no mesmo espaço e lugar várias origens-polos.

deslocalizado

Com a convivência no mundo virtual, artificial e a sua conexão por sensores ao mundo real, existe uma reinvenção do real, uma clonagem atípica dos espaços e acontecimentos naturais, que esquece a história e a geografia em proveito do ecrã. O planeta reinventa-se numa superfície sem profundidade através de paisagens eletrónicas que aumentam a multiplicidade e repetibilidade do mundo natural.

“Os primeiros programas de rádio e televisão “ao vivo” preservaram com cuidado a convenção teatral do tempo de execução definido, mas os programadores logo aprenderam truques de performances gravadas repetidas e que mudavam o tempo de misturar do material ao vivo e do gravado. Com o desenvolvimento de vídeos interativos em rede, o show continua a qualquer momento quando alguém quiser.”⁵¹

As janelas digitais substituem as reais, o mundo digital instala-se nos espaços humanos e recria o sentido da transparência e da visão. A distância do horizonte pode ser alterada e as cenas ou momentos podem ser repetidos. O controlo digital apodera-se do presente contínuo, que fica guardado na memória cibernética e pronto a ser usado. O passado pode ser repetido e o futuro ou o avanço temporal controlado na sequência do presente. A identidade do passado, da memória é, então, reescrita e remontada através de fragmentos de memória. O lugar e a identidade podem ser repetidos e multiplicados, reescritos e apagados.

50 Gary Hill. APUD Paul Virilio. 'A Velocidade de Libertação'. p.124. '(...) a visão ou a capacidade de ver já não são a possibilidade de assistir, mas de não ver.'

51 William Mitchell. 'City of Bits'. 1996. p.64

“(...) o continuum espaço-temporal não pode ter «centro» - e ainda menos origem - fora desta mesma relatividade ou, dito de outra maneira, fora desta «velocidade-de-luz» de um tempo de exposição que se impõe ao tempo da sucessão, histórico e clássico.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.179

“Confrontados com o carácter estereoscópico de um real partilhado entre o óptico e electro-óptico, acústico e electro-acústico, tacto e teletactilidade, estamos prestes a abandonar os nossos hábitos de ver e de pensar, para apreender um novo tipo de «relevô» que põe em questão a utilidade prática da noção de horizonte e, por conseguinte, a «perspectiva» que até à data permitia que nos reconhecêssemos aqui e agora (associação com a memória). Tudo isto porque a única fonte de «luz» e, por conseguinte, de realidade de outrora desdobrou-se ela própria, contemplando-se agora a sombra (directa) dos raios de Sol ou da lâmpada com «zonas de sombra» (indirectas) da ausência de emissão dos sinais electrónicos, sendo iluminação das coisas, a percepção à vista do observador natural, subitamente suplantada pela televigilância. “ Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.71

“Ora, de que «espacialidade» pode tratar-se quando já não só subsiste o ser do trajeto, de um «trajeto» que identifica integralmente o sujeito e o objecto em movimento, sem outra referência que não ele próprio?

Está aí, em última análise, toda a questão filosófica de um ser menos no mundo do que fora-do- mundo, esse «fora-do-mundo» esforçando-se, contudo, por parecer que habita este mundo real...” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.171

Dado que o desconhecido, o exótico, foi extinto, somos apresentados a uma realidade de uma retoma do conhecimento próprio não só do indivíduo mas também de uma sociedade interligada num lugar. O ambiente 'exterior' torna-se uma pertença da rede, de todos, um ambiente domesticado e reconhecido passível de consulta, num instante e num dispositivo eletrónico. O mundo torna-se micro, tal como o integrante de uma rede de informação global. O cidadão perdeu o lugar específico de identidade, fazendo parte de uma cultura integrada interligada, global.

O contínuo temporal que constrói o presente não pode ter um centro, não tem origem e assim constitui o intervalo nulo. A velocidade da luz desenrola-se não perante uma sucessão de origens a que chamamos história mas, antes, a uma sobreposição ou exposição que representa uma temporalidade instantânea constante e desmesurada de centros e tempos (passado-presente-futuro), de lugares que se sucedem no mesmo espaço.

identidade múltipla

"Os Indivíduos no seu regime individualista tornam-se (...) matéria que cae (...) sob sua função refletiva de autocompletar. (...) sob a ilusão de que poderiam desempenhar as duas partes no jogo da esfera e do relacionamento bipolar, sem a necessidade de uma realidade outra. Esta ilusão obscurece-se no curso da história e mentalidade dos media europeus." ⁵²

A capacidade estereoscópica da luz, os seus poderes de comunicação através da variação instantânea transformam a nossa presença o nosso sentido de ser⁵³ no espaço ou aqui agora e transporta-nos para uma realidade de luz abstrata, desdobrada que se reinventa a cada instante. O observador, o ser existente identitário do lugar, é sobreexposto a uma luz sem sombra a um interface sem relevo de uma realidade transportada pela televigilância para uma proximidade sem identidade.

"(...) Num sentido ideal, então, a percepção (impressão) seria a fase da consciência que constitui o puro agora e a memória de todas as outras fases da continuidade. Mas isso é apenas um limite ideal, algo abstrato que pode ser nada para si." ⁵⁴

O agora é afetado pelo ecrã, pela inundação de experiência de presentes deslocados, uma cultura global, genérica. Através desta continuidade de presentes renovado perdemos a condição de memória de criação de individualidade ou de linearidade histórica. A percepção institui-se como temporalidade continua e o conhecimento estagna-se pela instantaneidade sem história. A velocidade supera-nos, perdemos o discernimento de integração no lugar, de existir num espaço numa geografia, a cultura global genérica faz parte da percepção, da não memória de cada um.

inteligência artificial

A partir do momento em que a velocidade instantânea anula o princípio de origem. A forma, a

⁵² Peter Sloterdijk. 'Sphären III' 1998. p.98.

⁵³ Heidegger. 'Ser e Tempo'. 2009. p.27 "Se-no-mundo não diz ser dentro do mundo, mas fundamentalmente ser mundo, e isso na experiência de sendo em ser, de existir na dimensão infinitiva de ser, ou seja, de existir na abertura do a-ser."

⁵⁴ Jacques Derrida. 'Speech and Phenomena'. 1973. p.65

“(...)o despedimento, o desemprego definitivo da sua memória, da sua consciência, com o impulsionamento recente dos computadores, das «máquinas de transferência», [é composto pela] automatização da produção pós-industrial acompanhada pela automatização da percepção e da concepção assistida, (permitidas pelo mercado dos programas, enquanto se aguarda o da inteligência artificial.)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.42

identidade do lugar, no estado de repetição cibernética e da velocidade da luz destrói a veracidade e a existência de lugar identitário e único, isolado e específico. Com este eco dos lugares na rede, desenvolve-se o tempo de identidade de uma individualidade sem repetição. A automatização da representação revela lugares múltiplos da globalização, da assistência simultânea, num fenómeno de repetibilidade, em que um lugar único é partilhado por todo o mundo. Em consequência, perdeu-se relação com o ambiente envolvente, este agora, devido à extensão da rede, é representado por toda a superfície terrestre, estar 'aqui' é estar em todos os lugares em simultâneo.

"Desde o momento em que as cópias dos dados digitais são réplicas absolutamente exatas dos originais, não importa se os dados originais são perdidos ou destruídos."⁵⁵

A partilha é um dado, um efeito de repetição. Qualquer informação tornada digital pode ser partilhada, passa a fazer parte de uma rede bipolar que cria ecos e clones por qualquer lugar, por lugar nenhum. A partir do momento que a cópia é feita, esta torna-se uma réplica exata do original. Com este facto, o original é perdido e o anonimato ganha representação na veracidade. A duplicação passa a ser uma existência, uma identidade própria.

Esta variabilidade faz com que o mundo virtual também se construa segundo normas diferentes e de que estas construam uma estrutura não real, de vários acontecimentos falsos mas que, por serem mencionados, acabam por existir. Desta maneira, o mundo digital pode seguir lógicas de verdades diferentes em simultâneo, o que se transmite em formas ou representações verdadeiras, de certo e errado, do belo e do feio coexistindo em homogenia.

Hoje tudo se reflete na construção das imagens, na presença de signos e identidades que perdem o vínculo com o lugar. O lugar agora afasta-se da sua espacialidade euclidiana, da sua identidade através do meio que vai transportar-repetir o lugar mesmo antes da sua experimentação. Tudo se traduz em informação, em comunicação e partilha imediata, remetendo esta lógica aos espaços e apropriando-os de imagens repetidas, imediatas. Estas imagens representam ícones do que é o 'não-lugar', sendo presenças contínuas que se repetem e viajam para outros espaços e que transformam a origem numa intenção de um ideal de repetição imediata.

3.b O Presente Contínuo

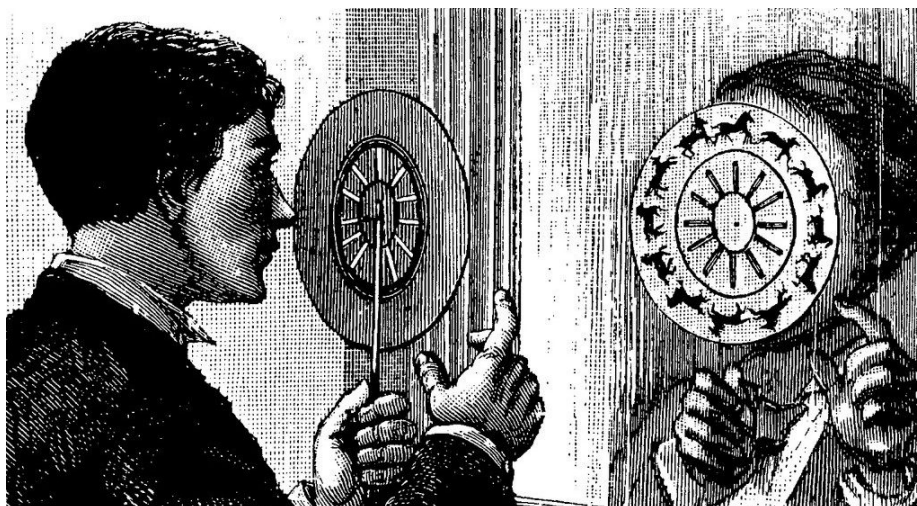


imagem 11 – 'Phenakistoscope'.
O círculo em rotação constante reinventa a sequência
ininterrupta.

“Actualmente, o ecrã das emissões de televisão em tempo real é (...) um filtro monocónico, que deixa apenas entrever o presente; Um presente intensivo, fruto da velocidade-limite das ondas electromagnéticas, que não se inscreve já o tempo cronológico, passado-presente-futuro mas no tempo cronoscópico: subexposto-exposto-sobreposto.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.54

“Desta forma, à linha de horizonte que limita a perspectiva das nossas deslocações, junta-se hoje o horizonte ao quadrado da televisão ou da lucarna [janela] do avião e do TGV. Como o desfile óptico não pára, torna-se difícil, mesmo impossível, acreditar na estabilidade do real, na fixação de um visível que não pára de fugir, [é] o espaço do imóvel cedendo rapidamente o lugar à instabilidade de uma imagem pública que se tornou omnipresente.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.125

sobreexposição

“Esta necessidade de dar um sentido ao presente, para já não falar do passado, é o preço da superabundância de acontecimento que corresponde a uma situação que poderíamos designar de a «sobremodernidade» a fim de dar conta da sua modalidade essencial de excessos”⁵⁶

A história deriva de uma sucessão construtiva linear mas que, atualmente, anula o passado numa sucessão de acontecimentos, de superabundância a que se pode chamar de ‘sobremodernidade’. Este desígnio deriva da consequência assíncrona dos tempos, eletrónico e cronológico e à sobreposição destes. Um tempo presente intensivo de tempos simultâneos e desconectados, materialmente. A reinvenção de tempos, associados em rede e a sobreposição da condição de tempo real-digital destrói, a sequência linear num estado de tempo presente contínuo⁵⁷.

“(…) no mundo da sobremodernidade, está-se sempre e nunca mais se está «em sua casa» (...) A sobremodernidade que decorre simultaneamente de três figuras do excesso que são superabundância de acontecimentos, superabundância de espacial, individualização de referências)”⁵⁸

A casa, o ambiente doméstico, representa a espacialidade do presente contínuo, ‘está-se sempre e nunca se está’. Os tempos cruzam-se reiniciam-se, o passado o presente e o futuro convivem no ecrã, no interface que torna o distante a duração, na proximidade instantânea. A condição de tele-actor imóvel reúne a temporalidade no espaço de maior controle-extensão, de maior conforto onde o espaço endótipo se reúne num presente sem distância sem temporalidade.

evento em excesso

“A tensão e a contradição (...) constituem o maior problema da concepção da cidade como cidade de eventos. A sua derrota permanece na complexa relação com a memória e a história. (...) A suspensão da dimensão histórica e de memória da arquitetura coincide com uma maior crise do sentido da história.”⁵⁹

A própria relação entre o digital e a cultura de eventos⁶⁰ esta alocada à condição da natureza da informação. Nesta sequência, a informação digital e a sua transmissão são por si eventos, acontecimentos que se manifestam por meio dos ecrãs nos dispositivos. Esta nova dimensão sensorial-digital introduz-nos em comportamentos coletivos e individuais dentro de uma rede de eventos, de uma rede de espaço virtual, público. Estes no momento simultâneo que definem um coletivo influenciam também o indivíduo na sua construção de identidade

Em consequência da velocidade e da rede integrada por vários diferentes sistemas, o imediato para nós significa a rápida comunicação e disseminação de uma ocorrência um evento, um acaso ou

56 Marc Augé. ‘Não-Lugares’.1994.p.37

57 Guy Debord ‘A sociedade do espetáculo’ 2012 p.73 “Mesmo quando a sociedade desenvolve a tecnologia e a linguagem como meio de produção de história, é apenas consciente de um presente perpetuo.”

58 Marc Augé. ‘Não-Lugares’.1994. p.113

59 Antoine Picon. ‘The City and the digital Sprawl’. p.202

60 Jonnathan Crary. ‘ Techniques of the Observer’ 1990. p. 19 “Esta automatização da visão, ocorre em vários domínios como se a condição histórica fosse reconstruída ajustando-se à tarefa de consumo ‘espéctacular’.”

“(...) é isso que as tecnologias do tempo real realizam: matam o tempo «presente» ao isolarem-no do seu aqui e agora, em favor de um algures comutativo, que não pode ser já o da nossa «presença concreta» no mundo mas de uma «telepresença discreta» cujo enigma permanece na íntegra.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.25

“O acidente dos acidentes generaliza-se no instante e o centro do tempo - o tempo permanente - domina definitivamente o espaço fixo, já não há aqui, tudo é agora (...) O hipertempo do tempo intensivo da transformação em ondas do real prevalece de uma vez por todas sobre a antiga centralidade do espaço extensivo dos territórios.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.186

“Renovando a alternância da noite e do dia solar que, ontem, organizava as nossas efemeridades, o dia sem fim da recepção dos acontecimentos produz uma iluminação instantânea da realidade que deixa na sombra a importância habitual da sucessibilidade dos factos; as suas sequências perdem pouco a pouco todo o valor mnemotécnico em proveito do deslumbramento desse hipercentro do tempo que a emissão e a recepção em direto da informação tão bem representa.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.180

acidente que acontece. A assistência em tempo real provoca um o excesso do estado de presente 'live' sustentada pela reunião à distância, a telepresença do aqui e ali. Mas na consequência da comunicação digital, os eventos acabam por ocorrer sem lugar, num espaço sempre conectado, colectivo, um presente vivido, contínuo. Mas a temporalidade associada ao hiperpresente acaba por se afastar do mundo real, em detrimento de uma virtualização do presente, a atualidade torna-se uma potencialização do que o momento pode ser, uma idealização de acumulação do tempo e sensações que transformam a percepção do tempo.

fragmentação temporal

A propagação atual de informação gera um sistema de presença em que se fica preso a uma constante reinvenção temporal-espacial como meio de persuasão a uma lógica de espaços informação que se seguem uns aos outros e criam uma rutura do contínuo espacial-real-natural através de um ciclo de momentos encadeados. O tempo presente, o aqui e o agora, reflete a distância à ausência corporal, os espaços.

“[chegamos] À era do simulacro, isto é, da cópia sem original. O simulacro foi o estado final da história da imagem, passando de um estado em que “mascara a ausência de uma realidade básica” para uma nova época em que “não tem qualquer relação com qualquer realidade: é sua própria pureza”. simulacro (...) Por detrás desse simulacro estava “a capacidade assassina das imagens, assassinas do real.”⁶¹

A fragmentação do conceito de presente difere enquanto temporalidade e enquanto evento. Por um lado, o presente temporal refere-se ao agora, hoje, o imediato, por outro ao lado, o presente do observador, de assistir aos acontecimentos reais e mundiais, ao presente do acontecimento contínuo. A deslocação-velocidade não só tem o efeito de reverter a noção estável de tempo-dilatação, mas também a noção de superfície no espaço, visto que anteriormente, estava associada ao tempo local aqui e agora, agora devido ao transporte espaço-temporal-deslocação, a superfície manifesta-se segundo interfaces sempre 'aqui e agora'. Nestes revela-se compartimentação e compressão da profundidade, possibilitando alterar o lugar da superfície ou o foco do acontecimento ou até alterar a realidade a que se assiste, tudo isto através do interface que altera o presente a fragmentação do lugar.

da repercussão

“As revistas das companhias aéreas fazem a publicidade dos hotéis que fazem publicidade das companhias aéreas – e o interessante é que todos os consumidores de espaço são apanhados pelos ecos e pelas imagens de uma espécie de cosmologia objectivamente universal (...)”⁶²

A sucessão luminosa solar que organizava o dia, os ciclos temporais mecânicos, é agora inundada por uma iluminação artificial instantânea e contínua, na qual nunca se perde a fonte de energia. O dia é apenas uma representação de variação que pode ser quebrada a qualquer instante por qualquer

61 Jean Baudrillard. 'Simulations' 1984. p.256. APUD. Nicholas Mirzoeff. 'Introduction to Visual Culture'. 1999.p.28

62 Marc Augé. 'Não-Lugares'.1994. p.111

“Desta forma, ao lado da dilatação permanente de um tempo agora menos cíclico que esférico(dromosférico), a profundidade do passado já não é a única a amplificar-se, na medida em que assistimos agora à [dilactação] do presente, de um presente continuado, (...) e que é precisamente a súbita mundialização do tempo real das telecomunicações; este tempo superficial de uma telepresença que renova para nós a surpresa.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.175

evento, num presente in continuum.

A rede representa a sua espacialidade manifesta do presente enquanto anulação temporal. A dimensão do presente contínuo é um vínculo temporal do presente instantâneo, sem duração, que se propaga para a realidade e anula a sua duração. Na rede não há tempo nem origem, não há noite nem dia, as formas não têm limites nem estabilidade. E através da rede, das extensões da comunicação surge o efeito da globalização que também é um produto do presente eterno e da reconfiguração da superfície. A velocidade da luz atinge uma duração infindável face à velocidade de corrupção da extensão terrestre. A circulação ininterrupta de informação e as suas diversas estruturas e 'layers' acumulam-se, não no sentido de padrões imprevisíveis, mas de ramificações infraestruturais.

A cidade vive da percepção aumentada, dos media e das infraestruturas, dos espaços e territórios que passam a fazer parte de uma rede contínua. Esta presença digital conecta os eventos como 'acontecimentos espetaculares'⁶³, aliando-se ao processo de acompanhamento em simultâneo, assistido, proporcionado pelos dispositivos e sensores que aumentam a dispersão e a área 'live' do acontecimento. As telecomunicações estendem a capacidade de observação, a capacidade de gerar imagem de representação sem locomoção. Através das várias estações e canais de comunicação, cada vez mais acontecimentos nos chegam próximos. A nossa presença, assistência e observação não tem fim, o presente regenera-se ou dilata perante a informação em constante produção e transmissão.

63 Antoine Picon. 'The City and the digital Sprawl'. p.195 "Aliados às tecnologias de vigilância, os medias digitais apresentam-nos um "espetáculo-acontecimento" no nosso ambiente urbano, desde grandes eventos até pequenas ocorrências (...) previsões. (...) eventos como marcos que podem definir nossa cidade contemporânea tanto quanto monumentos (...)."

3.c O Holograma

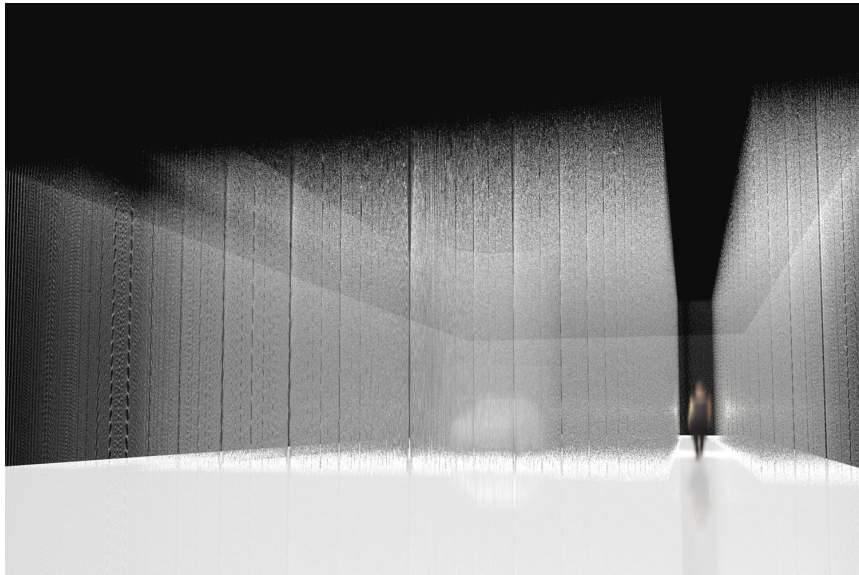


imagem 12 – 'Space'. Tokujin Yoshioka. 2005-2006. Lexus - Tokujin Yoshioka x Lexus L-Finesse. A projecção de luz simula a materialidade densificando o espaço.

“Graças às técnicas ditas de «retorno», (...) [como o] teletacto (...), assistiremos à produção industrial de um desdobramento da personalidade, à clonagem instantânea do homem vivo, à criação técnica de um dos mais antigos mitos: o do duplo, de um duplo electro-ergonómico de presença espectral, (outra denominação do fantasma ou morto-vivo.)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.66

“A velocidade do presente divide-nos os sentidos numa ilusão de um presente corpóreo unido(...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.184

hiper-real

“O holograma, aquele com que já todos sonhámos (...) dá-nos a emoção, a vertigem de passar para o outro lado do nosso próprio corpo, para o lado do duplo, clone luminoso (...)”⁶⁴

O holograma representa o estado de luz último, a velocidade que se alia à materialidade e espacialidade, quando o tempo e a matéria que se fundem no espaço. O holograma é a projeção de uma dimensão outra, de uma hiper-realidade que se manifesta sobre o mundo real. Representa a concretização do sonho sobre o estado da presença, da réplica no lugar, o transporte de um espaço para outro, na simbiose dos dois. Este sonho, esta ambição de ser outro, de ser um clone multiplicado, transcende a capacidade física, além-espaço. O mundo virtual apodera-se do universo, do espelho das realizações irrealizadas do presente. A verdade e a fantasia fundem-se num espectro de luz que concretiza as realizações mais distantes. Mas esta impressão de fantasia multiplica-se por alguns espectros de desejo, de futuros irrealizados, desdobramentos de personalidades e fantasmas electrónicos de identidades diferentes.

Através da luz, do tempo luz, do espaço luz, a realidade ganha uma nova dimensão, na extensão de outras funções e capacidades que não tinha anteriormente. A noção de tempo e espaço alcança a velocidade e constrói um lugar virtual que convive sobre o real, uma hiper-realidade de luz que assiste o ecrã-actor na sua domesticidade e abraço global. A realidade já não se relaciona com o ambiente envolvente do indivíduo, expressa antes a sua capacidade de interagir, tele-agir com todo o mundo por uma representação luz em simultâneo e em proximidade.

A interação real e a criação de formas, espaços e lugares virtuais constituem um fenómeno decisivo na modificação das nossas referências. Na medida em que os espaços, formas e lugares podem ser visualizados, contados e descritos como parte do nosso mundo, memória. Mas o virtual não se consegue transmitir em matéria. Neste sentido, o virtual faz parte de um fragmento da realidade, como a extensão do mundo que só é reconhecida quando vem criado sob holograma. Mas através dos ecrãs, da representação de uma hiper-realidade podemos aumentar o espectro de luz de forma definir outros limites (transmutáveis), limites não físicos mas visíveis, espectros de matéria preenchidos mas que não configuram um lugar.

vertigem

A ampliação do alcance e da experiência através dos sensores e captadores electrónicos e a realização do lugar, do presente através de uma realidade projetada em ecrãs ou interfaces atribui à presença e à assistência uma divisão extra-corpórea numa realização que ultrapassa os meios corporais. A experiência cibernética ou mecânico-orgânica aumenta a espacialidade e a extensão de luz, como se fosse um holograma sobre o espaço, que se pode sentir-interagir.

64 Jean Baudrillard. 'Simulação e Simulacro'. 1981. p.135

“Se a vertigem do espaço real era causada pela vista - a queda à vista - das verticais fugentes, perspectiva acelerada pela antecipação de uma queda no vazio, actualmente, para o vidente-viajante ultra-rápido, mas sobretudo para o telespectador, a vertigem do tempo real é ocasionada pela inércia, pela contração no lugar do corpo do espectador-passageiro.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.59

“(...) dado que o próprio ecrã acabará por se apagar e em breve desaparecer, em proveito de uma série de difusões, (...) ; o sinal precursor de uma catástrofe natural em que aquilo que imerge e desaparece é não só a resistência das distâncias mas a das dimensões do espaço material: o ponto, a linha, a superfície ou volume perdem progressivamente os seus atributos geométricos clássicos em benefício da súbita desmesura desse meio supracondutor (...)” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.176

Com o crescimento da experiência descorpórea, ou hiper-real, aleada à extensão digital, o presente fica incompleto e a experiência do mundo real não é mais suficiente para a realização de intenções do indivíduo. Agora, o humano conecta o seu sistema nervoso com uma rede 'infinita' que comunica com cada meio sensorial de diferente maneira através de diferentes pontos mas, para nós, a reunião dos electro impulsos concretiza uma realidade fracionada, uma ilusão de uma experiência total.

A vertigem explicita o sentimento ampliação sem controle, a realidade, virtual, que se transmuta para um ambiente ausente ou que perde o poder de proximidade. Através dos detectores, ao indivíduo é transmitido um imediato distante em simultâneo com o próximo, o espaço tempo é perdido, a associação com o mundo desaparece. Com a perda da sensação do próximo, do ambiente que nos envolve, o corpo perde-se sem referência de origem nem distâncias e a vertigem transporta-se e fragmenta o sentido háptico do mundo. A realidade descontinua-se perante um corpo que assiste sem sair do lugar. A vertigem já não é a premonição do vazio, da antecipação de uma queda real, mas a perspectiva acelerada de uma representação sem limite e sem profundidade.

"A modernidade, onde quer que apareça, não ocorre sem uma crença destruidora, sem a descoberta da falta de realidade na realidade - uma descoberta ligada à invenção de outras realidades."⁶⁵

A realidade está sempre a reinventar-se a renovar-se é essa a consequência do tempo e das transformações do espaço. Mas com a invenção da realidade virtual, a sensação de falta de realidade aumenta cada vez mais sobre a experiência do mundo. A conexão aos dispositivos digitais, transformamos em seres que pressentem o mundo na sua totalidade mas, quando nos reduzimos ao mundo próximo, a impaciência por uma experiência mais envolvente apodera-se do nosso corpo, a vertigem o desconhecido começa a fazer parte da nossa identidade.

projeção-luz

A possibilidade da evolução tecnológica erradicar o ecrã, por um sistema de difusões de luz em dispositivos que fazem parte do nosso corpo, permite não só que seja ultrapassada a resistência das distâncias mas também das dimensões espaciais e materiais. As superfícies, volumes e linhas passam agora a coexistir na visão estereoscópica, transformando o indivíduo num ser mecânico e orgânico mas que, no seu campo de visão funde as representações. As volumetrias e a materialidade reais tornam-se num holograma vivo, uma projeção que nos acompanha o nosso corpo e com as quais este convive entre o digital e o real como um recetor terminal.

"(...) os objetos encontrados na vida cotidiana, tal como as pessoas, são simplesmente más cópias do ideal perfeito dos objetos. Compara-se essa reprodução como sendo sombras lançadas pelo fogo sobre uma parede de caverna - você pode ver quem ou o que projetou a sombra, mas a imagem é inevitavelmente distorcida da aparência original. Em outras palavras, tudo o que vemos no mundo "real" já é uma cópia."⁶⁶

65 Jean-François Lyotard. 'Political Writings'. 1993. p.9 APUD. Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'. 1999. p.7

66 Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'. 1999. p.9

”Tocar na luz, na iluminação do mundo é, pois, atingir a realidade. A ausência de lugar da iluminação dá lugar ao tempo, a essa duração sensível sem a qual não existe nenhuma realidade do acontecimento.” Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. p.182

Com a interação contínua entre digital e real, os ecrãs conquistam o espaço natural, os tempos, as durações são dados por interfaces, a nossa comunicação e informação passam todas pela imagem do mundo digital. Por esse motivo, tal como Nicolas Mirzoeff refere pela Alegoria da Caverna de Platão, o mundo real revê-se como uma consequência do digital, uma representação tridimensional de luz, hologramas que não são reais por si mesmos, mas uma projeção de luz. As distorções provocadas por este afastamento da origem, ou até a perda da mesma faz com que se reinvente o real, se afastem as linearidades espaciais e temporais e apenas se projetem sombras sem referência, num obliquo de luz.

"Talvez que a ficção científica da era cibernética e hiper-real não possa senão esgotar-se na ressurreição «artificial» de mundos «históricos», tentar reconstruir in vitro (...) Assim acontece em Simulacres de Ph.Dick, a Guerra da Secessão. Gigantesco holograma a três dimensões, onde a ficção nunca mais será um espelho real estendido ou futuro, mas a realucinação desesperada do passado."⁶⁷

O Holograma, a projeção no ecrã representa a possibilidade de reviver, a desrealização e destruição de significados através da reincarnação – re-corporização do artificial, do passado do ambicionado, mas não existente. Mas neste reviver histórico, os sentidos perdem-se e as capacidades de integração linear são rompidas o que se reflete em hologramas ou corpos vazios e ideologias inacabadas sem verdade existencial.

"Mito 01: a internet faz de todos uma estrela (...) A rede trabalha em atenção essa questão, dando aos usuários uma espécie de carta branca para a autoexpressão desenfreada: todos têm uma página na Internet, todos têm uma opinião, todo mundo é uma estrela."⁶⁸

Esta intensão de projeção de inexistências, de reincarnações junta também a ambição de ser mais que real, ser um outro, um holograma do corpo e personalidade real, uma reinvenção da identidade na rede. Devido à potencialidade de proclamação do indivíduo na rede, esta abre a possibilidade da liberdade de expressão, um espaço sem vínculos, sem limites que permite a reinvenção do ser. O indivíduo larga a identificação espacial e vive vertiginosamente, sem critério, esta liberdade espacial e conectividade global iludem para uma projeção de ser uma estrela na rede.

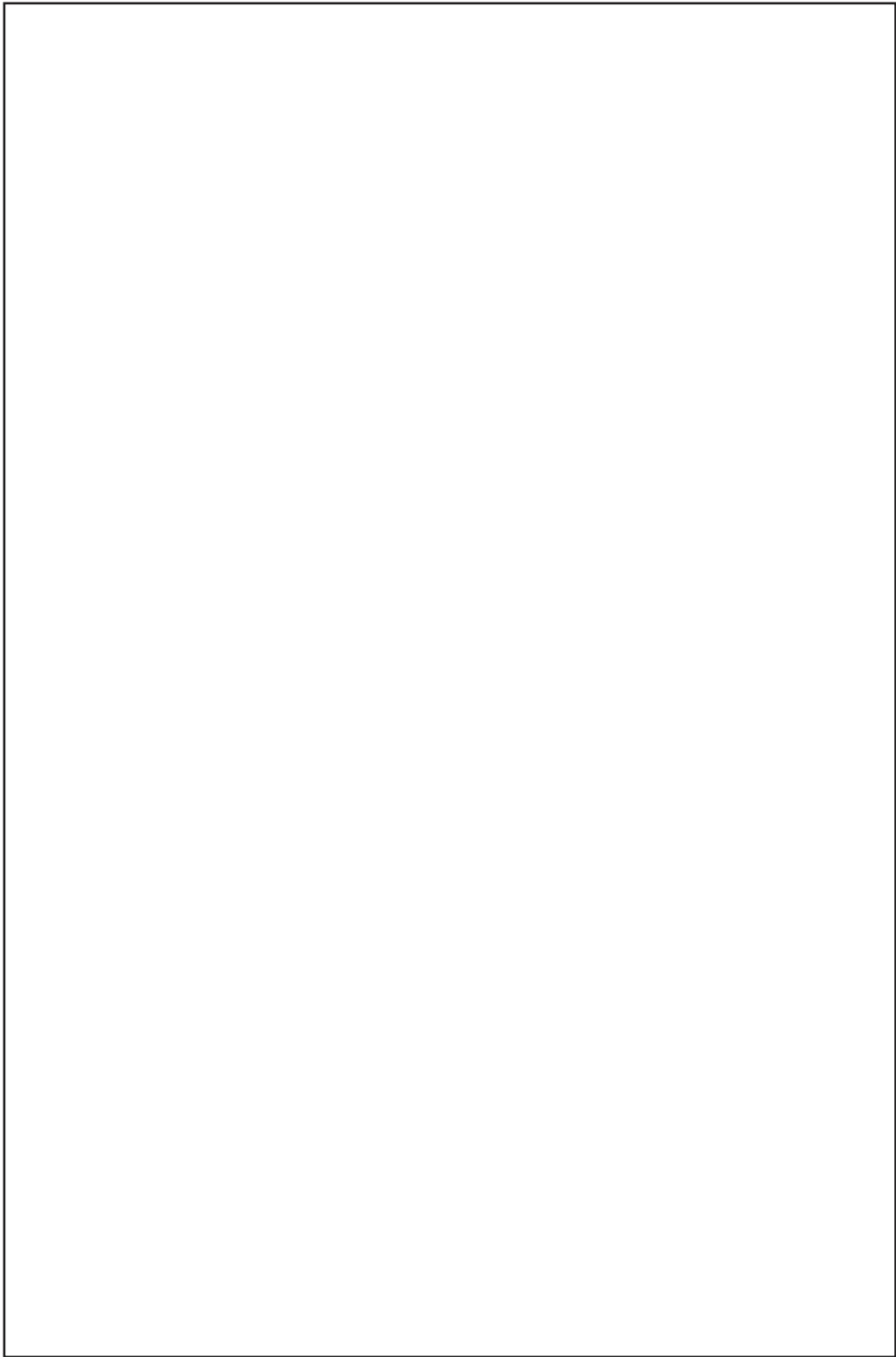
Tal como as realizações do cinema, o consumo dos sonhos parte do potencial de viver outra vida. No mundo digital podemos transportar-nos para outras fantasias que são apreendidas pela capacidade sensorial dos ecrãs e que nos projetam para um ideal de sonho.

A criança-TV pode não alcançar o futuro⁶⁹, pode ficar imersa no sonho virtual, como um espelho

67 Jean Baudrillard. 'Simulação e Simulacro'. 1981 p.153

68 Jessica Helfand. 'Screen'. 2001. p.10

69 Marshall McLuhan. 'Meios de Comunicação como Extensões do Homem'. 2000. p.376. "Os jovens que já tiveram a experiência de uma década de TV estão naturalmente impregnados da urgência de envolvimento em profundidade, que faz com que as remotas metas visualizáveis da cultura tradicional pareçam não apenas irreais, mas também sem importância, (...) A criança-TV aspira por um envolvimento e não por um trabalho especializado no futuro. Ela quer um papel e um profundo compromisso com a sociedade. (...) A criança-TV não pode ver longe porque deseja envolvimento e não pode aceitar um objectivo ou destino, no aprendizado ou na vida, puramente fragmentário e meramente visualizado. – A cultura da TV, apresenta um presente de representação de envolvimento, mas ao qual se está deslocado. Apesar da experiência televisiva, se completar no observador, a criança-TV fica ela fracionada do envolvimento social, e consequentemente ambiciona envolvimento com a cultura tradicional. O afastamento da sala de TV, aparenta-se irrealizável perante a cultura de visualização distante próxima, existindo assim uma necessidade pela verdadeira cultura próxima. Apesar da realização



de Narciso, um reflexo das nossas melhores experiências e imagens, da intenção de um ideal percebido que pode ganhar-nos o controle, o nosso sonho pode ficar preso no nosso próprio reflexo. O sonho pode revelar-se numa prisão de tempo, um sonho de uma distância infinita que nos realiza na projeção do virtual. O sonho, o holograma, a potencialidade do mundo virtual, permite-nos criar os nossos próprios horizontes, limites e ambientes. A edição alia-se à polimorfia e assim a profundidade do sonho representado acaba por destruir o reconhecimento da realidade, pela substituição do alcance virtual. Em consequência, a realidade e o conhecimento acabam por se tornar redutores perante as possibilidades de qualquer espaço longínquo e inimaginável se tornar próximo e alcançável. O virtual, projecção de luz, acaba por ser a construção de um desejo sem limites mas, também, sem conhecimento, um inconsciente operável que nos seduz pela sua extensão e mediação.

da experiência sensorial pela TV, a criança fica na ansia por envolvimento social, pelo reconhecimento enquanto ser físico e intelectual, frente ao papel fragmentário de assistente da "agoridade" inclusiva do ecrã visual.

4. Limbo

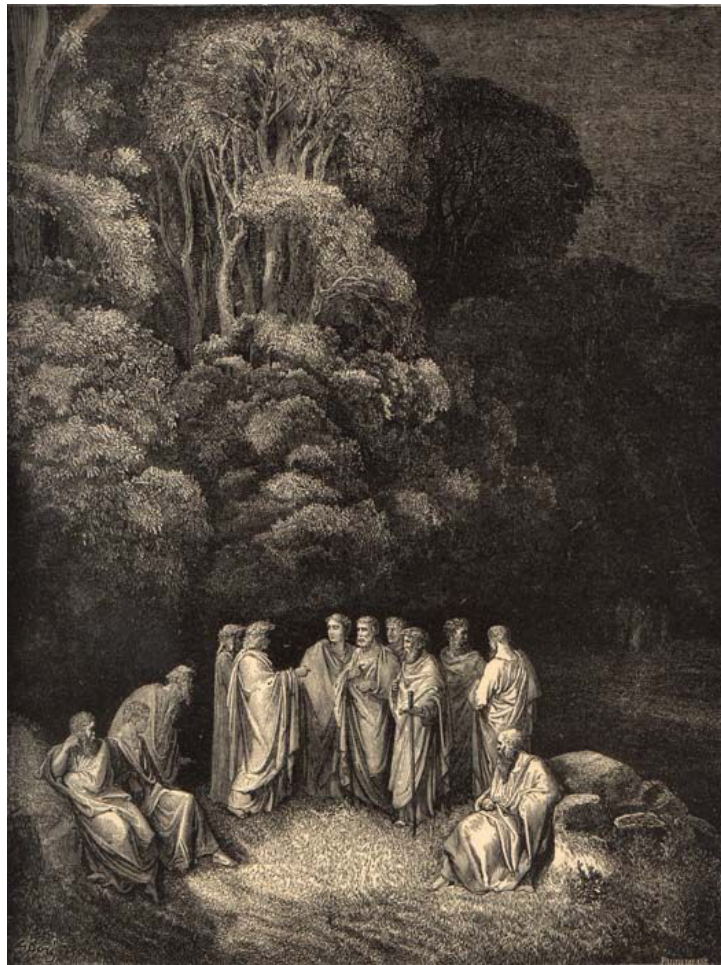


imagem 15 – 'Limbo'. Gustave Doré.
1857.
Limbo, o espaço do tempo suspenso
onde Dante encontra os 4 poetas.

Conclusão

O limbo, tal como referenciado em “Divina Comédia” de Dante Alighieri, é o lugar da espera eterna, o lugar não iluminado, ausente do sol.⁷⁰ Este não se situa nem no céu nem na terra, antes representa o círculo do esquecimento e da escuridão. O limbo apresenta um lugar sem referência, o presente expectante sem perspectiva de futuro, como uma realidade ausente de um tempo em suspensão.

“«Descemos agora o mundo cego» (...) Ali, pelo que pude ouvir, não soavam prantos, mas apenas suspiros que o ar eterno estremeciam (...) «nos perdemos, e a nossa única pena é vivemos no desejo sem esperança.» Grande dor me assaltou o coração quando isto ouvi, pois vi que gente de grande valor estava naquele limbo suspensa.⁷¹

Esta alusão ao Limbo é tomada de forma a categorizar o estado conclusivo da narrativa sobre os efeitos causados pela luz. Estes efeitos traduzem-se pela crise do tempo, do espaço e da memória afetando a experiência do indivíduo através da presença, da forma e da identidade. O epítome do limbo é uma realização ausente de espaço e tempo, uma dimensão estagnada que se revela numa existência representada.

A metaforização do limbo observa os media nas redefinições de espaço e tempo e como o indivíduo é afetado na formulação de veracidade. É questionado o sentido de existência (**bi-polaridade**) devido à suspensão do tempo e da experiência, as quais entram num círculo repetitivo que se reinventa na **velocidade electrónica**, tecnológica, perdendo-se a profundidade do mundo real. Nesta outra realidade a percepção perde a origem do Sol (**luz natural**) e transfigura-se em projeções refletidas.

Este estado de limbo retrata, por um lado, o indivíduo no seu ‘ser-estar’ no mundo e, por outro, a organização da cidade e do território. Devido à velocidade existe uma aproximação ou até um choque de escalas, o próximo e o distante tornam-se quase homogêneos, o indivíduo e a cidade-território conectam-se através de uma rede de sensores eletrónicos que estendem a receptividade dos corpos (**tele-acção**). Por esse motivo, neste estado final, limbo, assume esta dicotomia de próximo-distante, de ‘tempo real e espaço real’⁷² percebendo como os media redefinem estes motivos na arquitetura.

Devido aos actuais dispositivos de representação, o espaço que envolve o Humano alterou as suas definições (**variações morfológicas**) originais devido à **velocidade** e à iluminação **da luz artificial**. Os ciclos de luz alteraram-se, tornaram-se constantes, transformaram a experiência dos espaços numa envolveria mais alargada, numa recepção que ultrapassa os limites⁷³ espaciais e temporais

70 Platão. ‘A República’. 2014. p.313. “Conhecimento e verdade: assim como há pouco no foi lícito admitir que a luz e a visão têm analogia com o sol, porém que seria erro identifica-los com ele, agora podemos considerar o conhecimento e a verdade como semelhantes ao bem, sem que nenhum, no entanto, possa ser com ele identificado, pois a natureza do bem deve ser tida em muito maior preço..”

71 Dante. Alighieri ‘A Divina Comédia’. 2007. p.21

72 Paul Virilio. ‘A Velocidade de Libertação’. 1998.

73 Pier Aurelli. ‘The Possibility of Absolute Architecture’.2011. p.31 “Essas noções implicam a integração e a dissolução da diferença, enquanto o conceito do político e o conceito do formal indicam a possibilidade da composição da diferença assumindo os limites das partes como constituintes. Conseqüentemente, tanto o político quanto o formal contêm a idéia do todo per via negativa, em virtude de serem partes absolutas ”

da memória⁷⁴ do espaço euclidiano.

Assim, a proximidade é agora arrastada para uma presença numa **nova janela** transparente (**telepresença**), o ecrã eletrónico. Esta janela, este interface, expõe o mundo distante na proximidade do espaço real. A materialidade⁷⁵ que limitava e que protegia o indivíduo, passou a expor todo o mundo numa redefinição formal devido à extensão nervosa do sistema eletrónico. O indivíduo torna-se imóvel de movimento muscular, exposto sensorialmente a todo o globo.

Quanto à distância, a arquitetura desterritorializa-se⁷⁶ através do ecrã, numa conexão de espaços e tempos em alternância constante. Na tentativa de uma estabilidade, a arquitetura procura uma linguagem de lugar mas, com a extensão eletrónica, provocando uma desconexão sem tempo, onde o instante fragmenta a linearidade do objeto por partes e funções assíncronas. A arquitetura torna-se numa evocação de formas que convivem em tempos diferentes (**multiplicidade**). É como a representação de um museu em que a matéria pertence a um tempo, a coleção ao passado, mas a sua função indiferente e indireta representa a contínua observação (**presente contínuo**). A arquitetura perde-se do território numa ausência de espaço-tempo e em permanente afastamento à identidade do lugar.

A arquitetura desterritorial afasta-se da realidade envolvente, do presente profundo próximo e revela-se um artefacto⁷⁷ intemporal de relação com o hiperpresente cibernético. O edifício volta-se para si próprio, para a tecnologia onde a janela é substituída pelo ecrã múltiplice, que apodera o edifício da transição constante, da **alteridade** de funções e conceções genéricas.⁷⁸

A híper-rede representa o desaparecimento das distâncias e das durações, estas são substituídas pela

74 Rem Koolhaas. 'S,M,L,XL'. 1995. p.1257 "Em vez de memórias específicas, as associações que a Cidade Genérica mobiliza são memórias gerais, memórias de memórias: se não todas as memórias ao mesmo tempo, então uma memória simbólica abstrata, um déjà vu que nunca termina, memória genérica."

75 Kenneth Frampton. 'Modern architecture'. 1980. p.123. "Raum significa um lugar limpo ou livre para assentamento e hospedagem. Um espaço é algo que foi criado para algo que é livre, ou seja, dentro de um limite, 'peras' em Grego. Um limite não é aquele em que algo pára, mas, como os Gregos reconheceram, o limite é aquele do qual ele começa a presenciar."

76 Pierre Levy. 'O que é o virtual?'. 2003. p.3. "(...) a desterritorialização vem de um afastamento direto ao contexto real, material o oposto de uma leitura ligada à terra, mas também apropriando-me da expressão, posso transformar a leitura desta desterritorialização como uma oposição ao natural, a criação do artefacto. (...) Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma "elevação à potencia" da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma "solução") (...)"

77 Marc Augé. 'Não-Lugares'. 2012. p.117. "É certo que é à escala mundial que se manifesta hoje a tensão entre o pensamento do universal e o pensamento da territorialidade. A abordagem limitou-se aqui a um dos seus aspectos, a partir da constatação de que uma parte crescente da humanidade vive, pelo menos a tempo parcial, fora do território, e por consequência as próprias condições de definição do empírico e do abstracto estão a mudar sob o efeito da tripla aceleração característica da sobremodernidade."

78 Rem Koolhaas. 'S,M,L,XL'. 1995. p.1253 "A cidade genérica está a caminho da horizontalidade para a verticalidade. O arranha-céu parece ser a tipologia final e definitiva. Ele engoliu todo o resto. Pode existir em qualquer lugar: num campo de arroz ou no centro da cidade - não faz diferença. As torres não estão juntas, elas estão separadas para não interagirem. A densidade em isolamento é o ideal. [p.338] É o produto de um mundo (novo) onde os lugares são feitos, não encontrados. Na melhor das hipóteses, adquire uma neutralidade platônica; representa o ponto em que o pragmatismo, por pura racionalidade e eficiência, assume o estatuto quase místico. (...) - que transcende a prática para emergir em um domínio existencial rarefeito de pura objetividade."

extensão das múltiplas redes que se conectam e se distribuem por todo o território. A rede permite que o instante alcance qualquer lugar, a câmara assiste no instantâneo em tempo real. A luz que alterou toda a estrutura urbana, transformou a cidade numa fragmentação de mosaicos próximos e deslocados onde, a rede se apodera da organização espacial e temporal. Esta distribuição rizomática desvincula as origens ou as chegadas, as definições de lugares arrastam-se sem referência territorial, os espaços tornam-se genéricos. Esta hiper rede instantânea, simultânea, transforma o território num dispositivo acedido por qualquer interface.

Esta distância próxima destrói as especificidades culturais e aproxima-nos de uma cultura genérica ou global. Cria-se uma abstração ou simulação da realidade que aparenta a proximidade de reprodução indefinida. Esta visibilidade⁷⁹ revela uma hiper-realidade de um território reduzido de um espaço sem atmosfera⁸⁰. Estas imagens e possibilidades⁸¹ expõem-se e sobrepõem-se com a renovação da informação. A memória deixa de existir na sua vertente de acumulação do passado, o presente torna-se tão denso que a substitui pela sua mediação (**encandeamento de informação e estagnação histórica**).

Devido à velocidade eletrónica o aqui e o agora fundem-se no tempo real e no espaço real coexistindo na mesma superfície. A aceleração aproxima as distâncias e encurta ou minimiza as durações. O tempo dos lugares perde-se na presença, na perpetuação temporal pela assistência cibernética. A transmissão eletrónica transformou o 'aqui' no 'agora'⁸², o espaço que se vê não é o espaço onde se está. A memória, a percepção do mundo real e o espaço real, são subvertidos pelo tempo real da velocidade eletrónica (**holograma**). As distâncias e durações tornam-se nulas (**espaço negado**) à razão: velocidade – espaço – tempo. Tudo se perde numa inércia de medidas, num vazio háptico, numa realidade sem o 'ser' e, por isso, sem memória. A luz que criava o tempo e a arquitetura é, agora, a luz que nos encandeia numa realidade suspensa.

79 Sola Morales. 'Territorios'. 2009. p.149. "(...) nas nossas cidades o visível é apenas uma parte do invisível."

80 Jean Baudrillard. 'Simulação e Simulacro'. 1981. p.8. "Mas já não se trata de mapa nem território. Algo desapareceu: a diferença soberana de um para o outro, que constituía o encanto da abstracção. Pois é na diferença que consiste a poesia do mapa e o encanto do território, a magia do conceito e o encanto do real. Este imaginário da representação, que culmina e ao mesmo tempo se afunda no projecto louco dos cartógrafos, de uma coextensividade ideal do mapa e do território, desaparece na simulação – cuja operação é nuclear e genética e já não especular e discursiva. É toda a metafísica que desaparece. Já não existe o espelho do ser e das aparências, do real e do seu conceito. Já não existe coextensividade imaginária: é a miniaturização genética que a dimensão da simulação. O real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memória, de modelos de comando – e pode ser reproduzido um numero indefinido de vezes a partir daí. (...) É um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera."

81 Jacques Derrida. 'Writing and Difference'. 1967. p.70. "As metrópoles contemporâneas são centros de uma sofisticada rede de informação acumulada e distribuída num sistema disperso no território (...) as novas relações, novas possibilidades, novas imagens são a autentica produção da metropolis ao contrario dos objectos e sistemas materiais."

82 Paul Virilio. 'A Velocidade de Libertação'. 1998. p.63 "À iluminação directa do astro solar, que decompõe em jornadas distintas a actividade anual, junta-se a partir de agora, para nós, a iluminação indirecta, a «luz» de uma tecnologia que favorece uma espécie de desdobramento da personalidade do tempo entre: tempo real das nossas actividades imediatas, em que agimos ao mesmo tempo aqui e agora, e tempo real de uma interactividade mediática que privilegia o «agora» do alinhamento horário da emissão televisiva em detrimento do «aqui», quer dizer, do espaço do local de encontro, como numa teleconferência que se realiza, graças ao satélite, mas paradoxalmente em nenhuma parte do mundo (...)"

Glossário

Dic.Etim. – Dicionário Etimológico; José Pedro Machado: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, livros Horizonte, 3ª Edição

Dic.Etim.2 - Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia de Ciência de Lisboa

Dic.Sig. – Dicionário de Significado; Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Editora Portuguesa de Livros, L.da

Sig. Aut. – Significado do Autor/ próprio

Abstracto – Dic. Etim., adj. Do lat. tardio abstractu-, «abstracto, incorpóreo»; por via culta. Séc. XVI: «Os nomes abstractos têm um espírito no significar maior ainda que os concretos...», Fr. João de Ceita, Quadragna, 1,43,4.

Dic. de Sig., (âl). adj. (lat. abstractu). Que designa uma qualidade ou propriedade, isolada da pessoa ou coisa a que pertence, como bondade, peso. | Que opera sobre abstracções e não sobre realidades; Ciências abstractas. | Distraído, preocupado: Espírito abstracto.

Sig. Aut. -Que remete para uma qualidade de dissociação com o natural, aspirando a uma qualidade/ identidade não específica. Representação de uma ideia ou de um imaginário que não tem forma em concreto. | Conceito ou forma resultante de um pensamento mecânico - digital. | Representação de origem geométrica e racional, que tenta apresentar um significado depurando uma representação da realidade.

Artificial – Dic. Sig., adj. 2 gén. (lat. artificiale). Produzido pelo trabalho do homem e não pela natureza: Flores artificiais. | - Fig. Fictício, afectado, que não tem naturalidade.

Sig. Aut.- qualidade associada à matéria que define que esta advém de transformações Humanas e não naturais. Esta (arte/trabalho) proporcionam a possibilidade de desenvolvimento de objectos que não existiam até por nós serem criados, e que assim traduzem o conhecimento para além do “natural”. Esta qualidade pode não só ser associada à matéria, mas também aos “ambientes” que, devido à manipulação e controle tecnológico, podem ser criados.

Configuração – Dic. Sig., s. f. (lat. Configuration). Forma exterior de um corpo: Configuração dum país.

Dic. Sig.2, s.f. 1 forma exterior de um corpo ou de um conjunto «a c. de um octaedro» «a c. do céu em Maio» 2 p.ext. aspecto geral de um conjunto de seres ou de coisas «a c. do fundo do mar» 3 fig. Maneira pela qual as coisas se apresentam ou se desenrolam «a c. política de uma época» 3 p.ext. arranjo estrutural das partes de um corpo ou de um conjunto «a c. de um átomo» 4 p.ext. arranjo de elemento interligados para operar como um todo ou um sistema; estrutura 5 p.ext. constituição típica ou necessária de (algo) 6 conjunto de componentes interligados, com o fim de desempenharem uma função determinada num circuito 7 acção ou efeito de configurar «c. de bites» 8 lista dos principais componentes periféricos que constituem ou estão ligados a um computador ou sistema de computadores 9 quim. disposição espacial dos átomos constituintes de uma molécula | Etim. lat, configuratio, onis' semelhança na figura, presença' der. do v. lat. configuro,as,avi,atum,are' dar forma, conceber'; | sin\var conformação, disposição; tb. Sinonímia de aspecto

Configurar - Dic. Sig., v.t. (lat. configurare). Dar a forma a: Foi o movimento de rotação que configurou o nosso Globo. | Representar: Configurar um castelo.

Dic.Sig.2, v. 1 t.d.bit. e pron. Dar ou tomar forma, feito, desenhar, esculpir «movimentos geológicos configuram as montanhas» «c. mármore em estatua» 2 t.d.pred. representar em pensamento, imaginar 3 pron. revestir-se das características de ; parecer afigurar-se 4 t.d. inf. Estabelecer, num programa, as opções que definem a preferência do utilizador e atendem às exigências do computador e do sistema operacional em que ele está instalado 5 inf ajustar as características de um componente, dispositivo ou computador, de modo a permitir que este funcione harmoniosamente com os demais elementos a que está ligado | Etm. lat. configuro,as 'dar forma, configurar, assemelhar na figura', der. do figurare' dar forma, conceber'

Sig. Aut. – dar forma a. Forma exterior, ou limite de um objecto. Representação da uma imagem. Ajustar ou definir opções de um equipamento ou sistema informático. O real é configurável em virtual

Re(-) – Dic. Sig., pref. (lat. re.). Designativo de reiteração, reciprocidade, resistência, volta ao estado anterior, etc.

formais - vem do verbo formar. O mesmo que: adestrals, amestrals, doutrinais, educais, ensinai, explicais, instruí, leccionais, pontificais. Que dão forma a algo; (que dao identidade a algo).

formar - Criar, dando forma. Dar certa configuração a; fabricar, fazer: formar letras. Tomar o aspeto, a forma de: colinas que formam um anfiteatro.

Digital - Dic Etim.,adj. Do lat. digitale- (vj.dedal).

Dic. Sig., adj. 2 gén. (lat. digitale). Relativo aos dedos: Músculo digital. | Inform. Diz-se que respeita no seu funcionamento a estrutura decimal dos números. | Sinón. De Numérico. | Diz-se de um aparelho de

medida no qual o resultado numérico aparece num mostrador. Impressões digitais, reprodução, sobre papel, das cristas capilares, para identificação pessoal.

Sig. Aut. – Qualidade que pertence ao mundo informático, à base de dígitos, traduzidos para código binário. A imagem que é projectada através de ecrãs ligados à rede e que é representada em pixéis.

Ecrã – Dic. Sig., s.m. (pal. francesa). Quadro branco, no qual se projectam vistas fixas ou animadas. | Tela, pantalha. | Superfície fluorescente sobre a qual se forma a imagem nos tubos catódicos (televisão, informática, etc) | Fotograf. Nome dado aos filtros. Écran catódico (Informát.), terminal capaz de afixar caracteres alfanuméricos ou traçados gráficos num tubo de raio catódico. | O pequeno ecrã, a televisão.

Sig. Aut.- Superfície, plano ou estrutura na qual é projectada, ou projecta luz de modo a que sejam observadas imagens, assim estes representam o sentido visual da comunicação e da imagem produzida artificialmente. Podem existir ecrãs naturais?

Esterescopia - Dic.Sig. (do grego “στερεός” (stereos), “firme, duro, sólido” + “σκοπέω” (skopeō), “ver”, “observar”)

Holograma – Dic.sig. ... s.f.(De holo- + gr. ‘registro’). Placa, aparentemente ininteligível, que contém o registo da figura de interferência, entre ondas provenientes do objecto e uma onda de referência, devendo ser visto iluminando-a por detrás e olhando através dela e não para ela.

Dic. Aut. Imagem reproduzida ou virtualizada a partir de luz, de modo a formar uma aparência 3d ou real

Sig. Aut. Imagem ou objeto produzido através da projeção de luz. A partir deste método é criada uma existência de luz que habita o espaço real, apesar da sua origem ser digital ou/e imaterial. Estado de projeção de um significado real para o mundo digital, no sentido em que uma ambição ou um desejo podem ser ‘realizados’ no mundo virtual, uma projeção de realidade.

Limbo – Dic. Sig., s.m. (lat. limbu). Rebordo exterior. | Teol. Lugar onde se encontram as almas dos justos, antes da vinda de Jesus Cristo, que foi buscar e conduziu ao Céu no dia da sua Ascensão, das crianças que morrem sem baptismo. | Fig. Lugar onde se deita coisa a que se não liga apreço; cadoz. | Lançar no limbo, entregar ao esquecimento.

Sig. Aut.- Estado de consciência espacial/realidade, em que existe um esquecimento, deriva ou confusão devido ao excesso ou falta de informação, em que a percepção fica difusa e se perde a noção temporal-espacial. Neste sentido é desenvolvido um estado de presença contínuo ou de dualidade entre o que é real ou virtual...

Luz- Dic. Sig., s.f.(lat.luce). O que ilumina os objectos e os torna visíveis. (a luz é constituída por ondas electromagnéticas e a sua velocidade de propagação no vácuo é de 299,792,5 km/s; também pode ser considerada como fluxo de partículas energéticas desprovidas de massa, os fotões.) | Claridade que o Sol espalha sobre a Terra. | Objecto que serve para iluminar. | Nos instrumentos de óptica com pínulas, pequeno orifício por onde se vê o objecto observado. | Pint. Efeitos de luz imitados num quadro: Boa distribuição da luz e das sombras. | - Fig. Diz-se de tudo aquilo que esclarece o espírito: A luz da razão, da fé| Conhecimento das coisas; inteligência, saber| Homem de mérito, de eminente saber: Foi a luz do século. | Evidência, verdade| Ilustração, esclarecimento. | Claridade intelectual, intuição. | Brilho, fulgor. Abrir os olhos à luz, nascer. | Por ext. Acordar. | Fig. Conhecer a verdade das coisas que ignorava. | Cerrar os olhos à luz, morrer. | Pôr em luz, tornar bem visível; tornar evidente. | Sair à luz, aparecer, ser publicado. |

Sig. Aut. -Matéria que permite tornar visível, ou matéria que sobre o ecrã, constrói a imagem. Por um lado a luz natural está associada à visão e à matéria natural, o que se traduz na visão da realidade e a construção da verdade. 2 Em outra medida a luz artificial, constitui a visão/imagem construída pelo Humano, no sentido em que podemos actualmente construir imagens e tornar à vista objectos que anteriormente eram invisíveis, ou seja podemos assim construir uma realidade paralela/virtual sobre a actual, uma ficção real. Ao mesmo tempo, a luz natural de origem solar, representa um poder exterior, um volume incontrolável de energia, o qual é muitas vezes creditado como divino. A luz artificial representa a criação ou imitação Humana do poder divino (tal como o mito de Prometeu).

Media – Dic. Sig., s.m. (de mass media). Dispositivos de difusão em massa da informação (rádio, televisão, imprensa escrita, publicidade, etc.) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário que transmite uma mensagem à intenção de um grupo. | Media, de grupo, órgão de informação ou de comunicação cujos usuários ou destinatários pertencem a um mesmo grupo, quer se trate de uma colectividade territorial, de um reagrupamento à volta de um interesse particular ou de uma característica comum (a rádio ou televisão local). | Plano media, procura de uma combinação de médias e de suportes que permitam atingir o máximo de consumidores visados pela publicidade.

Sig. Aut. – Estrutura, suporte ou meio de comunicação, o qual está relacionado com as tecnologias de

difusão e assim apresentam a informação através da mensagem.
Media como o meio mediador, o que está entre o sistema. Também associado como o meio o transporte ou difusão referido por Marshall McLuhan.

Memória - Dic. Etim., s. Do lat. *memória*, «memória; lembrar; período alcançado pela lembrança, época; recordação narrada, relação».

Dic. Sig., s.f. (lat. *Memoria*). Faculdade de conservar ideias ou noções anteriormente adquiridas: ter boa memória. | Lembrança, reminiscência: Conservar a memória de um facto. | Celebridade. | Reputação, boa ou má: Deixar de si memória honrada. | Monumento comemorativo de pessoa célebre ou de sucesso notável: A memória do Buçaco. | Dissertação científica ou literária: memorial, exposição sumária. | Apontamento para lembrança. | Dispositivo das calculadoras electrónicas que regista sinais, resultados parciais, etc., que reproduz na devida altura para os fazer intervir na sequência das operações: Uma memória de discos. | A Memória, Mnemósine, mãe das Musas | As filhas da Memória, as Musas. | - S.f. pl. Recordações escritas por uma pessoa sobre a vida pública e privada. | Compilação das dissertações lidas numa sociedade sábia: As Memórias da Academia de Ciências.

Sig. Aut. – Relação ou estado de conservação do passado, ao qual recorreremos para obtenção de informação anteriormente adquirida, permitindo o re-conhecimento.

Multiplicidade – existir em simultâneo, acontecer em simultaneo

Oblivion – obliúo – Dic. Etim., s. Do lat. *obliviu-*, «esquecimento (quase sempre no pl.)»; por via culta.

Sig. Aut. - Ao contrário de limbo que significa a confusão, ainda que com alguma percepção de realidade ou uma (mistura de percepções e sensores), o obliúo representa a eterna ou infinito esquecimento, o afastamento de realidade através da imersão.

Real – Dic. Etim., Real 1, adj. Do lat. *regãle-*, «real, de rei; real, digno de rei»

Real 2, adj. Que tem existência verdadeira. Do lat. *mediaval reãle-*, derivado de *res*, «coisa», que no pl. também significava: «as coisas, a realidade, a natureza».

Dic. Sig., adj. 2 gén. (lat. *reale*, de *res*, coisa). Que existe de facto, que não é imaginário: Necessidades reais. | Relativo a bens ou coisas e não a pessoas. | - S. m. Aquilo que é real.

Dic. Sig., adj. 2g. 1 relativo ao que é concreto 2 que existe realmente; verdadeiro «*vida r.*» 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou actividades diárias e rotineiras 3 que não é falso, ilusório ou artificial; genuíno «esta é a r. versão dos factos» 7 o que é material, que existe de facto, relativo aos bens e não às pessoas. 8 o que as coisas realmente são; realidade «*cair na r.*» |Etim. b-lat. *realis*, e « *res*, rei 'coisa material; corpo, criatura'; | sin\var sinomímia de sincero e verdadeiro e antonímia de virtual.

Sig. Aut. – que existe, é natural, é original. O que ocorre da existência, da matéria, ou pertencente ao mundo físico – coisa. – O que é possível de perceber.

Realidade – Dic. Sig., s.f. (lat. *realstate*). Qualidade do que é real, concreto, natural. | Existência efectiva: A realidade do mundo exterior. | Aquilo que existe de facto | - Em realidade ou na realidade, loc. adv.

Dic. Sig. 2 s.f. 1 qualidade ou característica do que é real 2 o que realmente existe; facto real; verdade 3 conjunto das coisas e factos reais | r. virtual., simulação de um ambiente real por meio de imagens de síntese tridimensionais.

Sincronia - Dic. Etim., s. De *síncrono*.

Dic. Sig.2, s.f. 1 acção ou efeito de sincronizar |2 estado ou condição de dois ou mais fenómenos ou factos passados ou actuais que ocorrem simultaneamente e são, de certo modo, relacionado entre si |3 inf. ocorrência simultânea ou em ritmo regular e definido 4 ling estado de língua considerado num momento dado, independente da evolução histórica dessa língua. | Etim. *síncrono* + *-ia*, prov. Por infl. do fr. *Synchronie* 'arte de comparar, de conciliar as datas da história', por oposição a *diacronia* | sin\var coexistência, coincidência, concomitância, simultaneidade, tautocronia, tautocronismo

Síncrono, s. Do gr. *Synchronos*, «contemporâneo»; pelo lat. *synchrõnu-*, mesmo sentido

Dic. Sig., adj. (gr. *Synkhronos*). Diz-se dos movimentos que se efectuam ao mesmo tempo: Oscilações síncronas. | Diz-se dos factos que sucedem ou que sucederam ao mesmo tempo. | Diz-se da máquina eléctrica cuja velocidade angular é sempre igual à pulsação da corrente alterna que recebe ou produz, ou é múltiplo ou submúltiplo inteiro.

Dic. Sig. 2, adj. 1 o que acontece em simultâneo |2 relativo a factos coincidentes ou coexistentes |3 que tem o seu tempo de duração determinado por um mecanismo de sincronismo |4 que ocorre simultaneamente ou intervalo regulares, controlados por um dispositivo temporizador, que mantém sincronia | Etim. gr. *Súgkhronos*, os on 'contemporâneo', pelo lat. *tar. Synchronus* | sin. De simultâneo

Sig. Aut. – Que existe em simultâneo, em sucessão e que ocorre segundo a mesma estrutura(ciclos) temporais. Ajuste entre elementos de propriedades diferentes e que entram em acordo operativo

Assincronia – Dic. Sig. 2., s.f. qualidade, condição ou estado de assíncrono; falta de concomitância (de coisas ou fenómenos) no tempo; assincronismo | Etm. a- negação, privação + sincrónico;

Assíncrono – Dic. Sig., adj. (de a priv. e gr. Synkhronos). Que não é síncrono. | Nome dado aos motores de corrente alternada, cuja velocidade depende da potência que deles exige.

Dic. Sig. 2, adj. 1 que não é síncrono, que não apresenta sincronia ou sincronismo; assíncrono 2 que gira com uma velocidade diferente da do sincronismo, sem uma relação constante entre a frequência da força electromotriz e a velocidade 3 que não é controlado por dispositivo temporizador.

Sig. Aut. – Sentido de descoordenação temporal, movimentos ou ciclos que se desencontram na ordem temporal e acabam por “acontecer” em tempos diferentes.

Subjectividade - Dic. Etim., s. De subjectivo.

Dic. Sig., (èt), s.f. Carácter do que é subjectivo.

Subjectivo – Dic. Etim., adj. Do lat. subjectivu-, «colocado a seguir; que se relaciona com o sujeito».

Dic. Sig., (èt), adj. (lat. subjectivu). Que se refere ao sujeito pensante, por oposição a objectivo, que se refere ao objecto pensado. | Individual; que varia com julgamento, os sentimentos, os hábitos, etc. de cada um: Os gostos são subjectivos. | - S.m. Aquilo que é subjectivo.

Sig. Aut. – Referente ao julgamento ou pensamento próprio e individual, qualidade de identidade própria única a cada existência pensante.

Virtual – Dic. Etim., adj. Adaptação do fr. Virtuel

Dic. de Sig., adj. 2 gén. (lat. virtuale). Que existe potencialmente e não em acção. | Que não tem efeito actual: Faculdade virtual. | Objecto, imagem virtual (Fís.), cujos pontos se encontram no prolongamento dos raios luminosos.

Dic. Sig.(2)., adj. 2g 1 existente apenas como potência ou como faculdade, não como realidade ou com efeito real «uma prática subatômica apenas v.» | 2 p. ext. que poderá vir a ser, existir, acontecer ou praticar-se; possível factível «o candidato é um presidente v.» | 3 susceptível de ser us. ou posto em exercício, em função «as palavras v. de uma língua» | 4 equivalente a outro, e capaz de fazer as vezes de outro 5 que constitui uma simulação de algo criada através de meios electrónicos « imagem da arqueologia v.» 6 ang. sem. quase completo; praticamente total «o que se vê é o v. esquecimento do seu papel» cf. uso, a seguir 7 ling. Relacionado com língua enquanto sistema de relações (langue). Que se actualiza na fala(diz-se de termo, elemento etc., segundo teoria saussuriana) cf. actual uso o emprego de virtual na acp. |. Etm lat. medv. virtualis 'virtual', do lat. cl. virtus, utis' força corporal, ânimo, denodo, ferocidade, força de espirito, virtude, amor e prática do bem, poder de eloquência, castidade(de mulher), este de vir, viri 'homem'; ver vir(i)-; 1789 é a data para a acp. 'equivalente' a outro . sin/var latente, possível, potencial, teórico. Ant. afectivo, formal, real.

Sig. Aut. – potencialidade da realidade. Um objecto pode ser o potencial/virtual de outro, visto que se pode transformar nele (possibilidade). O virtual pode também significar o pré -futuro (estado passado/presente) ou a ideia ainda incompleta/ parcial do que virá a ser. Virtual como uma outra possibilidade algo que poderia acontecer mas não se torna realidade (possibilidade paralela, simulação), ou como modelo de substituição (pretensão de ser). Virtual como imagem electrónica, ou existência criada através de meios electrónicos ou digitais (variabilidade).

Virtualidade – Dic. Sig., s.f. Qualidade do que é virtual.

Dic. Sig. 2., 1 qualidade do que é virtual «as v. da inteligência» 2 existência potencial 3 p.met. aquilo cuja existência é virtual; potencialidade «o presente traz no seu bojo as v. do passado» 4 natureza essencial; essência. Etm virtual + -i- + -dade, ver vir(i)-

Bibliografia:

A.A.V.V. October vol.9. Cambridge – MA, The MIT Press. 1979

Augé, Marc - Não-Lugares : introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Venda Nova : Bertrand, 1994. ISBN 972-25-0580-7

Aureli, Pier Vittorio. "The Possibility of an Absolute Architecture". Cambridge-MA. The MIT Press. 2011. ISBN 978-0-262-51579-5

Baudrillard, Jean, 1929-2007 - Simulacros e simulação. Lisboa : Relógio d'Água, cop. 1991. (Antropos). Tit. orig.: Simulacres et simulation. ISBN 972-708-141-X

Bruno, Giuliana - Surface : matters of aesthetics, materiality, and media. Chicago : University of Chicago Press, cop. 2014. ISBN 978-0-226-10494-2

Bruno, Giuliana - Public intimacy : architecture and the visual arts. The MIT Press, cop. 2007. (Writing architecture series). ISBN 978-0-262-52465-0

Cheliotis, Leonidas K. - The arts of imprisonment : control, resistance and empowerment. Farnham : Ashgate, cop. 2012. (Advances in criminology). ISBN 978-0-7546-7586-0

Crary, Jonathan - Suspensions of perception : attention, spectacle, and modern culture. 1st ed . Cambridge : Mit Press, 2001. ISBN 0-262-53199-2

Crary, Jonathan - Techniques of the observer : on vision and modernity in the nineteenth century. Cambridge, Mass. : The MIT Press, imp. 1993. ISBN 0-262-53107-0

Copérnico, Nicolau - As revoluções dos orbes celestes. 2ª ed . Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. ISBN 972-31-0341-9

Dante, 1265-1321 - A divina comédia : o inferno. Mem Martins : Publicações Europa-América, 2007. (Livros de bolso Europa-América). Oferta do Jornal "Diário de Notícias". Inferno. ISBN 972-1-02753-7

Debord, Guy, 1931-1994 - La société du spectacle. Paris : Gallimard, D.L. 1995. ISBN 2-07-072803-X

Deleuze, Gilles, 1925-1995 - Diálogos. Lisboa : Relógio d'Água, 2004. ISBN 972-708-772-8

Deleuze, Gilles, 1925-1995 - Mil planaltos : Capitalismo e esquizofrenia 2. Lisboa : Assírio & Alvim, 2007. ISBN 978-972-37-1272-8

Derrida, Jacques, 1930-2004 - A escritura e a diferença. São Paulo : Perspectiva, 2002. (Debates). Tit. orig.: L'écriture et la différence. ISBN 85-273-0288-8

Derrida, Jacques, 1930-2004 - La voix et le phénomène. Paris : Presses Universitaires de France, cop. 1967. (Epiméthée). ISBN 2-13-038341-6

Derrida, Jacques. Speech and Phenomena, and other essays on Hursserl's theory of signs. Norths University Press, 1973. ISBN 081010590X

Frampton, Kenneth - Modern architecture : a critical history. 3rd ed. rev., enlarged . London : Thames and Hudson, imp. 1996. ISBN 0-500-20257-5

Forty, Adrian - Words and Buildings, Thames &Hudson,2000. ISBN 0500341729, 9780500341728

Hall, Edward T. - A dimensão oculta. Lisboa : Relógio d'Água, D.L. 1986. (Antropos). ISBN 972-708-123-1

Hayden, Dolores - Building suburbia : green fields, urban growth, 1820-2000. New York : Vintage Books, cop. 2004. ISBN 0-375-72721-3

Hawking, Stephen, 1942- - Breve história do tempo ilustrada. Ed. rev., aumentada e ilustrada . Lisboa : Gradiva, 1996. ISBN 972-662-511-4

Helfand, Jessica - Screen : essays on graphic design, new media, and visual culture. 1st ed . New York : Princeton Architectural Press, 2001. ISBN 1-56898-310-7

Jay, Martin, 1944- - Downcast eyes : the denigration of vision in twentieth-century french thought. Berkeley : University of California Press, imp. 1994. ISBN 0-520-08885-9

- Jay, Martin - Vision in context : historical and contemporary perspectives on sight. New York : Routledge, 1996. ISBN 0-415-91475-2
- Jung, Carl G. – SYNCHRONICITY, An Acausal Connecting Principle. From The Collected Works of C. G. Jung Volume 8, Princeton University Press, 2011. ISBN: 978-0-691-15050-5
- Kant, Immanuel, 1724-1804 - Critique of the power of judgement. Cambridge : Cambridge University Press, 2000. (The Cambridge edition of thw works of Immanuel Kant)). ISBN 0-521-34447-6
- Koerner, Joseph Leo - Caspar David Friedrich and the subject of landscape. London : Reaktion Books, 1990. ISBN 0-948462-13-2
- Koolhaas, Rem, 1944- - Delirious New York : a retroactive manifesto for Manhattan. New York : The Monacelli Press, cop. 1994. ISBN 1-885254-00-8
- Koolhaas, Rem, 1944- - La ciudad genérica. Barcelona : Gustavo Gili, 2007. (GGmínima). Tit. orig.: The generic city. ISBN 978-84-252-2052-4
- Koolhaas, Rem, 1944- - Small, Medium, Large, Extra-Large : office for metropolitan architecture. New York : Monacelli Press, cop. 1995. ISBN 3-8228-7743-3
- Kosky, Jeffrey L. – Arts of Wonder: The University of Chicago Press, Chicago. 2013 ISBN: 0-226-45106-2
- Krauss, Rosalind E. - The optical unconscious. Cambridge, Mass. : The MIT Press, 1998. ISBN 0-262-61105-8
- Lévy, Pierre, 1956- - O que é o virtual?. Coimbra : Quarteto, 2001. (Ciberculturas). ISBN 972-8717-04-0
- Neil Leach - Rethinking architecture : a reader in cultural theory. London : Routledge, cop. 1997. ISBN 0-415-12826-9
- McLuhan, Marshall, 1911-1980 - Laws of media : the new science. Toronto : University of Toronto Press, cop. 1988. ISBN 0-8020-5782-9
- McLuhan, Marshall, 1911-1980 - Os meios de comunicação : como extensões do homem. São Paulo : Cultrix, 1979
- Mirzoeff, Nicholas - An introduction to visual culture. London : Routledge, imp. 2003. ISBN 0-415-15876-1
- Mitchell, William J. - City of bits : space, place, and the infobahn. Cambridge, Mass : MIT Press, imp. 1998. ISBN 0-262-13309-1
- Mitchell, William J. – Me++ : the cyborg self and the networked city. Massachusetts Institute of Technology, 2003. ISBN 0-262-13434-9
- Pallasmaa, Juhani - Los ojos de la piel : la arquitectura y los sentidos. Barcelona : Gustavo Gili, D.L. 2010. (Arquitectura conTextos). Tit. orig.: The eyes of the skin : architecture and senses. ISBN 978-84-252-2135-4
- Zumthor, Peter - Thinking architecture. Basel : Birkhäuser, cop. 1998. ISBN 3-7643-6101-8
- Picon, Antoine - Digital Culture in Architecture: An Introduction for the Design Profession, Birkhäuser Architecture; 1st Edition. Edition, June 29, 2010. ISBN 3034602596
- Platão, 428-347 a.C. - A República. 14ª ed . Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. ISBN 978-972-31-0509-4
- Solà-Morales, Ignasi de - Territorios. Barcelona : Gustavo Gili, D.L. 2002. ISBN 84-252-1864-0
- Virilio, Paul, 1932 - A inércia polar. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1993. (Ciência nova). ISBN 972-20-1106-5
- Virilio, Paul, 1932 - A velocidade de libertação. [Lisboa] : Relógio d'Água, cop. 2000. (Mediações). ISBN 972-708-377-3
- Virilio, Paul, 1932- - Cibermundo: a política do pior. Lisboa : Teorema, 2000. (Teorema). ISBN 972-695-396-0
- Virilio, Paul, 1932- - La bombe informatique. Paris : Galilée, cop. 1998. (L'espace critique.). ISBN 2-7186-0507-3
- Virilio, Paul, 1932- - La machine de vision. Paris : Editions Galilée, imp. 1994. (L'espace critique). ISBN 2-7186-0341-0
- Virilio, Paul, 1932- - Vitesse et politique. Paris : Galilée, colof. 1991. (L'espace critique). ISBN 2-7186-0079-9

Anexos

Referências

"Chronological and historical time, time that passes, is replaced by a time that exposes itself instantaneously." Paul Virilio. 'Lost Dimension'. 1991. p.14

Stephen Hawking. 'A Brief History Of Time'.1988. p.12 "Since the speed of the light is just the distance it has traveled divided by the time it has taken, different observers would measure different speeds for the light."

Juhani Pallasmaa. 'Eyes of the Skin'. p.17 "Architecture is our primary instrument in relating us with space and time, and giving these dimensions a human measure. It domesticates limitless space and endless time to be tolerated, inhabited and understood by humankind."

Rosalind Krauss. 'Optical Unconscious' 1993. p.222 "The beating of the zootrope, cranking up to speed, the beating of the gull's wings within the imaginary space, the beating of all those mechanical devices through which the real appears to burst into life from the shards of the inorganic and deathly still, and the particular form of the pleasure connected to that rhythm... It seemed to them that what was confirmed there was an order in which the neat separation of the senses—space logically segmented off from time—had been dissolved, deconstructed"

Jessica Helfand. 'Screen' 2001. p.4 "Agriculture societies and less similar manner, relying instead on the natural but highly regulatory movements of these celestial bodies, as the seven principal planets – beginning with the Sun and ending with Saturn (...)Human time-keeping systems are equally cyclical (...)Ironically, the great failure of the calendar lies in the homogeneity of its basic form: Monday is the same shape as Saturday, and June looks like December. (...) Add to this hyper-efficiency of electronic calendars and time management software, and time looks to be careening by even faster than the last time you checked."

Carl Jung. 'Synchronicity' 2010. p.115 "Synchronistic phenomena prove the simultaneous occurrence of meaningful equivalences in heterogeneous, causally unrelated processes; in other words, they prove that a content perceived by an observer can, at the same time, be represented by an outside event, without any causal connection. From this it follows either that the psyche cannot be localized in space, or that space is relative to the psyche. The same applies to the temporal determination of the psyche and the psychic relativity of time."

Jacques Derrida. Speech and Phenomena. p.65 "As soon as we admit this continuity of the now and the not-now, perception and nonperception, in the zone of primordially common to primordial impression and primordial retention, we admit the other into the self-identity of the Augenblick; nonpresence and nonevidence are admitted into the blink of the instant. This alterity is in fact the condition for presence, presentation, and thus for Vorstellung in general; it precedes all the dissociations that could be produced in presence, in Vorstellung."

Dolores Hayden. 'Building Suburbia'. 2004 p. 220 "Friends from hundreds of miles away could "vivid" for virtual dinner party. Children could be connected to schools around the globe without leaving the house."

Nicholas Mirzoeff. 'Introduction to Visual Culture' 1999, p13 "The constituent parts of visual culture are, then, not defined by medium so much as by interaction between viewer and viewed, which may be termed the visual event. (...) By visual event, I mean an interaction of the visual sign, the technology that enables and situates that sign, and viewer"

William Mitchell. 'City of Bits'. 1998 p.15 "(...) the ancient Greeks used messengers for asynchronous communication. The letter and the postal system, the fax machine, the humble home answering machine, and the fancy corporate voice mail system are all more up-to-date devices for asynchronous communication and so - more significantly in this context - are the network's e-mail and bulletin board systems. In the asynchronous mode, words are not heard as they are spoken, but are repeated at some later point. Replies do not come immediately. The unity of the face-to-face conversation is fractured both spatially and temporally.

Dolores Hayden. 'Building Suburbia'. 2004 p. 222 "In combination with sensors which detect our movement and devices which programs can rapidly generate computer images and reactions which give us the experience of being in another, "Virtual reality." Perhaps the family won't even be eating. They can have a virtual dinner experience, and the House_n will not have any dirty dishes or pots or pans."

William Mitchell. 'City of Bits' 1998.p.34 "Soon we will be able to casually to create holes in space wherever and whenever we want them. Every place with a network connection will potentially have every other such place just outside the window."

Joseph Koerner. 'Caspar David Friedrich and the Subject of Landscape'1990. p.21 "And we, spectators always, everywhere Looking at, never out of, everything!"

Neil Leach. 'Rethinking Architecture'. 1996. p.101. "It is not that there are men, and over and above them space; for when I say 'a man', and in saying this word think of a being who exists in a human manner—that is, who dwells—then by the name 'man' I already name the stay within the fourfold among things. (...) Spaces open up by the fact that they are let into the dwelling of man. To say that mortals are is to say that in dwelling they persist through spaces by virtue of their stay among things and locations."

Jay Martim . 'Vision and Visuality'1998 . p3. "The modern era, it is often alleged, has been dominated by the sense of sight... modernity has been normally considered resolutely ocularcentric. The invention of printing, (...) reinforced the

privileging of the visual abetted. (...) But what precisely constitutes the visual culture of this era is not so readily apparent. (...) is there one unified "scopic regime"..."

Nicolas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'. 1999p.43 "(...) 'The Cartesian theory was the first to assert clearly that light itself was nothing but a mechanical property of the luminous object and of the transmitting medium (...) Judgement is then the essential aspect of Descartes' system of perception in which the sensory information perceived is nothing more than a series of representations for the mind to categorize.(Descartes 1988; 63)"

Adrian Forty. 'Words and Buildings' 2000.p.92. "As well as the actual physical movement of matter or energy, there is also the perceived bodily movement through which we experience architecture. Indeed Merleau-Ponty argued that our ability to extend in imagination the body's power of movement lies at the origin of all knowledge: 'mobility in its pure state possesses the basic power of giving a meaning'. And more specifically, Edmund Husserl,(...), had argued that knowledge of space came about through the sense of movement present in the unmoving subject: 'All spatiality is constituted through the movement, the movement of the objects itself and the movement of the 'I' (quoted in Mallgrave and Ikonou, 84, footnote 222)."

Jessica Helfand. 'Screen'. 2001,p.xiii. "Screens surround us; they envelope us; and increasingly, they serve as our primary conduits of information delivery. Their presence in our lives is ubiquitous, seamless, endless."

Rem Koolhaas.'S.M.L.XL'1995. p.500. "In Bigness, the distance between core and envelope increases to the point where the façade can no longer reveal what happens inside. The humanist expectation of "honesty" is doomed: interior and exterior architectures become separate projects..."

Manfredo Tafuri. 'The Sphere and the Labrynth'.1987.p.10. "Historical space does not establish improbable links between diverse languages, between techniques that are distant from each other. Rather it explores what such distance expresses: it probes what appears to be a void, trying to make the absence that seems to dwell in that void speak. Historical work thus calls into question the problem of the "limit": it confronts the division of labour in general; it tends to go outside of its own boundaries; it projects the crisis of techniques already given."

Jeffrey L. Kosky. 'The Arts of Wonder' 2012. p.91 "Light is not so much something that reveals as it is itself the revelation".

Rem Koolhaas.'S.M.L.XL'1995. Typical Plan. p.34 "As the major new program of the modern age, its effects is one of deprogramming."

William Mitchell. 'City of Bits'1998. p.55 "Icons are arrayed on the screen like doorways along a street, to make visible the available access points. Clicking on an icon (like knocking on a door) puts the user in a space - in this case a rectangular "window" on the screen (...)"

Manfredo Tafuri 'The sphere and the labyrinth' p.15 Yet if I choose to do this, I must realize clearly that my aim is not to forge history, but rather to give form to a neutral space, in which to float, above and beyond time, a mass of weightless metaphors. I will ask of this space nothing but to keep me fascinated and pleasantly deceived."

Giuliana Bruno 'Surfaces'.2014. p.3 "The surface is here configured as an architecture: a partition that can be shared, it is explored as a primary form of habitation for the material world. Understood as the material configuration of the relation between subjects and with objects, the surface is also viewed as a site of mediation and projection.

William Mitchell. 'City of Bits'1998 . p.55 "Many of our everyday tasks and pastimes will cease to attach themselves to particular spots and slots set aside for their performance(...)and will henceforth be multiplexed and overlaid; we will find ourselves able to switch rapidly from one activity to the other while remaining in the same place(...)"

Leonidas Cheliotis. 'The Arts of Imprisonment: Control, Resistance and Empowerment'.2012 p.55. "For Kant, the sublime is a more profound experience, which he describes as 'a satisfaction mixed with horror' encouraging the beholder of the sublime to 'detest all chains, from the gilded variety worn at court to irons weighing down the galley slave'(...)"

Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'.1999 p.16. "(...)the sublime (...) as "a combination of pleasure and pain: pleasure in reason exceeding all presentation, pain in the imagination or sensibility proving inadequate to the concept (Lyotard 1993:71). The task of the sublime is the to "present the unrepresentable", an appropriate role for the relentless visualizing of the postmodern era."

Jessica Helfand. 'Screen'.2001. p.xv "(...) the screen itself could be a filter; a frame; a lens; a stage; a mirror or a canvas; a window or a mask; a point of departure or an inescapable destination; a civilization unto itself. (...) the opportunity to mine this polymorphous new territory, to experiment with new ways of looking at, through, and beyond the screen (...)"

Rosalind Krauss. 'Grids'.1978. p.59 "If the window is the matrix of ambi-or multivalence, and the bars of the windows-the grid- are what help us to see, to focus on, this matrix, they are themselves the symbol of the symbolist work of art. They function as the multilevel representation through which the work of art can allude, and even reconstitute, the forms of Being."

Adrian Forty. 'Words and Buildings'. 2000 p.150 "From this, it is readily apparent that as far as Plato was concerned, forms
154

were always superior to things made in their resemblance.(...) Aristotele's sees this 'form' as like generic transmission between organic objects, not as an uncreated, indestructible pure objects of thought."

Sola Morales. 'Territórios'. 2003. p.116 "El ojo y el cérebro extienden cada vez mas los ámbitos a los que pueden acceder mediante protesis que perfeccionan y especializan diversos tipos de accesos a la realidad. Las simples gafas o el microscopio son ya un ejemplo claro de como accedemos a mundos visuales inaccesibles a nuestros ojos gracias a la mediación de la tecnología óptica de estos aparatos. Pero el mundo moderno, tecnología y acceso visual se encuentran en permanente proceso de diversificación y expansión. Accumulamos, reducimos, ampliamos y modificamos con técnicas que son por completo ajenas al proceso natural del ojo y que, sin embargo, nos proporcionan acceso a mundos visuales que forman parte de la realidad y sobre los que operamos permanentemente."

Adrian Forty. 'Words and Buildings'. 2000. p.150. "In making anything,(...) the maker follows the 'form', not things already existing. (...) he gives as an example a carpenter making a shuttle: 'And suppose the shuttle be broken in the making, will he make another, looking like the broken one? Or will he look to the form according to which he made the other?' The answer, of course, is to the latter; and Plato continues 'Might not that justly called the true or ideal shuttle?'"

William Mitchel. 'City of Bits'. 1995. p.31 "Once you break the bounds of your bag of skin in this way, you will also begin to blend into the architecture. In other words, some of your electronic organs may be built into your surroundings. (...) it is just a matter of what the organ is physically attached to, and that is of little importance in a wireless world where every electronic device has some built-in computation and telecommunications capacity. So "inhabitation" will take a new meaning – one that has less to do with parking your bones in architecturally defined space and more with connecting your nervous system to nearby electronic organs."

William Mitchel. 'City of Bits'. 1995. p.31 "In the world that we cyborgs inhabit, though, the electronic retinas of our video cameras produce shifts and fragments. Rooms and buildings now have new kinds of apertures; the scenes that we see through the glass are resealed and distant, the place on the other side may change from moment to moment, and the action may be a replay."

Kisho Kurokawa. 'Metabolism in Architecture'. 1977. p.75 "Architecture from now on will increasingly take on the character of equipment. This new elaborate device is not a 'facility', like a tool, but is a part to be integrated into a life pattern and has, in itself, an objective existence."

Neil Leach. 'Rethinking Architecture'. 330 "The location of a thing, in fact was no longer anything more than a point in its movement, its rest nothing but its movement slowed down infinitely. In other words, from Galileo onward, ever since the seventeenth century, localization was replaced by extension."

Gilles Deleuze. 'Thousand Plateaus'. 1995 - Rizoma p.5 "Nature doesn't work that way: in nature, roots are taproots with a more multiple, lateral, and circular system of ramification, rather than a dichotomous one. Thought lags behind nature. Even the book as a natural reality is a taproot, with its pivotal spine and surrounding leaves. But the book as a spiritual reality, the Tree or Root as an image, endlessly develops the law of the One that becomes two, then of the two that become four. . . Binary logic is the spiritual reality of the root-tree. . . This is as much as to say that this system of thought has never reached an understanding of multiplicity:

Jacques Derrida. 'Speech and Phenomena'. p.65 "(...) In an ideal sense, then, perception (impression) would be the phase of consciousness which constitutes the pure now, and memory every other phase of the continuity."

Antoine Picon. 'The City and the digital Sprawl'. p.204 "In this suspended state of perceptual present, the only historical perspective that remains is the threat of a final disaster, such a global warming. Provoking precisely the end of history, (...)"

William Mitchell. 'City of Bits'. 1996. p.64 "Early "live" radio and television shows carefully preserved the theatrical convention of definite performance time, but programmers soon learned tricks of repeating and time-shifting recorded performances and of mixing live and recorded material. With the development of networked interactive video, the show goes on anytime anybody wants it to."

Peter Sloterdijk. 'Sphären III'. p.98 "Individuals in their individualistic regime become (...) subjects who fall (...) under its reflecting self-completing function. (...) under the illusion that they could play both parts in the game of the bipolar relationship sphere, without the need for a real other. This illusion obscures itself in the course of the history of European media and mentality (...)"

Jacques Derrida. 'Speech and Phenomena'. p.65 "Further he writes: In an ideal sense, then, perception (impression) would be the phase of consciousness which constitutes the pure now, and memory every other phase of the continuity. But this is just an ideal limit, something abstract which can be nothing for itself

William Mitchell. 'City of Bits'. 1996 p. 110 "Since copies of digital data are absolutely exact replicas of the originals, it doesn't matter if the originals get lost or destroyed."

Antoine Picon. 'The City and the digital Sprawl'. p.202 "The tension and contradiction... constitute the greatest problem of the conception of the city as a city of events. Its ultimate shortcoming remains the complex relation to memory and history. (...) The suspension of the historical and memorial dimension of architecture coincides with a larger crisis of the sense of

history.”

Guy Debord 'A sociedade do espetáculo'. 2012. p.73 “But even when such a society has developed a technology and a language and is already a product of its own history, it is conscious only of a perpetual present.”

Nicholas Mirzoeff. 'Introduction to Visual Culture' 1999. p.28 “The age of the “simulacrum”, that is to say, a copy with no original. The simulacrum was the final stage of the history of the image, moving from a state in which ‘it masks the absence of a basic reality’ to a new epoch in which ‘it bears no relation to any reality whatever: it is its own pure simulacrum’ (...) Behind this simulacrum lay ‘the murderous capacity of images, murderers of the real.’”

Jonathan Crary. 'Techniques of the Observer' 1990. p.19 “This automation of sight, occurring in many different domains, was a historical condition for the rebuilding of an observer fitted for the task of “spectacular” consumption.”

Antoine Picon. 'The City and the digital Sprawl'. p.195 “Allied with surveillance technologies, digital media present us with a “happening-spectacle” of our urban environment, from major events to minute occurrences (...) forecasts. (...) events as landmarks that can define our contemporary city as much as monuments do (...)

Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'. 1999. p.7 “Modernity, wherever it appears, does not occur without a shattering belief, without a discovery of the lack of reality in reality – a discovery linked to the invention of other realities”

Nicholas Mirzoeff. 'An Introduction to Visual Culture'. 1999. p.9 (...) the objects encountered in everyday life, including people, are simply bad copies of perfect ideal of those objects. He compared this reproduction as being like shadows cast by fire on a cave wall - you can see who or what cast the shadow, but the image is inevitably distorted from the original's appearance. In other words, everything we see in the “real” world is already a copy.”

Jessica Helfand. 'Screen'. 2001 p.10 “myth 01: the internet makes everyone a star (...) The Web services this very affliction by empowering users with a kind of carte blanche for rampant self-expression: every-one has a Webpage, everyone has an opinion, everyone is a star.”

Pier Aurelli. 'The Possibility of Absolute Architecture'. 2011. p.31 “These notions imply the integration and dissolution of difference, while the concept of the political and the concept of the formal indicate the possibility of the composition of difference by assuming the limits of parts as their constituency. Consequently, both the political and the formal contain the idea of the whole per via negativa, by virtue of being absolute parts.”

Rem Koolhaas. 'S,M,L,XL'. 1995. p.1257 “Instead of specific memories, the associations the Generic City mobilizes are general memories, memories of memories: if not all memories at the same time, then an abstract, token memory, a déjà vu that never ends, generic memory.”

Kenneth Frampton. 'Modern architecture'. 1980. p.123. “Raum means a place cleared or freed for settlement and lodging. A space is something that has been made room for, something that is cleared and free, namely within a boundary, Greek peras. A boundary is not that at which something stops but, as the Greeks recognized, the boundary is that from which it begins presencing.”

Rem Koolhaas. 'S,M,L,XL'. 1995. p.1253 “The generic city is on its way from horizontality to verticality. The skyscraper looks as if it will be the final, definitive typology. It has swallowed everything else. It can exist anywhere: in a rice field, or downtown – it makes no difference anymore. The towers no longer stand together, they are spaced so that they don't interact. Density in isolation is the ideal. [p.338] It is the product of a (new) world where sites are made, not found. At its best, it acquires a Platonic neutrality; it represents the point where pragmatism, through sheer rationality and efficiency, assumes an almost mystical status. (...) – that transcends the practical to emerge in a rarified existential domain of pure objectivity.”

Sola Morales. 'Territorios'. 2009. p.149. “(...) en nuestras ciudades lo visible es sólo una parte de lo invisible.”

